



Universidade de Aveiro  
2010

Departamento de Educação

**SACHA CRISTINE  
LIMA VIEIRA**

**PAREDES QUE SEPARAM GERAÇÕES: CRIANÇAS E  
IDOSOS EM INSTITUIÇÕES**





**SACHA CRISTINE  
LIMA VIEIRA**

**PAREDES QUE SEPARAM GERAÇÕES: CRIANÇAS E  
IDOSOS EM INSTITUIÇÕES**

Projecto apresentado à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação área de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Dra. Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro



**o júri**

presidente

Professor Doutor António Augusto Neto Mendes  
Professor auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Liliana Xavier Marques de Sousa  
Professora auxiliar com agregação da Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Fernando Ilídio Silva Ferreira  
Professor associado do Instituto de Educação da Universidade do Minho

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira  
Professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro



## **agradecimentos**

Por este espaço se revelar pequeno para a quantidade de agradecimentos que gostaria de fazer, quero assim mostrar a minha gratidão a todos aqueles que em qualquer lugar por onde passei, de uma forma ou outra, me ajudaram ao longo do caminho que me levou até aqui.

A todo o Centro Paroquial de São Bernardo, por me “abrir as portas” e assim tornar disponível a cooperação. Em especial, às crianças e aos idosos pelo sorriso com que sempre me receberam, e à Maria Madaíl pela colaboração e, acima de tudo, pela palavra “amiga”.

Um agradecimento especial vai para os meus pais, pela força que sempre me dão e pela base de apoio que representam na minha vida.

À Professora Rosa Madeira, pelas reflexões que fez surgir em mim e pelo tempo que me dedicou. À Professora Natália Abrantes, pela inspiração e “lufadas de ar” que deu ao meu percurso académico.

Ao Luís, por sempre me acompanhar e por nunca deixar de acreditar em mim. À Paula Soares, pelo seu coração do “tamanho do mundo”.

Por último, mas em nada menos importante, um grande obrigado a todos os meus amigos e, em especial, ao Marco pelos constantes incentivos.





## **palavras-chave**

Criança, idoso, gerações, institucionalização, intergeracionalidade, segmentação etária

## **resumo**

Um cenário de alterações demográficas e sociais tem vindo a evidenciar a importância de se promover relações intergeracionais benéficas e, consecutivamente, a solidariedade intergeracional. A par e passo com estas alterações, a institucionalização de crianças e idosos vai-se tornando uma prática cada vez mais comum e as oportunidades de convívio entre ambos têm vindo a ser, em parte, ameaçadas. A institucionalização é, por isso, problematizada no sentido de influenciar as oportunidades de convívio entre as gerações e, desse modo, afectar o modo como se relacionam. Em resposta a estas preocupações, e numa perspectiva de intervenção comunitária, surgiram os programas intergeracionais e os espaços multigeracionais.

O Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB) apareceu como uma potencial instituição multigeracional com um passado de actividades entre crianças e idosos e com uma vontade latente de dar continuidade às mesmas. Porém, simultaneamente, os profissionais sentiam que havia algumas barreiras colocadas quer ao nível dos participantes, como ao nível da organização e do funcionamento da própria instituição. Neste sentido, este projecto tenta compreender todo um contexto de desenvolvimento de actividades e de relações intergeracionais entre as crianças e os idosos. Para isso, recorreu-se a uma metodologia de investigação-acção participativa, através da qual se foram restituindo as vozes e as opiniões dos elementos que constituíam os grupos participantes (crianças, idosos, profissionais e pais/encarregados de educação).



**keywords**

Children, elder, generations, institutionalization, intergenerational, age segmentation

**abstract**

A whole context of demographical and social changes has highlighted the need of promoting better relations between generations and, consequently, intergenerational solidarity. Together with this scenario, the institutionalization of both children and elderly are becoming a more common trend, and hence, their opportunities for living together are being threatened in some extent. Institutionalization is therefore an issue in terms of inducing opportunities for interaction between different generations, and consequently, affecting the way they relate. In order to give answers to these concerns, and in a community intervention perspective, the intergenerational programs and the multigenerational sites arose.

The Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB) appeared as a potential multigenerational institution due to an active history of activities among children and older people, and with a latent desire to continue. However, and at the same time, the professionals felt that there were some walls placed both at the participant's level, and at the organizational and function level of the institution itself. This way, this project attempt to understand a holistic context of intergenerational relations and activities. To do so, it used a participative action research methodology, through which it tried to restore the voices from different involved groups (children, elderly people, professionals and parents).

<b>Capítulo 1: Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1.1 O caminho percorrido rumo às práticas intergeracionais</b>	<b>1</b>
1.1.1 Experiência como voluntária numa IPSS de composição multigeracional	1
1.1.2 O estágio Erasmus como uma forma de encontro com as práticas intergeracionais	2
1.1.3 O CPSB como forma de aprofundar e promover as práticas intergeracionais	3
<b>1.2 Estrutura do documento</b>	<b>4</b>
 <b>Capítulo 2: Enquadramento teórico</b>	 <b>7</b>
<b>2.1 O cenário demográfico, político e social das relações intergeracionais</b>	<b>7</b>
2.1.1 Envelhecimento da população: incidindo sobre o contexto português	9
2.1.2 A condição social da velhice	10
2.1.3 Políticas e respostas sociais para a velhice num cenário de envelhecimento da população <i>A previdência social e as pensões para a pessoa idosa em Portugal</i> <i>Um apelo à solidariedade entre gerações</i>	12
2.1.4 Alterações na estrutura familiar <i>Alterações demográficas e as relações intergeracionais na família</i> <i>A relação avó-neto</i>	16
2.1.5 O idadismo e o bem-estar social de crianças e idosos	18
<b>2.2 A institucionalização da infância e da velhice</b>	<b>20</b>
2.2.1 A infância e a institucionalização	21
2.2.2 A velhice e a institucionalização <i>Cuidados formais e informais de apoio ao idoso</i> <i>O envolvimento social e a solidão no idoso</i>	22
2.2.3 A institucionalização e a separação etária: um reforço do idadismo?	28
<b>2.3 A intergeracionalidade nas instituições para crianças e idosos</b>	<b>29</b>
2.3.1 A intergeracionalidade e as práticas intergeracionais entre crianças e idosos	31
2.3.2 Práticas intergeracionais em Portugal: os primeiros passos	32
2.3.3 Educação sob uma perspectiva intergeracional: as instituições multigeracionais	33
2.3.4 Educação para o envelhecimento: a diversidade através da intergeracionalidade <i>O idadismo na infância: socialização e construção de estereótipos na infância</i> <i>Educação Intergeracional e a redução do idadismo</i>	34

<b>Capítulo 3: O Centro Paroquial de São Bernardo: a multigeracionalidade e a intergeracionalidade numa IPSS</b>	<b>39</b>
<b>3.1 O Centro Paroquial de São Bernardo: um espaço multigeracional</b>	<b>39</b>
<b>3.2 As alterações demográficas e a estrutura familiar em São Bernardo</b>	<b>40</b>
<b>3.3 O Centro Paroquial de São Bernardo e as práticas intergeracionais</b>	<b>42</b>
3.3.1 A intergeracionalidade no Projecto da Instituição	42
3.3.2 Um passado de iniciativas intergeracionais	43
3.3.3 Uma vontade de promover a intergeracionalidade: a participação na iniciativa Entre Gerações	44
 <b>Capítulo 4: As opções metodológicas num contexto de diversidade</b>	 <b>47</b>
<b>4.1 Os objectivos que foram emergindo da progressiva compreensão do contexto</b>	<b>47</b>
<b>4.2 A opção pela investigação-acção participativa</b>	<b>49</b>
<b>4.3 A investigação com as crianças</b>	<b>50</b>
4.3.1 A utilização de técnicas participativas como forma de diálogo com as crianças	52
<b>4.4 Investigação com os idosos: a animação sociocultural como suporte à participação</b>	<b>52</b>
<b>4.5 Os grupos participantes e a sua constituição</b>	<b>53</b>
4.5.1 O grupo das crianças	54
4.5.2 O grupo dos idosos	54
4.5.3 O grupo dos profissionais	58
4.5.4 O grupo dos pais/encarregados de educação	59
<b>4.6 A construção de um caminho de escuta e de diálogo: os procedimentos técnicos e éticos</b>	<b>59</b>
4.6.1 A entrada no terreno	59
4.6.2 A constituição dos grupos participantes	60
4.6.3 Instrumentos e técnicas comuns a todo o processo	62
<i>Diário de campo</i>	
<i>Observação Participante</i>	
4.6.4 Fase I: Estudos exploratórios	63
<i>Actividades e conversas com o grupo de crianças e com o grupo de idosos</i>	
<i>Questionários aos pais/encarregados de educação</i>	
4.6.5 Fase II: Conversas sobre as actividades intergeracionais realizadas pelo CPSB	67
<i>As conversas com os grupos participantes</i>	
<i>Os lugares das conversas</i>	

---

4.6.6 Fase III: Dinâmica de grupo com a equipa de profissionais - reflectindo sobre as práticas intergeracionais	70
<b>Capítulo 5: A co-construção de um contexto de relações e actividades intergeracionais</b>	<b>73</b>
<b>5.1 As relações intergeracionais no meio familiar</b>	<b>73</b>
5.1.1 Formas de habitar e de conviver	73
5.1.2 A solidariedade intergeracional	75
5.1.3 Relação das crianças com os avós e bisavós	76
5.1.4 Papel dos avós	77
5.1.5 Factores de influência nas oportunidades de convívio entre as crianças e os avós	79
5.1.6 As visitas entre as crianças e os avós	79
5.1.7 A relação dos idosos com os netos e bisnetos	80
<i>Importância na qualidade de vida dos idosos</i>	
<i>Factores de influência nas oportunidades de convívio entre os idosos e os netos/bisnetos</i>	
<b>5.2 As imagens e estereótipos entre crianças e idosos</b>	<b>83</b>
5.2.1 A imagem das crianças em relação aos avós, aos idosos e à velhice	83
5.2.2 A imagem dos idosos em relação aos netos, às crianças e à infância	85
<b>5.3 A institucionalização de crianças e de idosos</b>	<b>87</b>
5.3.1 Alterações a nível social e familiar e a institucionalização	87
5.3.2 As relações intergeracionais familiares dentro do CPSB	89
<b>5.4 As actividades intergeracionais entre crianças e idosos</b>	<b>90</b>
5.4.1 A relação criança-idoso	91
5.4.2 O (des)conhecimento da velhice nas crianças	92
5.4.3 O papel das crianças e dos idosos nas trocas intergeracionais	96
<i>Enriquecimento das aprendizagens e desenvolvimento da criança</i>	
<i>Valorização e preservação do passado pelas crianças</i>	
<i>Complemento à educação dada pelos pais</i>	
<i>Inclusão dos idosos na sociedade</i>	
<i>Alegria de viver e a recordação do passado</i>	
5.4.4 O bem-estar, a participação social e a auto-valorização dos idosos	100
<b>5.5 As barreiras ao convívio e às actividades intergeracionais</b>	<b>103</b>
5.5.1 Factores relacionados com o contexto institucional	103
<i>Regras, organização e funcionamento da instituição</i>	
<i>Incompatibilidades nas rotinas e no planeamento de actividades em conjunto</i>	
<i>Barreiras ambientais e arquitectónicas</i>	

5.5.2 Factores relacionados com os participantes	108
--------------------------------------------------	-----

*As crianças*

*Os idosos*

*Os profissionais*

<b>Capítulo 6: Conclusão</b>	<b>115</b>
------------------------------	------------

6.1 Conclusões para uma resignificação das práticas intergeracionais	115
----------------------------------------------------------------------	-----

6.2 Limitações no desenvolvimento do projecto	119
-----------------------------------------------	-----

6.3 Contributos futuros do projecto	120
-------------------------------------	-----

<b>Referências bibliográficas</b>	<b>121</b>
-----------------------------------	------------

<b>Anexos</b>	<b>125</b>
---------------	------------

---

## Lista de Anexos

---

<b>Anexo 1.A:</b> Resumo de projectos: <i>Gedeelde Werelden</i> e <i>Sloebercity</i>	127
<b>Anexo 1.B:</b> Programa Entre Gerações da Fundação Calouste Gulbenkian	129
<b>Anexo 2.A:</b> O envelhecimento da população entre 1950 e 2050	131
<b>Anexo 2.B:</b> A evolução da população portuguesa entre 1991 e 2001	133
<b>Anexo 2.C:</b> Princípios teóricos da prática intergeracional considerados no Projecto Viver	135
<b>Anexo 2.D:</b> Estudos avaliadores de atitudes na infância face ao envelhecimento	137
<b>Anexo 3.A:</b> Evolução populacional no concelho de Aveiro	139
<b>Anexo 4.A:</b> Participação das crianças nas actividades ao longo do Projecto	141
<b>Anexo 4.B:</b> Questionário sobre o contacto intergeracional	143
<b>Anexo 4.C:</b> Guiões das entrevistas centradas	145
<b>Anexo 4.D:</b> Quadros-resumo relativos às conversas com os idosos	147
<b>Anexo 5.A:</b> Dados relativos ao número de avós e bisavós das crianças	149
<b>Anexo 5.B:</b> Dados dos idosos sobre o número de netos, bisnetos e trinetos	151
<b>Anexo 5.C:</b> Dados sobre a frequência de contacto das crianças com os avós e bisavós	153



## Lista de acrónimos

---

**CATL:** Centro de Actividades de Tempos Livres

**CCE:** Comissão para as Comunidades Europeias

**CPSB:** Centro Paroquial de São Bernardo

**FCG:** Fundação Calouste Gulbenkian

**INPEA:** International Network for the Prevention of Elder Abuse

**IPSS:** Instituição Particular de Solidariedade Social

**OCDE:** Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

**OMS:** Organização Mundial de Saúde

**ONU:** Organização das Nações Unidas

# Capítulo 1

## Introdução

### 1.1 O caminho percorrido rumo às práticas intergeracionais

#### 1.1.1 Experiência como voluntária numa IPSS de composição multigeracional

O interesse e a preocupação pela área da intergeracionalidade, tema que motiva e fundamenta a escrita deste projecto de mestrado, espoletou em mim aquando de uma experiência como voluntária numa IPSS do concelho de Aveiro durante o período de Novembro de 2008 a Junho de 2009 (i.e. durante o 1.º ano do curso de Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária). Esta instituição, funcionando somente num único edifício, era constituída tanto por valências destinadas à infância (pré-escolar e CATL), como destinadas à pessoa idosa (centro de dia), conferindo-lhe um carácter multigeracional. Contudo, e apesar de ambas as valências partilharem alguns espaços físicos, como por exemplo o refeitório ou o espaço exterior, durante as visitas que fazia ao centro de dia, verifiquei que o contacto entre as crianças e os idosos era muito reduzido ou praticamente inexistente.

Quanto mais observava e reflectia acerca dos comportamentos dos intervenientes, mais concluía e assumia que o que separava estes dois grupos era bem mais do que apenas anos de vida. De facto, após algumas semanas, tornou-se evidente para mim que eram os próprios princípios de funcionamento da instituição que constituíam barreiras à intergeracionalidade. Por exemplo, e citando uma situação específica, embora as horas das refeições de ambos os grupos etários fossem coincidentes, não havia quaisquer indícios reveladores da existência de algum tipo de

ligação ou afinidade entre eles. Desta forma, comecei a problematizar a temática da institucionalização de crianças e idosos como uma forma de segmentação etária da sociedade que proporciona um afastamento entre gerações, iniciando um longo percurso de leitura, de análise e de debate pessoal, que me acompanhou na redacção deste documento.

### **1.1.2 O estágio Erasmus como uma forma de encontro com as práticas intergeracionais**

Após o período de voluntariado descrito anteriormente, durante o qual efectuei também uma pesquisa em livros e *Internet*, e mantive interessantes conversas e discussões com alguns professores acerca do tema, verifiquei que este era muito pouco explorado a nível nacional. Por outro lado, e ao mesmo tempo que tudo isto acontecia, surgia em mim a necessidade de aprender com alguém que tivesse trabalhado na área das relações intergeracionais entre crianças e idosos, ou melhor, de experienciar ou participar activamente numa actividade com estas mesmas características.

Foi precisamente neste contexto que surgiu a oportunidade de fazer um estágio Erasmus no Centro de Recursos e Investigação para os Cuidados e Educação na Primeira Infância (VBJK<sup>1</sup>), na cidade de Gent, Bélgica, o qual aconteceu entre Novembro de 2009 e Fevereiro de 2010 (i.e. durante o 2.º ano do curso de Mestrado em Ciências da Educação, com especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária). Convém esclarecer que este Centro não trabalhava especificamente na área da intergeracionalidade, mas por sua vez possuía a vantagem de apresentar uma óptima rede de contactos em redor do tema, o que me permitiu encontrar profissionais com larga experiência. O contacto com os diferentes projectos através dos respectivos responsáveis, ou de outros envolvidos, foi feito gradualmente ao longo dos três meses de estágio. Semana após semana, um novo projecto, iniciativa, actividade ou outra fonte de informação ia surgindo, e quanto mais se esmiuçava o terreno, mais possibilidades ia descobrindo (consultar anexo 1.A). Foi também deste modo que tomei conhecimento da existência da Fundação do Rei Baudouin<sup>2</sup> na Bélgica, a qual, em 2006, tinha tomado a iniciativa de financiar anualmente projectos intergeracionais com o intuito de promover a solidariedade entre as gerações na Bélgica. Devido a esta iniciativa, nesse ano surgiram inúmeros projectos de cariz intergeracional que incluíam diferentes grupos geracionais, como: bebés, crianças, jovens, adultos e idosos.

---

<sup>1</sup> *Expertisecentrum voor opvoeding en kinderopvang.*

<sup>2</sup> Fundação do Rei Baudouin é uma fundação independente e pluralista, que procura formas sustentáveis de promover a justiça, a democracia e o respeito pela diversidade. Está sedada em Bruxelas, embora apoie projectos além das fronteiras da Bélgica e da Europa.

Este estágio revelou-se assim um momento de aprendizagem e de experiência muito importante, pois possibilitou os primeiros passos da caminhada em termos práticos. Convém frisar que alguns aspectos mostraram-se particularmente relevantes e, desse modo, algumas das opções técnicas consideradas neste projecto basearam-se em aprendizagens feitas durante este estágio e das conclusões alcançadas a partir do mesmo.

### **1.1.3 O CPSB como forma de aprofundar e promover as práticas intergeracionais**

No momento em que voltei a Aveiro, no início de Fevereiro de 2010, optei por propor a elaboração de um projecto de investigação a uma instituição que se equiparasse àquela onde eu havia colaborado enquanto voluntária. Ou seja, uma instituição de composição multigeracional que prestasse serviços sociais e educativos a crianças e a idosos.

A questão da institucionalização de crianças e de idosos como forma de segregação etária e a consequente separação das gerações, que havia sido problematizada durante o período de voluntariado, levantou outras preocupações num contexto holístico de desenvolvimento das práticas intergeracionais na instituição. Embora as instituições de composição multigeracional pudessem constituir um dos meios para alcançar os pressupostos da intergeracionalidade, havia-se anteriormente constatado que o facto de crianças e de idosos partilharem um mesmo edifício ou instituição não significava à partida que as boas relações entre crianças e idosos estivessem asseguradas.

Assim, surgiu o Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB), uma IPSS composta por valências para a infância e para o idoso com um passado de iniciativas intergeracionais esporádicas e com uma vontade latente de dar continuidade às mesmas. Esta vontade era revelada pela candidatura à iniciativa Entre Gerações (consultar anexo 1.B), no âmbito de um programa da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>3</sup> (FCG); e também pela intenção de elaboração de um único Projecto da Instituição, ao invés da realização de projectos educativos distintos para cada uma das valências. Deste modo, o CPSB pretendia inserir-se numa lógica de promoção das relações entre os dois grupos geracionais que a constituem e, consequentemente, de uma maior solidariedade intergeracional.

Simultaneamente, os profissionais sentiam que existiam obstáculos que se colocavam perante as tentativas de reforçar as relações intergeracionais entre as crianças e os idosos, quer ao nível da

---

<sup>3</sup> A Fundação Calouste Gulbenkian é uma fundação internacional, interessada em questões culturais, educacionais e sociais e que tem como um dos seus objectivos interligar e enriquecer as experiências dos indivíduos, famílias e comunidades.

existência de estereótipos entre os mesmos, da inexistência de um espaço adequado para as actividades entre os dois grupos, como ao nível da organização e formas de funcionamento de cada uma das valências. Portanto, a elaboração de um projecto de investigação foi-se tornando mais clara e mais pertinente por motivos que emergiram da combinação do estudo da literatura com o progressivo conhecimento desse contexto. Deste modo, e no cruzamento das várias preocupações, colocaram-se questões para as quais se pretendeu encontrar as respostas ao longo do desenvolvimento deste projecto:

- Será a institucionalização de crianças e de idosos um obstáculo às oportunidades de convívio entre ambos os grupos geracionais?
- A institucionalização de crianças e idosos, na medida em que segmenta grupos geracionais, poderá ser um dos responsáveis pela construção ou pelo reforço de estereótipos entre os grupos?
- As instituições de composição multigeracional poderão atenuar os efeitos da institucionalização ao nível das oportunidades de convívio e das relações entre gerações?
- Existirão obstáculos à promoção da intergeracionalidade em instituições de composição multigeracional? Quais serão eles?

## 1.2 Estrutura do documento

O documento que aqui se apresenta, para além de ter contado com a participação de vários grupos, emerge também do contexto da instituição. Divide-se em seis grandes capítulos e no presente capítulo introdutório, o primeiro, referem-se as razões motivacionais que fundamentaram a realização deste Projecto, bem como os primeiros passos dados na área da intergeracionalidade até ao encontro com o CPSB. No segundo capítulo (“Enquadramento teórico”), encontra-se o quadro teórico que emergiu ao longo do caminho percorrido e apresentam-se as temáticas mais pertinentes à compreensão da problemática. Portanto, começa-se por abordar todo um cenário de alterações demográficas e sociais que fundamentam a existência de programas intergeracionais; problematiza-se a institucionalização de crianças e de idosos como forma de segmentação etária, passando pela influência da mesma ao nível das oportunidades de convívio dos dois grupos geracionais; e finaliza-se com a perspetivação dos programas intergeracionais como forma de “permeabilizar as paredes” das instituições sociais e educativas e como um dos caminhos para a promoção da educação para o envelhecimento.

No terceiro capítulo (“O Centro Paroquial de São Bernardo: a multigeracionalidade e a intergeracionalidade numa IPSS”), o CPSB é apresentado enquanto uma instituição multigeracional regida, em parte, por alguns pressupostos da intergeracionalidade. Neste, são também descritas algumas das actividades desenvolvidas, bem como a candidatura à iniciativa Entre Gerações da FCG.

De seguida, no capítulo quatro (“As opções metodológicas num contexto de diversidade”) descreve-se a metodologia utilizada e os procedimentos técnicos e éticos considerados na concretização do projecto, e apresentam-se os vários grupos participantes. Neste capítulo, são ainda descritas e fundamentadas as várias fases que constituíram o projecto.

“A co-construção de um contexto de relações e actividades intergeracionais”, tema tratado no capítulo cinco, apresenta-se a análise concretizada a partir dos dados gerados durante o trabalho de campo com os vários grupos participantes. Por fim, no capítulo seis (“Conclusões para uma ressignificação das práticas intergeracionais”), é apresentada toda uma reflexão que foi emergindo ao longo do desenvolvimento deste trabalho e que se expõe enquanto desafio a futuras práticas intergeracionais.

Espera-se que todo o trabalho aqui desenvolvido, embora específico a uma realidade, possa servir como forma de reflexão e de construção de futuras práticas intergeracionais ao nível de outros contextos institucionais que podem, ou não, ser multigeracionais. Ao nível da Educação Social, deseja-se ainda que o mesmo contribua para uma transformação das formas de perspectivar e de tratar as crianças e os idosos enquanto grupos geracionais, que embora institucionalizados, possuem voz e vidas individuais que devem ser valorizadas.



# Capítulo 2

## Enquadramento teórico

### 2.1 O cenário demográfico, político e social das relações intergeracionais

*“O envelhecimento é uma questão das gerações, mas também uma questão a ser resolvida com as gerações” (Walker, 2006)*

Ao longo do tempo o mundo tem sofrido constantes mutações em diferentes campos como a demografia, a economia, a estrutura familiar ou as relações sociais, as quais serão aprofundadamente exploradas neste capítulo. As questões demográficas como a redução da natalidade ou o aumento da esperança média de vida, e o consequente envelhecimento da população, constituíram alguns factores significativos para a ocorrência destas alterações. Alguns dos resultados quantificáveis desta transformação foram: o aumento do número de famílias com mais avós do que netos; o aumento do tempo de convivência entre as crianças e os avós, dado que as relações entre avós-netos podem durar entre três a quatro décadas; bem como o aumento do número de idosos dependentes e a necessitarem de serviços sociais e de cuidados, ou seja, de idosos em situações de institucionalização.

A entrada da mulher no mercado de trabalho foi também um dos aspectos determinantes nestas questões, já que era ela a principal responsável pelas actividades de cuidado e de educação



destes dois grupos etários. Desde então, crianças e idosos não voltaram a ter o mesmo tipo de assistência assegurado pela família. Neste sentido, os equipamentos sociais (i.e. serviços sociais e educativos de apoio e cuidado a crianças e idosos) surgiram como resposta a este fenómeno social e desse modo têm vindo a desenvolver-se de inúmeras formas.

À medida que a institucionalização se torna uma regularidade são cada vez mais as crianças e os idosos a frequentarem contextos institucionais educativos e de cuidados, como também a passar mais tempo em instituições. Por esta razão, a institucionalização de crianças e idosos tem aumentado gradualmente e tem revelado os seus próprios resultados para o seu quotidiano. Tal como é de esperar, alterações na vida social destes dois grupos geracionais podem acontecer, especialmente ao nível das relações e do convívio entre ambos. Neste sentido, o isolamento social, nomeadamente nos serviços de cuidados para idosos, poderá ser uma das consequências na medida em que muitas destas instituições se fecham dentro das suas “paredes”, não abrindo portas a outros grupos geracionais nem à restante comunidade.

Todas estas alterações têm influenciado directamente a forma como as pessoas vivem e interagem, e acima de tudo, as relações que se estabelecem entre indivíduos dentro ou fora de um ambiente familiar. Assim, na medida em que as alterações demográficas se tornam aspectos relevantes na estrutura e vida familiar, as relações entre crianças e idosos também vão recebendo maior atenção e vão, conseqüentemente, tornando-se mais importantes. Neste sentido, de acordo com Andrade (2002), considera-se que *“As informações relacionadas com as questões demográficas e as políticas sociais justificam a necessidade de educar para uma fase da vida que afinal está a sofrer profundas reformulações para as quais temos de nos preparar e as quais temos de saber aproveitar da melhor maneira”*.

Todos estes aspectos representam desafios recentes, para os quais os países mais desenvolvidos têm tentado encontrar respostas. Lima (2010) afirma *“a capacidade de darmos resposta e (alternativas) às necessidades da população idosa depende da nossa aptidão para lidarmos de forma criativa com os novos e velhos desafios”*. Assim sendo, novas estratégias têm sido encontradas, incluindo a criação e promoção de programas ou actividades intergeracionais, bem como a criação de espaços multigeracionais, os quais têm sido desenvolvidos de acordo com as alterações demográficas, sociais, políticas e culturais que prevaleceram em diferentes países por todo o mundo ao longo das últimas seis décadas.

Alguns destes programas emergiram através do campo da intervenção comunitária e constituíram uma forma de criar ligação entre as instituições para crianças e para os idosos, como também entre as instituições e a comunidade. Por sua vez, estes programas não são limitados a simples actividades entre duas gerações distintas, mas têm como principal objectivo “deitar abaixo as paredes” que separam as instituições e os serviços, bem como combater outras barreiras que separam as gerações. Tal como afirma com Ferreira (2008), *“os programas intergeracionais, muitos deles de natureza comunitária, são veículos para o intercâmbio concreto e continuado de recursos e de aprendizagem entre as gerações idosas e as mais jovens visando alcançar benefícios mútuos, individuais e sociais”*. Dessa forma, estas iniciativas têm tentado atenuar o fosso que se prevê cada vez maior entre as diferentes gerações, desenvolvendo-se progressivamente e por variadas formas.

### **2.1.1 Envelhecimento da população: incidindo sobre o contexto português**

Desde 1950, tem-se assistido a uma grande alteração na estrutura demográfica, especialmente devido ao aumento da esperança média de vida e à diminuição da taxa de natalidade, resultando em grandes modificações a nível social. Segundo a Population Division (2002), *“O envelhecimento da população global é um subproduto da transição demográfica na qual, simultaneamente, a mortalidade e a fertilidade caem dos níveis elevados para os mais baixos”* (ver anexo 2.A). Ou seja, para além do aumento da esperança média de vida, assiste-se também ao declínio da fecundidade (Observatório Permanente de Desenvolvimento Social; *in* Horizontes Sociais, 2002). Deste modo, o envelhecimento demográfico é resultado da modificação da estrutura etária da população, o qual pode ser de topo e/ou de base. O primeiro trata-se de um aumento relativo da população idosa no topo da pirâmide; enquanto o segundo se refere a uma descida relativa da população jovem na base da pirâmide.

De acordo com dados da Eurostat (2009), *“Hoje, há uma pessoa idosa por cada quatro indivíduos na idade activa (15-64). Em 2060, espera-se que o rácio seja de um idoso para duas pessoas na idade activa”* (*in* Lima, 2010). Deste modo, os indivíduos de idade mais avançada (i.e. com 80 ou mais anos) constituem-se como o grupo etário de maior crescimento (OMS, 2001) estimando-se um aumento mundial de, aproximadamente, 69 milhões no ano 2000, para 377 milhões em 2050 (Chachamovich, Fleck, Trentini, & Power, 2008; *in* Lima, 2010). Com isto pode-se inferir que se assiste actualmente a um aumento do número de idosos mas, sobretudo, dos idosos mais velhos.

Também a nível nacional o problema do envelhecimento da população é evidente. Em Portugal, em 2001, assistiu-se a um aumento populacional de 5%, sendo que a população residente, em dez anos, passou de 9.867.147 (em 1991) pessoas para 10.356.117 (em 2001), verificando-se um aumento substancial das pessoas com 65 e mais anos de idade (consultar anexo 2.B). Para além disso, a estrutura demográfica da população portuguesa apresenta já características de duplo envelhecimento, manifestando os dois tipos de envelhecimento referidos anteriormente (i.e. o de topo e o de base) (Malainho; *in* REAPN, 2008).

De acordo com Frangueiro (*in* REAPN, 2008), “*Actualmente, residem em Portugal cerca de um milhão e oitocentas mil pessoas, com 65 e mais anos*”, ou seja, cerca de 17% da população total residente em Portugal. Além disso, as projecções conhecidas relativamente à evolução da população nacional nas próximas décadas apontam para uma duplicação do peso da população com idade superior a 65 anos. Esta realidade, por sua vez, será acompanhada de uma evolução significativa no número de anos de vida esperados ao atingir os 65 anos (Frangueiro, *in* REAPN, 2008). A par disto, e como já foi referido, são os idosos acima dos 80 anos que constituem o grupo cujas taxas populacionais que estão em maior crescimento. Também são eles que revelam maior propensão à doença e à dependência, pelo que as questões de institucionalização e das pensões sociais para a velhice se tornam ainda mais preocupantes.

### **2.1.2 A condição social da velhice**

Desde a revolução industrial, por volta do século XIX, que a velhice esteve associada à incapacidade para o trabalho, bem como à pobreza, pelo que os idosos eram colocados na categoria dos indigentes. Não havia uma intervenção dirigida especificamente à velhice, na medida em que ela não existia como uma categoria social; era a designada “velhice invisível” (termo usado por Guillemard, 1980; *in* Veloso, 2007). Contudo, mais tarde, com a constituição e generalização dos sistemas de reforma, houve grandes alterações que contribuíram para alterar o modo de perspectivar a velhice, levando a que ela passasse a ser associada à reforma (Veloso, 2007).

De acordo com a mesma autora, “*A velhice deixou de estar associada a uma incapacidade para trabalhar para ser entendida como uma «inactividade pensionada»*”. A situação de reforma, ao passar a ser uma condição comum a um determinado grupo etário, conferiu-lhe identidade e tornou-o identificável. A reforma passou assim a funcionar como mecanismo social e a velhice começou a ser representada como homogénea, ou seja, como um grupo identificado que é

resultado da institucionalização da reforma. Desta nova forma de percepcionar a velhice surgiu a designação “terceira idade” (Guillemard, 1980; *in* Veloso, 2007).

No entanto, e segundo Andrade (2002), “*se falássemos em terceira idade, neste momento em que se pode viver tantos anos depois dos sessenta e cinco, então teríamos de ter não só uma quarta, como uma quinta e quem sabe se outras mais*”. Esta ideia da existência de mais idades para além da terceira, baseada no progressivo aumento da esperança média de vida, remete para a heterogeneidade da velhice. Neste sentido, o termo velhice apresenta-se como mais abrangente que o termo terceira idade, pois considera diferentes momentos da fase mais avançada da vida adulta. Levinson (1978) considera que se simplifica demais quando se encara essa fase como uma mesma era do ciclo de vida e, assim, propõe que se distingam dois períodos, um que vai dos 60/65 aos 80/85 anos (i.e. o grupo dos jovens velhos - *jeunes vieux*), e outro que tem início mais ou menos aos 80 anos (i.e. o grupo dos velhos propriamente ditos - *les vieillards*) (*in* Andrade, 2002).

Além disso, pode-se considerar que envelhecemos desde o dia em que nascemos, pelo que há que substituir a noção de “ser idoso”, pela de “ir ficando idoso” ou “ir envelhecendo”. “*Ninguém fica velho da noite para o dia: não se é velho, vai-se envelhecendo*” (Bytheway *et al.*, 1989; *in* Andrade, 2002). Assim, o envelhecimento diz respeito a um processo que ocorre ao longo da nossa vida, desde a concepção até à morte; enquanto a velhice é uma fase da vida, designando-se por idoso o indivíduo que se encontra neste período da vida (Lima, 2010). A velhice apresenta-se, portanto, como uma tradução sociológica, cultural e política do fenómeno do envelhecimento (Andrade, 2002); e, de acordo com Bourdieu (1980), a idade é uma variável biológica socialmente manipulada.

Muitos são os que acreditam que a senilidade, a falta de memória, as doenças crónicas, o cansaço e o ir acabar os dias numa instituição, são consequências inevitáveis da velhice. Contudo, importa esclarecer que não há nenhuma doença chamada envelhecimento (Andrade, 2002). A maioria dos problemas ligados ao envelhecimento não está relacionada com a perda de funções cognitivas, mas sobretudo com outro tipo de problemas, tais como: a perda de papéis (filhos que saem de casa, reforma, viuvez, etc); a doença; o cansaço; o desenraizamento; entre outras situações que vão dificultando a adaptação das pessoas idosas.

Um assunto pertinente na questão da vida social e emocional do idoso é a constante mudança e consequente perda de identidade. Erikson (1984), ao contrário da vulgar associação da velhice à

---

infância, refere alguma da sua proximidade com a adolescência, *“Tal como o adolescente, o idoso atravessa uma séria crise de identidade. Parece deixar de ter identidade, de ser alguém e de saber-se quem é, quando, na maioria das vezes à força, se afasta da sua casa, do seu bairro, dos seus hábitos.”* (in Andrade, 2002). Portanto, ao deixar de ter significado para os outros (os amigos, os vizinhos, a família e as pessoas que o rodeiam) acaba também por deixar de o ter para si próprio. Estas perdas podem ser reforçadas pela institucionalização ou pela necessidade de mudar de residência, devido à morte do cônjuge, amigos ou familiares, as quais levam à perda/afastamento das pessoas ou pertences aos quais o indivíduo se vincula e que constituem as suas memórias, a sua vida.

Todavia, para além dessa perda progressiva de papéis, Levinson (1978) lembra que *“ao longo do envelhecimento, continua a dar-se o desenvolvimento psicossocial”*; pelo que se o idoso conseguir manter a sua vitalidade, poderá continuar envolvido na vida social, fazendo de si um exemplo de sabedoria e grandeza para os outros (in Andrade, 2002). Para isso, há a necessidade de estímulo efectivo às capacidades da pessoa idosa, mantendo o seu papel social como pessoa capaz, para esta não ser conduzida a um ciclo de vida negativo (adopção de um papel de doente e dependente) (Rodrigues, in REAPN, 2008).

### **2.1.3 Políticas e respostas sociais para a velhice num cenário de envelhecimento da população**

#### *A previdência social e as pensões para a pessoa idosa em Portugal*

Como já foi referido anteriormente, o Estado liberal agrupava os velhos na grande categoria de pobres, internava-os nos asilos, ou concedia-lhes licença para mendigar, pelo que a protecção social era praticamente inexistente ou insuficiente. Só em 1969 se começou a reflectir em Portugal sobre esta nova forma de tratar a velhice, tendo como padrão a política de terceira idade francesa. Com o 25 de Abril de 1974, iniciaram-se as transformações ao nível da protecção social (i.e. pretensão de implantação de um sistema de segurança social), levando a que no Estado Novo a previdência social implementada assentasse no vínculo laboral, permitindo uma certa protecção de alguns riscos sociais e de situações como a velhice.

Com a Constituição da República, em 1976, foi reconhecido aos mais velhos o direito a uma vida digna e participativa, com o intuito de acabar com uma situação de exclusão social. Desta forma, novas formas de intervir e de tratar a velhice foram sendo pensadas e, entre 1976 e 1985, houve uma transformação dos asilos em lares e uma emergência de serviços e de instituições para a

terceira idade. Entretanto, em 1984, é aprovada a Lei-Quadro da Segurança Social acarretando a generalização das reformas. A partir desse momento, e de acordo com a legislação, os idosos que não tinham qualquer vínculo laboral passaram a ter acesso a uma pensão social por velhice. Esta situação, por sua vez, resultou num elevado número de pensionistas por velhice, tendo-se registado uma transformação objectiva que levou à institucionalização da velhice como problema social (Veloso, 2007).

Existem diferentes formas de desenvolver programas de cuidado a pessoas idosas, dependendo dos países e dos aspectos culturais e económicos de cada um deles. Em Portugal, como se pode verificar através do que foi aqui referido, as políticas sociais macro para a velhice, caracterizadas pela sua quase total centralização na Segurança Social, assentam num modelo assistencialista, sendo operadas essencialmente através de protocolos com Instituições Privadas de Solidariedade Social (IPSS). Neste sentido, a definição de políticas sociais está associada a uma orientação *top-down* (i.e. de cima para baixo), tornando-se difícil uma orientação *bottom-up* (i.e. de baixo para cima). Associada a esta orientação *top-down*, encontra-se uma preferência pela institucionalização, daí a opção por equipamentos institucionais (como Lares de Idosos e o Programas de Cuidados Continuados de Internamento), em vez de programas comunitários (como o Serviço de Apoio Domiciliário, Centros de Dia e o Programa de Cuidados Continuados Comunitários) (Martin & Lopes; *in* REAPN, 2008).

A Population Division (2002) afirma que *“As profundas, persistentes e duradouras consequências de uma população envelhecida representam enormes oportunidades assim como enormes desafios para todas as sociedades”*. O facto de nos nossos dias a um envelhecimento demográfico em franco crescimento estar associado um Estado-Providência em expansão contribui para a crescente importância e para a abrangência das políticas sociais da velhice. Estes desafios, por sua vez, pressupõem a diversificação de possibilidades e de ofertas (a todos os níveis), ou seja, a uma maior diversificação das políticas sociais para a velhice, tendo em conta a grande heterogeneidade interpessoal na idade adulta avançada.

#### *Um apelo à solidariedade entre gerações*

Dados e projecções revelam que as pessoas idosas se encontram entre os grupos mais discriminados e mais excluídos da população (Relatório Conjunto sobre Protecção Social e Inclusão Social da UE, 2007; *in* REAPN, 2008). Contudo, ao contrário do que deveria acontecer, nem sempre os idosos se encontram no topo das prioridades das políticas sociais. Segundo

Kucharczyk (REAPN, 2008), *“A combinação de vários factores tais como: o baixo rendimento, saúde débil, discriminação com base na idade, incapacidade física ou mental, isolamento, abuso e acesso limitado aos serviços, contribuem ainda mais para o aumento do risco de pobreza e exclusão social deste grupo”*. O mesmo se verifica ao nível da infância, o qual se encontra lado a lado com a velhice como os dois grupos sociais mais pobres da UE (REAPN, 2008).

Tal como afirma Malainho (2008), *“Com o aumento progressivo do número de pessoas idosas, sobretudo das muito idosas, estudos revelam que tem aumentado também a probabilidade de ocorrência de situações de dependência física, psíquica e social.”* (Malainho; in REAPN, 2008). Neste sentido, o problema é tanto ou mais complexo quando o número de pessoas idosas em situações de dependência, a vários níveis, está a aumentar, e as instituições existentes em todo o país não têm a capacidade para responderem a essas situações consideradas específicas, mas cujos contornos se tornam cada vez mais complexos. Assim, o desafio colocado pelo envelhecimento da população, não provém directamente das taxas da população idosa, mas das taxas de incapacidade; segundo Lima (2010), *“aumentar a esperança de vida livre de incapacidade, implicará reduzir o custo social e produzir um maior bem-estar e qualidade de vida no indivíduo.”*

A redução do papel do Estado na provisão dos serviços pressupõe que essa responsabilidade se transfira para a “sociedade civil”. Acerca disto Montañó (2002) refere, *“Efectivamente, enquanto a atenção às necessidades por via das políticas sociais do Welfare se rege por um princípio universalista - todos contribuem para financiar esses serviços de assistência -, a saída destas respostas da órbita estatal reforça a substituição paulatina da solidariedade baseada em direitos universais pelas formas particulares e voluntárias de solidariedade”* (in REAPN, 2008). Portanto, enquanto as condições sociais se alteram, novas formas de relações e de solidariedade devem emergir.

Em 2002, na sequência da II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento em Madrid, a OMS estipulou o “Envelhecimento Activo” como meta para a primeira década do século XXI, sob o lema *“Demos anos à vida, precisamos dar vida aos anos”*. Esta abordagem baseia-se no reconhecimento dos direitos humanos das pessoas idosas e nos princípios de independência, participação, dignidade, assistência e auto-realização. Em Portugal, as medidas desenvolvidas na óptica do *mainstreaming* das questões do envelhecimento visam, entre outras: a participação activa dos mais idosos na sociedade; a adequação das respostas e dos esquemas de protecção

social às mutações demográficas e sociais; a promoção da solidariedade intergeracional; e a promoção de uma vida mais autónoma e de maior qualidade (Frangueiro, REAPN, 2008).

A Comissão para as Comunidades Europeias (COM, 2007, 244 final) considera que se tem tornado claro que o balanço nas sociedades europeias assenta num modelo intergeracional de relações de solidariedade, as quais são mais complexas do que no passado. Contudo, é importante reconhecer que as dimensões de solidariedade ou conflito não representam um modelo contínuo. Segundo Bengtson *et al.* (2003), *“A solidariedade intergeracional pode revelar ambos, elevada solidariedade e conflito ou reduzida solidariedade e conflito, dependendo das dinâmicas e circunstâncias familiares”*. Neste sentido, a minimização do conflito e a promoção da solidariedade entre gerações deverá ter em conta a valorização do envolvimento social de crianças e idosos, assim como a promoção de uma cooperação equilibrada entre ambos.

Com base em Butler (1980), considera-se que a sociedade pode melhorar o destino das pessoas idosas de diversas maneiras, e desse modo melhorar a vida de cada um de nós (*in* Andrade, 2002). Com esta mesma visão, a INPEA relembra que *“é preciso conhecer os desafios que se colocam na velhice”*; e refere *“não basta uma atitude de solidariedade passiva, perante o conhecimento desta realidade, mas é necessário o envolvimento de toda a sociedade.”* É também com este intuito que surge a iniciativa “Cidade Amiga do Idoso”<sup>1</sup>, lançada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2005, em que as cidades devem adaptar as suas estruturas e serviços para que estes sejam acessíveis e incluam todas as pessoas idosas.

Neste nível, a educação e a transmissão de informação são vitais, tanto no sector da formação (educação de profissionais), como através dos meios de comunicação (combater o estigma e os estereótipos sobre a velhice) (Lima, 2010). Acerca disto, Rodrigues (2008) refere, *“é fundamental que o idoso mantenha a sua participação contínua em questões sociais, económicas, culturais, cívicas e espirituais, e este é um desafio a todos nós cidadãos, familiares e futuros idosos e igualmente ao Estado através da tomada de decisões e execução de políticas nesta área”* (Rodrigues, REAPN, 2008). Neste sentido, havendo idosos mais informados e dinâmicos, como os “novos idosos”, o movimento social que apela à participação dos mais velhos na sociedade

---

<sup>1</sup> O projecto foi lançado no XVIII Congresso da Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria (IAGG), no Rio de Janeiro. Foi ainda elaborado um Guia com a intenção de ajudar as cidades, à medida que vão crescendo em tamanho e número, a aproveitarem mais da sua população idosa.

---



tenderá a evoluir mais rapidamente e caminharemos para uma sociedade intergeracional (Jacob; in REAPN, 2008).

#### **2.1.4 Alterações na estrutura familiar**

##### *Alterações demográficas e as relações intergeracionais na família*

A estrutura familiar foi-se alterando e novos tipos de família foram surgindo ao longo do tempo. Actualmente, as famílias são quantitativa e qualitativamente diferentes das dos nossos antepassados. Neste sentido, o cenário que está a produzir sociedades envelhecidas está igualmente a produzir novas situações familiares (Harper, 2004). Tal como afirmam Bengtson *et al.* (2003) *“O envelhecimento da população é igualmente reflectido ao nível familiar, onde as estruturas familiares são hoje caracterizadas por quatro ou até cinco gerações, mas com menos elementos em cada geração”*. Consequentemente, a jovem família nuclear da actualidade tende a estar ligada a outros tantos por laços activos de companheirismo.

Os factores demográficos representam um importante papel nesta questão, pelo que se revela pertinente contextualizar as relações e os papéis familiares em todo este cenário de mudanças sociais e culturais. Denota-se que as relações verticais (i.e. laços de afectividade entre gerações distintas) estão a tornar-se mais duradouras e complexas, enquanto as relações horizontais (i.e. laços de afectividade dentro de uma mesma geração) estão a diminuir e a enfraquecer (Hagestad, 2004). As famílias multigeracionais, compostas por mais de quatro gerações, estão a aumentar, mesmo tempo que se regista igualmente um aumento do número de famílias com maior número de avós do que netos. A par disto, a duração de laços avós-netos é cada vez maior, podendo persistir até três a quatro décadas. Assim, independentemente das alterações ao nível da instância familiar, ainda existem fortes relações emocionais entre adultos e as gerações ascendentes e descendentes.

Por todas estas mudanças, novas formas de convivência e de solidariedade entre gerações têm emergido. *“Devido a um aumento dos anos de convivência, as relações intergeracionais - apoio dado ou recebido e solidariedade ou conflito - serão de uma crescente importância para a vida familiar no futuro”* (Bengtson *et al.*, 2003). Segundo Lima (2010), *“Os filhos apresentam-se, junto dos pais idosos, como fonte de apoio emocional e instrumental, sendo o inverso, em muitos casos, também verdadeiro. Por outro lado, os idosos manifestam a disponibilidade para cuidar das gerações mais novas, assumindo o papel de avô”*.

### *A relação avó-neto*

Forças históricas e demográficas têm uma considerável influência na forma como as relações entre avós e netos são mantidas. O papel dos avós, por sua vez, é uma construção social que varia ao longo do tempo pessoal e histórico, bem como de acordo com o contexto social e regional. Deste modo, no final dos anos 90 houve um aumento do interesse popular e político sobre os avós (Clarke e Roberts; *in* Walker 2004). A relação avô-neto tornou-se mais relevante enquanto resultado de alterações demográficas nos padrões de fertilidade e na estrutura etária da população (Clarke e Roberts; *in* Walker 2004), pelo que há uma evidência de que as alterações na família estão a afectar o papel desempenhado pelos avós.

Além disso, o aumento da esperança média de vida proporcionou aos idosos mais oportunidades para partilharem as suas vidas com os seus netos e outras crianças da família por um período de tempo mais prolongado. Nos dias de hoje, os avós poderão eventualmente esperar viver quase metade das suas vidas nesse papel. Tal como afirma Uhlenberg (2005) *“A proporção de crianças com dez anos de idade com os seus quatro avós vivos aumentou de 6 para 41 por cento no século XX”* (*in* Hagestad 2006). Questões relacionadas com um aumento de anos de vida activa e saudável na reforma, assim como um declínio no número de anos com doenças crónicas e incapacidades limitativas, poderão ter resultados positivos ao tornar o envolvimento dos avós com os netos mais significativo do que nunca antes. Como consequência, as conexões intergeracionais tais como a relação avós-netos, poderão vir a ser, social e pessoalmente, mais significativas para os envolvidos.

Mas, à medida que aumenta a esperança média de vida, as relações intergeracionais tendem a tornar-se mais frágeis (Palmeirão; *in* REAPN, 2008). Os laços familiares por si só podem não ser suficientes, e outros factores poderão colocar em causa a sua natureza e durabilidade; ou seja, existem algumas particularidades que são necessárias para se assegurar que o contacto intergeracional entre avós e netos prevaleça. A proximidade geográfica, o género, o estado civil, a condição de emprego dos avós, e a idade dos avós ou a idade dos netos, têm-se revelado como factores de influência da duração e da natureza do contacto intergeracional (Clarke e Roberts, *in* Walker 2004).

As trocas intergeracionais podem funcionar de um modo bidireccional, o que resulta numa grande variedade de papéis em cada um dos lados. De acordo com Lima (2010), entre a multiplicidade de papéis desempenhados pelos avós, destaca-se a categorização clássica dos estilos de

comportamentos dos avós proposta por Neugarten e Weinstein (1964): *o formal, o brincalhão, o pai alternativo, o sábio e o distante*” (Clarke e Roberts; *in* Walker 2004). Também quando ambos os pais estão a trabalhar, ou há alguma desagregação familiar, é esperado que os avós cuidem dos netos ou que contribuam com suporte financeiro ou emocional. Neste sentido, os idosos podem constituir uma base essencial de suporte à vida familiar, particularmente no que se refere à educação e aos cuidados das crianças, os quais muitas vezes não acontecem de um modo directo. A promoção de um ambiente seguro e estável para a criança pelos avós, pode ser feito através do apoio prestado às gerações do meio, ou seja, aos pais. Os avós podem assim representar uma base segura para a família e para a criança, especialmente em tempos de crise familiar, como por exemplo em situações de divórcio ou de vivência de problemas financeiros.

Para além desta base de suporte que os avós podem representar, eles próprios encontram vantagens nesta troca e solidariedade intergeracional. O facto de poderem participar na vida e educação dos netos revela-se como algo fundamental no seu bem-estar, qualidade de vida e inclusão social. Num estudo realizado por Clarke e Roberts (*in* Walker, 2004), designado “*The meaning of grandparenthood and its contribution to the quality of life of older people*”, os avós foram unânimes na consideração de que ser avô é uma parte importante das suas vidas e muitos sentiram que isso contribui fortemente para a sua qualidade de vida. Outro estudo elaborado por Silverstein e Marengo (2000) demonstrou que para muitos idosos os laços familiares e a solidariedade intergeracional podem ser cruciais na contribuição para a sua qualidade de vida e para o combate à exclusão social dos idosos (Clarke e Roberts; *in* Walker, 2004).

### **2.1.5 O idadismo e o bem-estar social de crianças e idosos**

Actualmente vivemos numa sociedade que cultiva a imagem, a actividade, a beleza, o dinamismo, a produtividade; portanto, numa sociedade voltada para o consumo e que encara o envelhecimento, o ser idoso ou velho de forma negativa (Rodrigues; *in* REAPN, 2008). Na medida em que se revelam aspectos com uma grande influência negativa ao nível económico, social e psicológico do bem-estar de idosos, estas atitudes acabam por ter um papel central na sociedade contemporânea. Esta questão revela-se ainda como pertinente quando se pretende tratar de relações intergeracionais e da sua influência ao nível do bem-estar social, da inclusão e da promoção da solidariedade entre gerações.

Esta discriminação de pessoas baseada na idade designa-se por idadismo ([idade + (rac)ismo]); termo que provém de “*ageism*”, o qual apareceu pela primeira vez na língua inglesa, em 1969,

introduzido por Butler. Contudo, o idadismo refere-se à discriminação de pessoas de qualquer grupo etário por motivos da idade; por isso, não só acontece das gerações mais novas em relação às mais velhas (como inicialmente era considerado), mas também das gerações mais velhas em relação às mais novas. Dentro do próprio grupo etário também poderá haver idadismo, como é o caso de alguns idosos que têm uma imagem e atitude depreciativa face à velhice. O termo é ainda comparado com outros grandes “ismos”, nomeadamente o racismo e o sexismo. Porém, ao contrário destes dois últimos, que dizem respeito a uma parte da população, todas as pessoas estão inevitavelmente sujeitas ao avanço da idade.

Lima (2010) refere que o idadismo tem uma componente afectiva (sentimentos face à pessoa idosa), uma componente cognitiva (pensamentos, crenças e estereótipos face à pessoa idosa) e uma componente comportamental (atitudes para com a pessoa idosa). Para uma melhor compreensão desta categorização, bem como de outros aspectos, considera-se importante esclarecer alguns dos conceitos da psicologia social, tais como “atitude” e “estereótipo”. Atitude refere-se a um conjunto de juízos que se desenvolvem a partir das nossas experiências e da informação que possuímos das pessoas ou grupos. Pode ser favorável ou desfavorável, e embora não seja uma intenção, pode influenciar comportamentos (Martins e Rodrigues, s.d.; in Revista Educação, Ciência e Tecnologia). O estereótipo, por sua vez, é uma imagem mental muito simplificada de alguma categoria de pessoas, instituições ou acontecimentos que é partilhada, nas suas características essenciais por um grande número de pessoas (Castro *et al.*, 1999). Os estereótipos, tal como as atitudes, podem ser positivos ou negativos.

Butler (1980) distingue ainda três aspectos da discriminação da idade: as atitudes prejudiciais relativamente aos idosos, à velhice e ao processo de envelhecimento por parte dos mais jovens, mas também dos próprios idosos; práticas discriminatórias contra os velhos no que respeita ao trabalho e a outros desempenhos sociais; e práticas institucionais e políticas que, muitas vezes sem intuito, perpetuam maneiras de pensar estereotipadas sobre a velhice que reduzem as oportunidades dos velhos para uma vida satisfatória e digna (*in* Andrade, 2002). De entre estes três aspectos da discriminação da idade é dado especial atenção ao último destes, dado que é o mais relacionado com a temática principal deste trabalho. A perpetuação de maneiras de pensar estereotipadas sobre a velhice, sem intuito, apresenta-se como um assunto muito pertinente a reflectir ao nível das instituições que se destinam a crianças, a idosos ou a ambos os grupos.

Segundo Lima (2010), *“As crenças e estereótipos sobre o envelhecimento (...) têm, como consequência, o tratamento injusto e padronizado das pessoas mais velhas e, em última análise, o impacto nas intervenções políticas e sociais e na crença da sua incapacidade de se desenvolverem”*. Além disso, os estereótipos face à velhice são causa de enorme perturbação nos idosos. Ao negarem o seu processo de crescimento e impedi-los de reconhecer as suas potencialidades, inibe-os simultaneamente de procurar soluções precisas para os seus problemas e de encontrar medidas adequadas (Martins e Rodrigues, s.d.). É neste sentido que é importante tratar aqui o idadismo, a partir da consideração de que ele pode constituir uma barreira ao bom convívio intergeracional, bem como uma forma de provocar ou agravar o conflito entre gerações.

A par disso, mas com base noutros motivos, apresenta-se outra vertente da situação em que um paradigma paternalista e centrado no adulto perspectiva as crianças como sujeitos com necessidades e não como actores sociais. De acordo com Sarmiento, *et al.* (2006), *“As crianças foram modernamente tematizadas a partir de uma negatividade constituinte: supostamente, criança é o que não vota, o que não é responsável pelos seus atos (e, por isso, é inimputável), o que não pode eleger nem ser eleito (e, por isso, é desapaosado de todo o poder), o que não se encontra verdadeiramente inserto na sociedade (e, por isso, é objecto de processos de “socialização”), (...), o que não sabe nem pensa adequadamente (...)”*. Deste modo, crianças e idosos, embora por razões distintas, apresentam-se como dois grupos de pouco valor a nível social e, desse modo, são vulneráveis às perspectivas de uma população activa que se encontra responsável por ambos.

Posteriormente, na secção 2.3.4 (Educação para o envelhecimento: a diversidade através da intergeracionalidade), ir-se-á incidir sobre o idadismo das crianças em relação aos idosos, na medida em que este se revelou mais pertinente ao nível do trabalho de campo. Este foco sobre esse tipo de idadismo também se encontra relacionado com a escassez de literatura sobre o tema do idadismo nos idosos face às crianças. Simultaneamente, há uma maior preocupação com a construção das imagens sobre a velhice e da sua influência ao nível da promoção de relações intergeracionais favoráveis ao bem-estar destes dois grupos geracionais.

## **2.2 A institucionalização da infância e da velhice**

Tal como foi referido anteriormente, as formas de cuidados e de educação de crianças e idosos têm sido afectadas, em diversas formas, por todas estas alterações demográficas e sociais. De

acordo com Lima (2010) *“As famílias eram reconhecidas como a principal entidade de suporte em situações de dependência dos seus elementos”*. Contudo, não é aquilo que se verifica actualmente, onde uma das discussões pertinentes é a institucionalização destes dois grupos geracionais. Esta surgiu por solicitações económicas e sociais com a entrada da mulher no mercado de trabalho e, neste momento, constitui um dos grandes desafios no bem-estar social destes grupos no presente e no futuro. Desde então, o número de mulheres empregadas aumentou gradualmente, pelo que mais crianças e mais idosos frequentam instituições sociais e educativas.

Numa sociedade industrializada, estes serviços constituem o principal responsável pela conciliação entre o mercado de trabalho e a vida familiar, pelo que uma complexa rede de serviços formais de assistência a crianças e a idosos tem vindo a desenvolver-se progressivamente. Contudo, esta questão institucional traz outros resultados ao nível das relações que se estabelecem entre estas duas gerações, que se considera poder levar a uma diminuição das oportunidades de convivência, bem como a uma situação de isolamento e consequente desconhecimento. É sobre estes aspectos que se irá aqui debruçar, considerando uma perspectiva de segregação etária provocada pela institucionalização de crianças e de idosos.

### **2.2.1 A infância e a institucionalização**

Actualmente, os pais possuem diferentes formas e opções de serem apoiados nas suas responsabilidades para com a educação dos seus filhos. Opções vão desde um sistema informal de cuidados com auxílio de elementos familiares, amigos ou vizinhos, até a um sistema formal recorrendo à creche, pré-escola, escola ou actividades extra-curriculares. Enquanto a perspectiva sobre a infância e as solicitações laborais económicas se vão alterando, os serviços informais vão dando lugar aos serviços formais, no qual a institucionalização da criança em serviços educativos vai ganhando terreno em relação à educação que acontecia no seio familiar. De acordo com Newman *et al.* (1997), o aumento da procura por serviços de cuidados para a infância está directamente relacionado com três situações sociais e económicas: reorganização na economia, isto é, a família moderna necessita de dois salários para sobreviver ou pelo menos manter o padrão normal de vida; alteração na natureza da família, isto é, aumento do número de divórcios e de famílias monoparentais; e novas percepções dos papéis de género, ou seja, o papel profissional da mulher.

Como as crianças passam muito tempo longe dos seus pais e famílias, parte dos serviços educativos para crianças do pré-escolar trabalham para neutralizar qualquer impacto negativo dessa separação, tentando proporcionar um ambiente mais próximo do familiar (Newman *et al.*, 1997). Neste caso, mais atenção é dada à relação entre a criança e os pais, especialmente a mãe, bem como a relação entre a criança e o educador. No entanto, proporcionar um ambiente familiar não é, de uma forma literal, restringir a família à relação mãe-filho ou aos pais das crianças. Ao invés de uma relação exclusivamente centrada na relação mãe/pai-filho, a criança deve ser entendida como um sujeito que pertence a uma densa e complexa rede de relações que conecta pessoas, ambientes e actividades (Moss, *in* Brannen e Moss, 2003). Ou seja, é igualmente importante que sejam considerados outros elementos familiares importantes na vida social da criança, como é o caso dos avós, os quais possuem um papel de grande valor na educação e crescimento da criança, tal como foi esclarecido anteriormente.

Os centros educativos, assim como os serviços sociais e a comunidade, são responsáveis por cuidar e assegurar a rede social da criança e por ajudá-la a desenvolver as suas competências sociais tanto quanto possível. De acordo com Vandenberg (1999), "*Não existe, afinal, nenhum sentido na educação das crianças para serem cidadãos livres, autónomos e auto-conscientes, se elas não forem educadas para serem socialmente responsáveis*". Portanto, precisamos repensar os espaços educativos como espaços onde as crianças podem fazer uso dos seus direitos de participação na vida social. Tendo isso em conta, a criança deve ser perspectivada e tratada como um actor social nas suas relações com os demais - educadores, pais, família, outras crianças e com muitos outros indivíduos ou grupos diferentes (bairro, comunidade, sociedade).

### **2.2.2 A velhice e a institucionalização**

#### *Cuidados formais e informais de apoio ao idoso*

À medida que a referida extensa rede de serviços educativos e de cuidados para as crianças se estabelecia, emergiu um vasto leque de serviços geriátricos e de cuidados para idosos, dependentes ou autónomos, levando a uma diluição do papel da família no cuidado do idoso. Newman *et al.* (1997) considera que na sociedade contemporânea são necessários quatro tipos de cuidados para os idosos: a) cuidados emocionais (i.e. cuidados para idosos saudáveis); b) cuidados ligeiros (i.e. cuidados a idosos que se encontram aptos a viver com relativa autonomia nas suas próprias casas); c) cuidados temporários (i.e. cuidados a idosos cujas famílias possuem

responsabilidades a alto nível de cuidados e atenção); d) e cuidados a longo prazo (i.e. cuidados para idosos doentes ou frágeis, normalmente a residirem em lares).

Nos cuidados para idosos podemos igualmente encontrar as mesmas categorias de sistemas formais e informais que foram referidos ao nível dos cuidados a crianças. Os serviços de cuidados formais são assegurados por profissionais, como centros de convívio, centros de dia e lares, enquanto os informais têm como base um suporte solidário providenciado pela família, amigos e/ou vizinhos. Tal como aconteceu com as crianças, nos idosos também os cuidados formais foram ganhando terreno em relação aos informais. Acerca disto, Lima (2010) refere que até há pouco tempo as gerações mais velhas viviam com a família, integradas num sistema social e económico produtivo praticamente até à morte. Refere ainda que as condições de habitabilidade (e.g. presença da mulher no mercado de trabalho; redução das famílias e da disponibilidade de cuidadores familiares; novos tipos de famílias) tornam difíceis as oportunidades de experienciar o envelhecimento num ambiente familiar seguro. De referir que neste trabalho será dado mais atenção aos sistemas formais, nomeadamente ao centro de dia e lar, dado que foi neste contexto que este projecto foi desenvolvido.

O centro de dia apareceu, a título experimental, em meados dos anos setenta, e pode ser definido como *“um equipamento aberto que tem como função fundamental manter os idosos no seu próprio meio familiar e social, através da prestação de serviços específicos proporcionados no próprio Centro e de outros extensivos ao domicílio”* (Morais, 1989; in Veloso, 2007). Este visa prestar alguns serviços às pessoas idosas, tendo sempre em conta o seu objectivo fundamental que é o de proporcionar um local de reunião e convívio. Por esta razão, este está mais ligado a uma ideia de lazer e de ocupação de tempos livres partindo do pressuposto de que é possível retardar os efeitos do envelhecimento, físico e mental, através de diferentes actividades culturais, recreativas e desportivas. Deste modo, pode-se dizer que o centro de dia aparece com o objectivo essencial de criar condições mais favoráveis à manutenção das pessoas idosas no seu domicílio.

Para além disso, e de acordo com Ré (2000), *“O aparecimento desta resposta social surge da necessidade de diversificar as estruturas de apoio à população idosa, dado que o lar, além de exigir um forte investimento financeiro já não correspondia às necessidades da maioria destas pessoas”* (in Veloso, 2007). Esta questão da resposta social, que surge da necessidade da população idosa, revela-se pertinente na medida em que a institucionalização num lar seria desadequada para uma pessoa idosa que revela razoáveis níveis de autonomia e que apenas



necessita de apoio em algumas actividades diárias. Ao contrário dos lares, os centros de dia e os centros de convívio indiciam simbolizar e promover um novo modo de vida para os idosos, que deve ser participativo, autónomo, retardando o envelhecimento e o respectivo internamento; os quais são reveladores de uma nova representação social de idoso (Veloso, 2007).

Importa também considerar as situações de institucionalização em lares, uma vez que alguns dos utentes do centro de dia são também residentes dos lares de uma mesma instituição. A pesquisa sobre os efeitos da transição para cuidados institucionais na qualidade de vida é ambígua. Muita pesquisa precedente destacou os aspectos negativos da assistência e da vida nos lares residenciais e nos lares de cuidados. Contudo, Oldman e Quilgars (1999) constataram que em alguns casos a mudança para cuidados residenciais pode ser encarada de forma positiva (*in* Hennessy e Walker, 2004).

Kane (2003) sugere onze indicadores de qualidade de vida nas instituições para idosos: autonomia, dignidade, privacidade, individualidade, segurança, conforto físico, relações interpessoais, actividades com significado, competência funcional, diversão e bem-estar espiritual (*in* Lima, 2010). Já no estudo elaborado por Tester *et al.* (2004) sobre a qualidade de vida em contextos institucionais, foram identificadas pelos participantes quatro áreas inter-relacionadas: identidade; o ambiente dos cuidados; as relações; e as actividades. Estes autores concluíram ainda no seu estudo que a qualidade de vida nos lares é influenciada por aspectos positivos e negativos. Estes aspectos estão relacionados com as seguintes categorias: força interior, fragilidade e dependência; reivindicação e controlo dos direitos; necessidades emocionais individuais; capacidade/incapacidade de comunicação; vantagens/ desvantagens associadas ao género, classe social e etnia; ganhos/perdas na transição para o lar; suporte nas necessidades espirituais individuais; e contextos culturais e estruturais. Acerca disto, Lima (2010) refere que os efeitos negativos ou positivos da institucionalização são função, por um lado, das influências do contexto e da instituição, e por outro, das diferenças individuais na capacidade de adaptação.

Será dada especial consideração apenas às duas últimas áreas (i.e. relações e actividades), também referidas por Kane (2003) como indicadores de qualidade de vida, já que são essas que se revelam mais significativas para o trabalho. Ao nível das relações, os idosos consideram as relações familiares e os laços sociais como aspectos valiosos para a qualidade de vida (Farquhar 1995). Quanto às actividades, as quotidianas como o levantar, tomar as refeições e o deitar constituem grande parte das actividades diárias e seguem uma rotina para a maioria dos

residentes. Para alguns, estas actividades satisfaziam aquilo que eles queriam, contudo, para outros era claramente aborrecido e frustrante. Nesse mesmo estudo, verificaram que entre as actividades de rotina o tempo era passado com os idosos sentados em cadeirões e notaram um grande lapso de envolvimento (*in* Tester *et al.*, 2004). Acerca desta falta de envolvimento por parte dos idosos, Andrade (2002) refere, *“Aquela imagem, que não raramente se encontra ao entrar num lar da terceira idade, do idoso de olhar parado, fixo algures no espaço, é consequência da (não) formação daqueles que os cuidam e que acreditam que a velhice é um tempo de retiro, de se estar protegido do barulho e da confusão do mundo social”*.

Requejo Osório, baseado em estudos elaborados por Fericgla (1992), afirma ainda que *“optar por um lar não parece ser a solução mais desejada”* (*in* Trilla, 2004). Aponta como factores para justificar esta não preferência os seguintes: simbólico (imagem social dos lares públicos assimilados como antigos “asilos”); afectivo (ruptura com a vida passada, sensação de desenraizamento social); e material (mensalidade dos lares). Ainda acerca da opção pelos lares, o autor, citando o Ministério dos Assuntos Sociais, refere *“em casa, enquanto for possível; no lar, quando for necessário”* (*in* Trilla, 2004). Isto porque a transição de pessoas dependentes para os cuidados institucionais pode implicar ameaças para a identidade, a autonomia e as relações sociais da pessoa (Bruce *et al.*, 2002; Goffman 1961; Kitwood 1997; *in* Tester *et al.* 2004).

Requejo Osório refere também que se trata de *“fazer do lar um processo global de animação sociocultural gerador de convivência, participação e desfrute do ócio e da cultura”* (*in* Trilla, 2004). O mesmo autor apresenta diversos objectivos a alcançar nos lares, propostos pelo Ministério dos Assuntos Sociais, dos quais se salienta: *“desenvolver programas de animação sociocultural dirigidos e supervisionados por profissionais especializados (...); favorecer as boas relações sociais entre os residentes, familiares e o pessoal do centro, interpessoais das pessoas idosas com o exterior do lar; estimular os contactos com a família e próximos de cada pessoa.”* (*in* Trilla, 2004). Neste sentido, o sucesso da institucionalização depende então de uma enorme diversidade de factores, que supõem a importância da participação, o exercício das capacidades intelectuais, colocando ênfase não no apoio, mas na promoção e na educação.

#### *O envolvimento social e a solidão no idoso*

A institucionalização do idoso em centros de cuidados e/ou de residência também pode constituir um factor importante ao nível das relações sociais e do envolvimento social. Rowe & Kahn (1997) sugerem que numa idade mais avançada os factores sociais são mais importantes que os

biológicos ou genéticos. Eles afirmam que o envolvimento com a vida é um dos três factores chave para um “envelhecimento de sucesso” (*in* Walker, 2004). Outros factores sociais, especialmente envolvimento e participação social, são dimensões-chave para definir e melhorar a qualidade de vida na velhice (e provavelmente até em fases anteriores do ciclo da vida). Para além disso, o próprio tamanho da rede social do idoso é importante, na medida em que pode representar mais apoio, especialmente necessário em momentos de maior fragilidade e dependência.

Na perspectiva de Carstensen (1992), à medida que as pessoas envelhecem, o estreitamento da rede social pode verificar-se, por um lado, porque as pessoas tendem a desinvestir das relações menos significativas e, por outro lado, porque as relações mais íntimas, próximas e longevas dificilmente serão substituídas, à medida que se vão perdendo (*in* Lima, 2010). Desta forma, a rede social do idoso passa a ser sinónimo de família. Contudo, existem também idosos cujas redes sociais se constituem por relações de não-parentesco (i.e. amigos, vizinhos e conhecidos), os quais não mantêm qualquer relação familiar, ou porque não casaram, nunca tiveram filhos, ou por algum conflito ou separação. Alguns idosos têm ainda redes sociais mais diversificadas, em que para além dos familiares existem outros tipos de vínculos.

Assim que o idoso vai para uma instituição para viver ou para passar parte do dia, aqueles que seriam os seus vizinhos ou amigos podem deixar de o ser e novas relações de amizade poderão surgir dentro de um contexto institucional. Nestes casos, a rede social poderá ser alargada ou reduzida, também dependendo das oportunidades proporcionadas, bem como das capacidades de socialização do idoso. Em situações de institucionalização, a rede social do idoso também poderá sofrer algumas alterações, na medida em que o apoio prestado deixa de estar apenas sob a responsabilidade da família e passa também a estar ao encargo de profissionais. Independentemente disso, Lima (2010) refere que *“No fim da vida, os filhos adultos constituem o principal apoio para a maior parte dos idosos”*; no entanto, afirma também que *“não podemos esquecer que os filhos são os abusadores mais frequentes dos seus pais idosos”*.

Outro factor social que é importante aqui desenvolver é a solidão na velhice. Embora pareça cliché associar estes dois conceitos (resultado da ligação e confusão frequente entre solidão, isolamento social e viver só), a verdade é que constitui uma realidade e surge como um tema de relevo quando se pretende tratar de relações e solidariedade intergeracional. A solidão pode existir na velhice (assim como noutras fases do ciclo da vida), tanto a nível institucional como ao

nível do ambiente familiar. O facto de o idoso estar rodeado por um grupo de pessoas, ou de ter algum apoio familiar e/ou institucional, não assegura que a solidão não esteja presente.

Partilhando da visão de Victor, *et al.* (*in* Walker, 2004), considera-se aqui a solidão como um conceito teórico e conceptualmente complexo. As grandes conceptualizações de solidão são usualmente caracterizadas pela identificação de duas formas de condição (solidão primária - noção de estar só; e solidão secundária - perda de alguém ou de algo que é importante para o indivíduo). Weiss (1973; *in* Walker, 2004) oferece outra tipologia de solidão: emocional e social. Solidão emocional é definida pela falha de proximidade, relações pessoais intensas, enquanto a solidão social é conceptualizada em termos de falta de envolvimento social e de rede social limitada.

A solidão é frequentemente usada como um exemplo de envolvimento social porque é um factor que é visto como sendo integral para a qualidade de vida na velhice (Gibson 2001; *in* Walker, 2004). Refere-se ao modo como os indivíduos avaliam todo o seu contexto de redes sociais e de envolvimento e interacção social; e descreve o estado no qual existe um défice entre o nível actual e o desejado de interacção social no indivíduo (Hazan, 1980). Todavia, a solidão deve ser distinguida de três outros conceitos: estar só/sozinho (i.e. tempo passado sozinho); viver sozinho (i.e. uma simples descrição de disposição de alojamento); e isolamento social (i.e. nível de integração dos indivíduos e grupos no seu ambiente social mais amplo) (*in* Walker, 2004). Como conceitos distintos, Victor *et al.* (2000) definiram quatro combinações entre isolamento social e solidão: nem solitário nem isolado; isolado mas não solitário; solitário mas não isolado; isolado e solitário (*in* Lima, 2010).

Um factor muito importante e, que de certo modo, pode relacionar a questão da institucionalização com a da solidão é a morte do cônjuge. Tal como afirma Lima (2010), “*A doença e a morte do cônjuge são motivos de mudança, que obrigam a uma reestruturação da vida da pessoa idosa*”. Neste sentido, a solidão provocada pela ausência do cônjuge pode levar o idoso a procurar alternativas para colmatar o facto de se sentir só, como é o caso da procura por um lar ou outro tipo de apoio institucional. A morte do cônjuge, e a consequente solidão, podem assim constituir um dos motivos pelo qual o idoso procura a institucionalização. Por exemplo, como refere Lima (2010), “*o homem tem mais dificuldade em se adaptar a viver sozinho e a levar a cabo todas as tarefas anteriormente desempenhadas pela esposa*”; e, neste caso, procurar apoios institucionais que o auxiliem nestas tarefas poderá ser uma solução.

### 2.2.3 A institucionalização e a separação etária: um reforço do idadismo?

A sociedade ocidental moderna está organizada numa lógica de idade e/ou de produção. Existem diferentes expectativas sobre diferentes gerações ou grupos etários. Há também muitos papéis, responsabilidades, direitos e funções para cada grupo etário ou geração. Como afirma Mahki (2008), *“As gerações não ocupam o mesmo lugar e não desempenham o mesmo papel na vida: a educação é para crianças e adolescentes, a formação para os jovens, o trabalho para os adultos e a aposentadoria para os idosos”*. Por exemplo, as crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 3 anos são separadas de crianças entre os 3 e os 6; bebés são separados das crianças e as crianças, por sua vez, estão à parte dos jovens. Há centros para crianças e outros para idosos, actividades para jovens e actividades para adultos/idosos. Contudo, embora a segregação da sociedade através das idades possa constituir uma forma simples de organização e trazer equilíbrio para os cidadãos, não devemos olhar esta questão de um modo tão superficial.

Com estes exemplos, percebe-se como a segmentação etária criada pelas instituições educativas e de cuidados estruturam, segmentam e, consequentemente, controlam a organização da sociedade. Esteves (1995) refere-se a uma certa inadequação actual da estratificação social por ciclos de vida, que não atende a características individuais e que leva à separação dos grupos etários (*in* Veloso, 2007). Neste contexto, o autor parece alertar para o tratamento separado de jovens e idosos a nível disciplinar, político e de celebração de datas festivas em separado, o que no lugar de aproximar jovens e idosos, como se pretenderia, os separa ainda mais (Veloso, 2007). Como refere Nunes (2009), *“A segregação da idade como consequência das alterações demográficas e sociais conduziu a que jovens e idosos tivessem reduzido as suas oportunidades de contacto. As gerações divididas emocionalmente, fisicamente e socialmente perderam oportunidades de aprendizagem e partilha”*. Deste modo, a institucionalização como uma forma de segmentação etária, é aqui entendida como um modo de separar os vários grupos geracionais.

Inúmeras transformações estão a acontecer, pelo que as relações entre as gerações precisam de uma atenção mais profunda. As crianças e os idosos têm vindo a ser alvo de institucionalização basicamente pelas mesmas razões: passam uma grande percentagem do seu tempo diário em serviços educativos e/ou de cuidados. Algumas crianças chegam a passar oito horas diárias, por vezes até mais, em instituições educativas como a creche, o jardim-de-infância ou a escola. As pessoas idosas institucionalizadas passam igualmente maior parte do seu tempo em variados serviços de cuidados, tais como centros de dia, lares e hospitais. Para além disso, o número de crianças e de idosos a frequentar estes centros é também cada vez maior. Neste sentido, alguns

deles estão uma parte significativa do seu tempo longe de outros grupos geracionais ou de outros recursos da comunidade, e até agora, não existem certezas sobre os resultados que a segregação dos grupos geracionais poderá trazer para o foro social.

Na medida em que a maioria das instituições para o idoso se dedicam exclusivamente a um grupo etário e são frequentemente isoladas do ambiente social, corre-se o risco de que as gerações estejam a ser separadas ou isoladas umas das outras. De acordo com Andrade (2002), *“Se tais políticas (i.e. a criação de equipamentos sociais, tais como lares, centros de dia, centros de convívio) aparecem com o objectivo de remediar a situação de isolamento em que se encontram os idosos, involuntária e indirectamente têm contribuído para reforçar esse isolamento (...).”* Este isolamento é mais evidente entre os idosos do que nas crianças, na medida em que as últimas, numa situação de institucionalização (como é o caso da escola), continuam a ter um quotidiano com mais oportunidades de envolvimento social.

De acordo com Andrade (2002), *“Um sinónimo de discriminação pode ser separação.”* Entende-se, portanto, que o estar separado e o desconhecer poderá igualmente causar a discriminação. Neste sentido, o desconhecimento de determinada realidade pode levar à construção de ideias que não são verdadeiras, mas que passaram de uns para os outros, transformando-se num mito. Segundo a mesma autora, *“Por vezes é o desconhecimento da realidade que cria um mito”*; e infelizmente, existem muitas ideias erradas e negativas em relação à velhice e ao envelhecimento, especialmente em crianças e jovens, assim como em relação à infância e juventude entre adultos e idosos. Neste sentido, considera-se que a institucionalização para além das suas muitas vantagens, poderá simultaneamente reforçar um processo de segregação dos diferentes grupos etários. Esta segmentação, por sua vez, pode influenciar as interações e as relações entre gerações, bem como comprometer as oportunidades de convivência intergeracional e, consequentemente, criar ou agravar processos de discriminação e de exclusão social.

## **2.3 A intergeracionalidade nas instituições para crianças e idosos**

Tendo em conta as alterações demográficas e sociais, assim como a crescente institucionalização de crianças e idosos que resulta na segmentação etária da sociedade, revela-se imprescindível ter em atenção as actuais e futuras relações que se estabelecem entre as gerações. A AGE *Platform*

*Europe*<sup>2</sup> (2009) argumenta: "Toda a nossa sociedade vai ter de se adaptar às necessidades da sua população envelhecida, mas também terá de enfrentar as novas dificuldades enfrentadas por outros grupos etários, para que todas as gerações sejam capazes de continuar a apoiar-se mutuamente e a viverem juntas pacificamente". Combinando esta declaração com a solicitação para promoção da "solidariedade entre gerações" feita por diversas entidades (e.g. CCE, OCDE, ONU, Banco Mundial), é possível encontrar um caminho para a promoção das relações entre gerações e para o crescimento e desenvolvimento dos próprios programas intergeracionais. Segundo Mahki (2008), "A aproximação entre as gerações é uma acção colectiva que visa, voluntária e expressamente, a fomentação de laços recíprocos entre as idades e gerações na vida social."

A implementação de programas intergeracionais tem surgido em diferentes países como uma estratégia bem sucedida para lidar com os impactos sociais e demográficos (e.g. Estados Unidos da América, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, Espanha, Suíça). Por isso, recentemente, este campo tem representado um caminho fértil para desenvolver programas de alta qualidade, responsáveis por melhorar o bem-estar das diferentes gerações. Nas instituições educativas para crianças e jovens assim como nos serviços de cuidados e residência para idosos, parte dos desafios resultantes das alterações sociais e demográficas pode estar relacionada com a elaboração de programas intergeracionais, onde actividades entre as diferentes gerações são promovidas e desenvolvidas.

De acordo com Dewey (1916/1959) e Sérgio (1915/1984), "*não se transforma o carácter, ou seja, não se transformam as atitudes sociais com exortações, mas sim criando nas escolas uma projecção do tipo de sociedade que se pretende realizar*" (in Andrade, 2002). Neste sentido, é fundamental encontrar novas e criativas formas de socialização, educação e convívio, onde é possível um contacto real directo com a diversidade e onde se propõe uma atitude mais aberta à mudança. Simultaneamente, e em conformidade com E. Erikson, J.Erikson e Kivnick (1986), acredita-se que a velhice é o coroar de toda a sucessão de experiências vividas nos estádios anteriores da existência; e que há que planeá-lo ao longo de todas as etapas da vida que a precedem (in Andrade, 2002). Neste sentido, o desenvolvimento da humanidade resulta de um movimento contínuo de aprendizagem ao longo da vida, e onde o respeito pela vida de todas as pessoas evidencia a importância da educação na sua perspectiva mais global.

---

<sup>2</sup> AGE Platform Europe: rede europeia de cerca de 150 organizações de e para pessoas com mais de 50 anos de idade, representando directamente mais de 28 milhões de idosos na Europa..

### 2.3.1 A intergeracionalidade e as práticas intergeracionais entre crianças e idosos

“Intergeracionalidade” é uma palavra composta por aglutinação, que não se encontra descrita no dicionário da língua portuguesa; e que resulta da junção do termo *inter* (elemento de formação de palavras), que exprime “a ideia de entre, dentro de, no meio” e do termo *geracional*, que remete para a ideia de “relativo a uma geração, próprio de uma geração”. Neste sentido, a palavra intergeracionalidade suscita a ideia de “entre gerações” e de relações entre gerações (Nunes, 2009). Contudo, importa aqui esclarecer que, embora vulgarmente se associe a intergeracionalidade às relações entre crianças e idosos e apesar de aqui haver uma abordagem nessa vertente, ela é mais abrangente que isso, envolvendo outros intervenientes dos mais variados grupos geracionais.

Dentro do âmbito da intergeracionalidade surgem vários conceitos, como relações, programas e actividades intergeracionais, e também educação intergeracional. Quanto à definição das relações intergeracionais apresenta-se uma definição por parte de Peacock e Talley (1984), sendo *“uma interação planeada de grupos de pessoas com idades diferentes, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos”* (in Nunes, 2009). Acerca dos programas intergeracionais, Kaplan *et al.* (2002) descrevem-nos como veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagens entre as gerações mais velhas e mais novas (in Nunes, 2009). A educação intergeracional, por sua vez, é compreendida no seu âmbito mais abrangente: *“é um processo que visa o desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências humanas, das relações entre gerações e, contemporaneamente, de «uma consciência intergeracional»* (Sáez Carreras, 2002) *capaz de recriar responsabilidades e propiciar elos de solidariedade alternativos às práticas comuns de convivência geracional”* (in Palmeirão, REAPN, 2008).

Ainda acerca dos programas intergeracionais, a *United Generations*<sup>3</sup> refere como vantagens dos programas intergeracionais: *“a comunicação íntima entre os intervenientes, a partilha de sentimentos e de ideias e uma cooperação nas tarefas significativas para todos os participantes envolvidos”* (in Nunes, 2009). Simultaneamente, têm sido feitas afirmações sobre os benefícios dos programas intergeracionais em educação Pré-escolar; neste caso Kaplan *et al.* (2003) referem que *“esses programas podem trazer inúmeras vantagens para as crianças e para os adultos mais velhos ou idosos”*. No entanto, embora a investigação sugira o potencial positivo dos programas intergeracionais na esfera do bem-estar de idosos e de crianças, a forma como estes programas o

---

<sup>3</sup> *United Generations Ontario*: Organização sem fins lucrativos que pretende a promoção de práticas intergeracionais. ( in <http://www.unitedgenerations.ca/>)



influenciam continua a ser pouco claro (Weintraub & Killian, 2007, *in* Nunes, 2009). De acrescentar ainda a este enunciado, a falta de objectividade dos resultados ao nível do bem-estar das crianças envolvidas em programas intergeracionais.

### **2.3.2 Práticas intergeracionais em Portugal: os primeiros passos**

Como foi referido, as práticas de educação e de intervenção intergeracional são uma realidade já bastante conhecida e em crescimento nas principais cidades do mundo (Palmeirão, REAPN, 2010), todavia, no plano nacional, os programas de educação intergeracional são ainda escassos. O emergir das iniciativas e programas de carácter intergeracional ocorreu em 1999, no Ano Internacional das Pessoas Idosas, com o surgimento do Projecto Tio (*“Terceira Idade On Line”*), o qual apresentava os seguintes objectivos: *“reforçar a participação activa dos idosos na sociedade da informação, promover a saúde e qualidade de vida dos idosos e fomentar o relacionamento e o conhecimento intergeracional”* (*in* Nunes, 2009). Actualmente o Projecto Tio é gerido pela Associação Vida (i.e. Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo) e constitui-se por uma plataforma para a criação de uma comunidade virtual de cidadãos seniores, seus familiares e/ou cuidadores (Manual de Boas Práticas - Intergeracionalidade 2004, *in* Nunes, 2009). A Associação Vida, por sua vez, foi criada em Portugal na sequência do Projecto Viver e o seu objectivo principal assenta na promoção de actividades culturais e educativas que reforcem o intercâmbio de valores e conhecimentos entre gerações (Nunes, 2009).

Outra das iniciativas desenvolvidas no âmbito das relações intergeracionais foi o Projecto Viver (*Developing Creative Intergenerational Relations*), co-financiado a nível nacional pela iniciativa *Comunitária Equal*, o qual já tinha sido anteriormente desenvolvido noutros países europeus entre 2001 e 2004 (consultar o anexo 2.C). Para os autores do projecto a temática da intergeracionalidade, no contexto português, tem vindo a ser encarada sob duas perspectivas que remetem para o nível familiar: i) a promoção do contacto entre os filhos adultos e os pais idosos; ii) a promoção do contacto entre netos e avós. Deste modo, consideram que a pouca visibilidade dos benefícios destes projectos a nível social está relacionada com a tendência das actividades serem pensadas no contexto de relações de parentesco e dentro das instituições que acolhem idosos. Por isso, propõem que estas actividades sejam transpostas para além das paredes das instituições (Manual de Boas Práticas - Intergeracionalidade, 2004, *in* Nunes, 2009). Em resultado do Projecto Tio e do Projecto Viver, foi desenvolvido o Projecto Net@vó, também ele centrado na exploração da intergeracionalidade enquanto forma de fomentar a solidariedade e aprendizagem entre gerações (Nunes, 2009).

### 2.3.3 Educação sob uma perspectiva intergeracional: as instituições multigeracionais

Recentemente, os serviços educativos e de cuidados para crianças e/ou idosos encontram-se a sofrer processos de mudança. Está-se a assistir a iniciativas que estão a tentar combinar diferentes grupos de idades, nomeadamente os programas intergeracionais. Para além disso, há também um crescente interesse numa agenda a longo prazo de construção de espaços/ambientes e comunidades multigeracionais, nos quais as relações construtivas entre as pessoas de diferentes idades são a norma sustentável, em vez de "projectos especiais" extra.

McClusky (1990) introduz o conceito “comunidade de gerações”, baseado na assunção de que apesar de separadas pelo tempo e pela experiência, cada geração tem um suporte comum com as outras gerações na sua relação com o ciclo de vida (*life-span*) do qual é uma parte (*in* Andrade, 2002). Há ainda um pequeno, mas crescente, corpo de pesquisa que sugere que a promoção do contacto e cooperação entre pessoas de diferentes gerações ajuda a construir comunidades locais coesas, permite a co-aprendizagem e estimula a inclusão social, a responsabilidade, a cidadania participativa e o respeito mútuo (Camden, 2007).

Recentemente, em Portugal, verifica-se que alguma parte dos serviços e instituições socioeducativas, especialmente Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), atendem a três grupos etários num mesmo espaço, nomeadamente as crianças, os jovens e os idosos (Ferreira, 2008). No entanto, embora idênticas no que se refere ao acolhimento destes três grupos, os princípios que as regem, bem como as práticas que revelam, demonstram que existem diferenças entre estas instituições. Como refere o mesmo autor, *“Nuns casos, esses serviços e instituições desenvolvem processos educativos, numa perspectiva de animação - cultural, educativa, comunitária (...) por promoverem, com intencionalidade, relações intergeracionais de convivência e aprendizagem colectiva. (...) Noutros casos, porém, e apesar dessa composição multigeracional, estabelecem uma segmentação etária na sua organização, reproduzindo traços característicos da forma escolar”*. Ou seja, constata-se que a existência de dois grupos geracionais numa mesma instituição não significa, à partida, que ela se oriente pelos pressupostos da intergeracionalidade e que promova uma relação entre as gerações.

No entanto, embora a construção/implementação deste tipo de instituições esteja mais associada a questões económicas do que sociais, elas têm-se revelado como uma mais-valia enquanto estratégia de procura por novas soluções para a segmentação etária. De acordo com Nunes (2009), *“Num esforço para melhorar a qualidade dos seus programas e actividades, muitas*

*instituições (lares, centros de dia) tendem a incorporar actividades com crianças e idosos nos seus planos de trabalho". Neste sentido, ao lhes dar espaço para procurarem formas de relacionamento e de entreaajuda, os programas intergeracionais podem transformar ambientes de educação e de cuidados em locais onde os indivíduos podem participar na vida social (i.e. de se envolverem em projectos significativos no âmbito da instituição ou da comunidade). No entanto, para alcançar estes objectivos, esses programas devem basear-se numa ampla rede social - incluindo idosos, crianças, profissionais, pais, organizações e serviços da comunidade - onde as relações sociais e emocionais entre os participantes estão no centro da troca intergeracional.*

### **2.3.4 Educação para o envelhecimento: a diversidade através da intergeracionalidade**

#### *O idadismo na infância: a socialização e a construção de estereótipos na infância*

Desde cedo as crianças desenvolvem diversas e complexas percepções sociais da idade. Várias teorias do desenvolvimento têm argumentado que a idade é uma dimensão fundamental ao longo da qual as crianças organizam as suas percepções das pessoas no seu mundo social. Porque o envelhecimento é um processo básico da experiência humana, universalmente associado a uma variedade de actividades sociais, este é um dos primeiros e mais importantes atributos sociais ao qual as crianças desenvolvem sensibilidade (Lewis & Brooks-Gunn, 1979, *in* Nelson, 2002). Investigadores (Kogan *et al.*, 1961; Dons & Walz, 1981; Mitchell *et al.*, 1985) têm mostrado que as crianças são sensíveis às diferenças de idade, e estas classificam as pessoas com base nas suas características físicas relacionadas com a mesma, como por exemplo altura, rosto e tom de voz (ver anexo 2.D).

Existem algumas ideias diferentes acerca da compreensão das crianças sobre as diferenças de idade e o processo de envelhecimento. Devido ao surgimento precoce da sensibilidade das crianças para com as diferenças de idade, acredita-se, por um lado, que uma classificação baseada na idade assenta numa capacidade básica e universal. Por outro lado, defende-se que a valorização das crianças face ao processo de envelhecimento está também ligada a alterações maturacionais das suas capacidade de raciocínio, que ocorrem aquando do seu desenvolvimento. Isso sugere que uma sequência de desenvolvimento cognitivo está na base da compreensão do processo de envelhecimento pelas crianças (Montepare *et al.*, *in* Nelson, 2002). Além disso, sugere-se que as atitudes negativas da criança em relação aos idosos são universais, em vez de diferirem a nível transcultural. Todavia, estas atitudes divergem com a idade, classe social e género do idoso em questão.

A atitude das crianças em relação à idade envolve diferentes sentimentos, crenças e expectativas de comportamento sobre os adultos mais velhos, e os seus estereótipos diferem ao longo de várias dimensões (e.g. física, cognitiva, social, etária ou de género). Segundo Montepare *et al.*, *"Vários estudos têm mostrado que aos 3 anos, as crianças associam o envelhecimento com a diminuição da atractividade física... Avaliações negativas são também comuns quando a criança avalia os adultos mais velhos em escalas de diferencial semântico que captam qualidades físicas - ou seja, a actividade global ou potência."* (in Nelson, 2002). Isto significa que a negatividade das suas atitudes preconceituosas parece depender das características dos adultos mais velhos que estão a ser avaliadas. Dependendo da dimensão ao longo do qual elas estão a avaliar, as crianças revelam reacções mais negativas nas dimensões físicas do que nas sociais. Assim, os estereótipos mais positivos sobre os idosos emergem quando as crianças são convidadas a avaliar determinadas qualidades sociais.

Alguns estudos baseados na "Hipótese do Contacto" argumentam que a atitude da criança para com a velhice poderá ser influenciada pela frequência do contacto com um adulto mais velho desconhecido. Os resultados desta teoria revelaram que a exposição a um estímulo, especialmente uma pessoa, pode ter um impacto positivo sobre o gostar. Lima (2010) também considera que *"Ao aproximarmo-nos daquilo que receamos, relativizamos a sua importância"*. Outras pesquisas têm demonstrado que existe uma percepção mais positiva e menos estereotipada sobre os parentes mais velhos, como por exemplo os avós, com quem a criança entra em contacto. As crianças que não tenham tido oportunidades para interagir com os seus avós terão uma maior probabilidade de terem sentimentos negativos acerca destes e do seu envelhecimento (Seefeldt, Warman, Jantz e Galper, 1990, in Nunes, 2009). Neste sentido, o tipo e a qualidade do contacto podem ter uma influência crucial sobre as atitudes das crianças (e.g. interagir com os idosos numa sala de aula pode promover uma atitude mais positiva nas crianças para com os idosos [Caspi, 1984; Newman, Faux e Latimer, 1997], do que visitar idosos doentes que residem num lar [Seefeldt, 1987]) (Montepare *et al.*, in Nelson, 2002).

Montepare *et al.* afirma que *"À medida que as crianças crescem, a sua compreensão das diferenças de idade e do processo de envelhecimento melhora, sugerindo que a maturação ou a socialização, ou ambos, desempenha um papel no desenvolvimento da sua compreensão sobre a idade."* (in Nelson, 2002). Como pode ser observado neste enunciado, a socialização é um dos processos através do qual os conceitos sobre o envelhecimento são percebidos pela criança durante o seu crescimento e desenvolvimento. Por este motivo, a aprendizagem social é muitas

---

vezes considerada um dos mais fortes determinantes de estereótipos e preconceitos contra os grupos estigmatizados, como os idosos. Embora não exista um consenso em relação à idade em que os preconceitos surgem, considera-se que a idade pré-escolar é crucial. King *et al.* (1994) salientam *"O preconceito e a discriminação aparece cedo no pensamento de crianças pequenas e são implantados nas suas mentes e nas suas acções por adultos que transmitem essas mensagens sociais à medida que elas constroem um comportamento preconceituoso"*.

Toda a informação acessível poderá constituir um dos primeiros cenários que a criança vai ter sobre o mundo. Além disso, a criação de estereótipos é feita em parte através de generalizações que ela faz aquando da sua exploração do mundo. Daí que seja tão importante levar as crianças nessas faixas etárias a contactarem com a diversidade e educá-la activamente para lidar com ela (Vandenbroeck, 1999). Neste sentido, a educação Pré-escolar, como entidade responsável pela educação das crianças e como fonte de recursos e materiais educativos, possui um papel pertinente na transmissão e percepção de conceitos e imagens pelas crianças.

Torna-se claro que os ambientes de educação infantil também têm um papel importante na maneira como a criança cria as suas próprias imagens sobre o envelhecimento, bem como sobre os idosos. Por conseguinte, um dos primeiros exercícios num programa intergeracional é considerar como o ambiente educativo já está por si só a promover uma imagem negativa ou positiva das pessoas idosas (Kaplan *et al.*, 2003). Alguma modificação do ambiente educativo pode ser bastante útil para melhorar a qualidade de interacções entre crianças e idosos (e.g. um idoso que se desloque em cadeira de rodas ou que possua algumas dificuldades de locomoção); isto porque os participantes também têm limitações que às vezes precisam ser tomadas em consideração no desenvolvimento das actividades (Kaplan *et al.*, 2003).

Num ambiente intergeracional, o modelo de interacção humana e crescimento também é influenciado pelo nível de funcionamento cognitivo, social, emocional e físico dos idosos. Em parte, devido a estes aspectos, revela-se pertinente a existência de profissionais atentos e sensibilizados. Por isso, é também importante que profissionais que acompanham os programas intergeracionais tenham, pelo menos, uma compreensão básica sobre o desenvolvimento na velhice, para além do desenvolvimento na infância.

#### *Educação Intergeracional e a redução do idadismo*

Segundo o DECET (2007) *"Os primeiros anos e os serviços para a primeira infância que incluem de uma forma positiva as crianças a partir de uma gama de distintas classes sociais, culturas,*

*religiões e aceita a diversidade como uma parte da vida, ajuda as crianças a crescerem na sua compreensão, respeito e valorização pela sociedade diversificada em que todos vivemos".* Esta questão pode ser conectada com o campo intergeracional, onde o conceito de diversidade pode ir mais longe e considerar um vasto leque de idades ou grupos etários. Jacobs (1975) também considera que a altura mais favorável para se dar início a um programa de educação para o envelhecimento é o período de formação, por excelência, da infância e juventude (*in* Andrade, 2002).

Nelson (2002) apresenta um plano de dez pontos para a redução do idadismo, dos quais são descritos apenas três devido à sua adequação ao tema: (i) criar uma maior exposição à diversidade nas características pessoais das pessoas idosas; (ii) procurar oportunidades de cooperação intergeracional; (iii) tirar proveitos das oportunidades para promover a atractividade social das pessoas idosas. A par disto, um dos pressupostos da educação intergeracional é levar o indivíduo a pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais esclarecida e mais positiva, pretendendo alcançar uma verdadeira cultura de ancianidade, na qual se inserem estes princípios para a redução do idadismo. Tal como refere Palmeirão (2007), *"A pensar os dias futuros, a questão que se coloca é a de apreender e explicar o processo gradual da ancianidade e, simultaneamente, potenciar lugares facilitadores de participação e educação entre gerações"* (Palmeirão, 2008; *in* REAPN, 2008).

Combinando-os, é possível perceber que a cooperação entre gerações pode ser uma forma de reduzir o comportamento idadista através da exposição à diversidade de características individuais do idoso. Nesse pressuposto, e de acordo com Palmeirão (2008), *"faz sentido pensarmos a educação intergeracional, enquanto processo de capacitação da pessoa para o pleno exercício da sua civilidade, da eliminação dos preconceitos por razões de idade e contra o medo do nosso envelhecimento"* (*in* REAPN, 2008). Ou seja, pretende-se criar um caminho novo para a edificação de uma solidariedade intergeracional propícia ao desenvolvimento e fortalecimento da equidade e da reciprocidade entre as gerações.

No que diz respeito à promoção da diversidade ao nível da infância, Vandebroek (1999) afirma que, *"O contacto precoce e íntimo com crianças e adultos de outros grupos irá, talvez, minimizar o factor medo, tornando-se possível falar em diversidade"*. O mesmo autor explica: *"Para romper as fronteiras do grupo, o contacto entre os grupos deve ser suficientemente intenso para que haja um intercâmbio de informações individuais e de sentimentos"*. O contacto com adultos mais

velhos pode promover atitudes mais positivas ou negativas, as quais vão depender essencialmente da qualidade do mesmo. Se, contudo, as crianças tiverem contacto com os mais velhos, sentem-se mais confortáveis na sua presença e compreendem melhor o envelhecimento e o ser velho (Seefeldt, 1985, *in* Chen, 1997). Nesse sentido, uma actividade intergeracional vai além da simples mistura de diferentes grupos geracionais, pelo que se torna importante estar consciente da ideia de que não é suficiente colocá-los em contacto.

Vandenbroeck (1999) afirma também que o educador tem a responsabilidade de *"tentar proporcionar às crianças uma imagem de si próprias e dos outros, que as ajude a serem flexíveis e a adaptarem-se a várias situações e às mudanças"*. Portanto, o método através do qual o educador actua pedagogicamente (e.g. construção do currículo baseado numa abordagem intergeracional) pode ser uma maneira de definir a qualidade do apoio prestado à criança, melhorando as suas competências sociais e permitindo-lhe lidar com um mundo em mudança. De acordo com Andrade (2002), *"Ser capaz de reagir a situações de opressão social é uma das competências com que se deve sair da escola e, sem dúvida, uma das situações de opressão do nosso tempo é aquela sofrida pelos velhos"*.

Bosi (1973/1995) afirma ainda que *"Em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem"*. Lutar pela humanização do velho é lutar pela nossa própria humanização, e essa luta não pode deixar de passar pela educação (*in* Andrade, 2002). Considera-se aqui que esta educação também pode ser na sua vertente intergeracional, no sentido em que também pretende promover imagens e atitudes positivas entre as gerações mais novas e as mais velhas. Assim, poderá ser através de programas educacionais voltados para a questão do envelhecimento e para a participação social dos idosos, que façam interagir os mais jovens com os mais velhos, que se estará contribuindo para uma melhor velhice no presente e no futuro (Andrade, 2002).

Neste sentido, faz-se aqui referência a Freire (1997), o qual retoma uma questão central de toda a sua filosofia afirmando *"a educação, como experiência especificamente humana, é uma forma de intervenção no mundo"* (Freire, 1997, *in* Andrade, 2002); defendendo que se aprende a intervir tomando conhecimento, reflectindo e agindo, nunca apenas tomando conhecimento. Portanto, considera-se uma perspectiva de que a educação é *"na sociedade"* e não *"para ou fora da sociedade"*; em que a escola sai à rua e a rua entra na escola (*in* Andrade, 2002). Ou seja, acredita-se que a *"educação não é uma mera preparação para a vida, mas é a vida ela mesma"* (Dewey, 1916/1959, *in* Andrade, 2002).

# Capítulo 3

## **O Centro Paroquial de São Bernardo: a multigeracionalidade e a intergeracionalidade numa IPSS**

### **3.1 O Centro Paroquial de São Bernardo: um espaço multigeracional**

De todos os aspectos que poderão caracterizar o Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB), cingir-se-á aqui àqueles que se referem à relação entre as valências para a infância e para a pessoa idosa, nomeadamente as actividades intergeracionais que foram desenvolvidas nos últimos anos. O CPSB é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), situada na localidade e freguesia de S. Bernardo, concelho de Aveiro. Presta os seus serviços nas áreas de apoio social e educativo à Infância e à Pessoa Idosa em dois edifícios vizinhos, constituindo assim uma instituição de composição multigeracional. No edifício mais antigo, datado de 1971, é onde se situam as valências ligadas à infância e aos serviços administrativos, por outro lado, no edifício mais recente, inaugurado em Outubro de 1999, é onde funcionam as valências destinadas aos idosos (Mónica, 2007).

O edifício destinado à infância (onde se situa a Creche, o Pré-Escolar e o Centro de Actividades dos Tempos Livres) presta serviços a cerca de 338 crianças entre os quatro meses e os dez anos, e é composto por quinze salas de actividades onde se desenvolve: o trabalho diário; uma sala de música; uma biblioteca; duas salas utilizadas para actividades como o Inglês, a catequese, as reuniões do grupo de escuteiros; entre outras. Para além destes espaços integram-se no Centro



dois refeitórios, quatro salas polivalentes, dois gabinetes de atendimento, a cozinha e os serviços administrativos (Mónica, 2007).

O edifício destinado à pessoa idosa é constituído por três pisos. O piso -2 só está parcialmente utilizado pelas actividades do Centro, com arrumações e salão polivalente. No piso -1 funciona um mini lar com dez quartos (16 camas) e estruturas de apoio, salas e casas de banho. No piso 0 funciona o centro de dia, o refeitório e todo o suporte do Serviço de Apoio Domiciliário. O centro de dia é composto por vinte e seis idosos, sendo que oito não apresentam problemas de dependência e dezoito apresentam dependências moderadas.

Na valência do lar, a dependência atinge proporções mais elevadas. Assim, três utentes encontram-se quase sempre acamados (transferências de curta duração para a cadeira/poltrona), cinco permitem apenas a transferência para a cadeira de rodas, não se deslocando sem apoio de terceiros, e possuem défices significativos, nomeadamente cognitivos, auditivos e motores, na sua maioria causados por AVC's (i.e. Acidentes Vasculares Cerebrais). Os restantes utentes possuem também dependências diversas ao nível da realização das AVD's (i.e. Actividades da Vida Diária), nomeadamente, o banho, necessidades fisiológicas, levantar sem apoio, e auto-alimentar-se (Mónica, 2007).

No que se refere às crianças e aos idosos, estes distribuem-se pelas várias valências de acordo com o quadro seguinte:

**Quadro 3.1:** Distribuição e frequências de pessoas em valências do CPSB em 2008<sup>1</sup>.

Valências para a Infância	Frequência	Valências para a Pessoa Idosa	Frequência
Creche	75	Centro de Dia	26
Jardim de Infância	108	Serviço de Apoio Domiciliário	46
Actividades de Tempos Livres	155	Apoio Domiciliário Integrado	5
		Lar	16

## 3.2 As alterações demográficas e a estrutura familiar em São Bernardo

Para que seja possível, posteriormente, compreender todo um contexto de actividades intergeracionais desenvolvidas ao nível do CPSB, revela-se importante enquadrar a instituição no

<sup>1</sup> São apresentados os dados de 2008, na medida em que estes foram os facultados pelo CPSB.

cenário demográfico e social que a envolve, nomeadamente o do concelho de Aveiro e, mais especificamente, o da freguesia de São Bernardo. Estes dados e informações permitem também mostrar parte das dinâmicas das relações entre as gerações e da solidariedade intergeracional que poderá existir ao nível familiar das crianças e dos idosos.

De acordo com o Observatório Permanente de Desenvolvimento Social (2002), a percentagem da população residente no concelho de Aveiro pertencente ao grupo etário dos 25 aos 64 anos de idade, aumentou 3% entre 1991 e 2001, pelo que a percentagem subiu de 51,8% para 54,8%. Por outro lado, a população idosa, com 65 anos de idade ou mais, também aumentou na ordem dos 3,2%. Neste sentido, em 1991, 11,3% da população aveirense tinha 65 ou mais anos de idade, enquanto em 2001, essa percentagem sobe para 14,5%. De facto, pode-se concluir que no concelho de Aveiro, as camadas populacionais adulta ou idosa aumentaram na última década na mesma proporção (consultar anexo 3.A). Este aspecto pode, deste modo, ser revelador do progressivo envelhecimento da população.

Os resultados preliminares dos Censos 2001 apontam para um crescimento de 10,4% da população residente no concelho de Aveiro. Este crescimento é superior ao de qualquer dos outros níveis territoriais e significativamente superior à média da Região Centro (3,6%). A freguesia de São Bernardo, entre outras, foi uma das que sofreu um crescimento demográfico acima da média concelhia. Entre as várias dinâmicas positivas, é de esperar que a facilidade de acesso ao centro urbano, em simultâneo com a existência de preços de habitação mais moderados que no centro, sejam algumas das responsáveis por esse aumento. Além disso, a disponibilidade de espaço para crescer constitui-se igualmente como uma condição importante nas freguesias peri-urbanas, e a freguesia de São Bernardo parece assegurar essa condição (Observatório Permanente de Desenvolvimento Social, 2002).

O facto de São Bernardo ser uma freguesia “dormitório”, em que a população activa sai para trabalhar e só volta ao final do dia, leva a que a grande maioria das crianças residentes na freguesia e frequentadoras do CPSB, sejam filhas de pais que exercem a sua actividade profissional fora de casa; tendo por isso necessidade de deixar os filhos sob a responsabilidade de outrem. De acordo com Mónica (2007), a directora técnica do CPSB, *“A instituição [Centro Paroquial de São Bernardo] surgiu para dar resposta às necessidades que se começavam a sentir nos fins da década de 60, com a entrada da mulher no mercado de trabalho. (...) Assim sendo, o aumento das instalações e o alargamento dos serviços prestados, durante estes 36 anos, têm*

*surgido como resposta às solicitações da comunidade, nomeadamente devidas ao aumento demográfico na freguesia e às alterações sociais da mesma*". Para além disso, e devido à idade, grande parte dos avós ainda estão integrados na vida activa, não tendo, por vezes, total disponibilidade para dar apoio aos netos.

Contudo, a maioria das crianças que frequenta a instituição residem ou já residiram na freguesia, pelo que têm lá relações familiares próximas (i.e. avós ou tios). Neste sentido, verifica-se uma grande participação dos avós na vida dos netos, tanto a nível de estarem encarregues por irem levar ou buscar as crianças ao CPSB, como de ficarem responsáveis pelas mesmas até ao final do horário laboral dos pais. Além disso, ainda é possível verificar a existência de solidariedade intergeracional também proporcionada pela co-habitação, em que alguns idosos (avós) vivem em casa dos filhos, ou vice-versa. Esta situação é reforçada pela continuidade das famílias extensas, as quais representam 9,1% das famílias do concelho de Aveiro em 2001, e que embora o seu declínio desde 1991, isso não aconteceu ao nível da freguesia de São Bernardo (Observatório Permanente de Desenvolvimento Social, 2002).

Considerando todas estas questões demográficas e sociais, e sendo o CPSB uma instituição que atende a dois grupos geracionais distintos, importa aprofundar e desenvolver de seguida todo o contexto institucional em que as actividades intergeracionais entre crianças e idosos se desenvolveram.

### **3.3 O Centro Paroquial de São Bernardo e as práticas intergeracionais**

#### **3.3.1 A intergeracionalidade no Projecto da Instituição**

Sendo o CPSB uma instituição que presta serviços educativos e de cuidados a crianças e a idosos, foi elaborado, em 2007 (e para um período de três a cinco anos), um Projecto da Instituição que engloba todas as valências que a constituem. Nesse documento é feita referência à intenção da promoção do contacto intergeracional, a qual revela a vontade e a motivação dos profissionais para o desenvolvimento das relações intergeracionais entre as crianças e os idosos.

De acordo com Mónica (2007), *"O documento que preparámos foi executado com base na realidade actual e na sua projecção futura. (...) Construir um Projecto da Instituição pressupõe estabelecer a identidade própria da instituição, (...)"*. Neste sentido, pode-se considerar que a

intergeracionalidade, dado que é referida ao longo do documento, faz parte da identidade da instituição. A mesma autora refere ainda que *“é imperioso criar uma sociedade que inclua todas as idades e que tenha, como ponto de partida, a igualdade entre gerações, uma sociedade onde, desde a infância à velhice, todos possam ver os seus direitos assegurados”*.

Mesmo embora os objectivos definidos para cada um dos grupos sejam distintos, esse mesmo documento revela que está presente na acção da instituição o intercâmbio intergeracional, com o intuito de que a criança aprenda a conhecer e a valorizar o idoso e este se sinta útil e integrado na sociedade. Inerente às valências de apoio aos idosos, é referido que um dos objectivos gerais é *“facilitar a solidariedade entre gerações, através da promoção da educação entre gerações, de modo a que os idosos ensinem as crianças e estas os idosos”* (Mónica, 2007).

### **3.3.2 Um passado de iniciativas intergeracionais**

Devido à sua composição multigeracional e à sua preocupação com o bem-estar e relações entre crianças e idosos, o CPSB tornou possível a realização de actividades de cariz intergeracional entre as valências para a infância e para a pessoa idosa.

*“Nós já realizámos algumas actividades. Não tantas como queríamos, mas pelo menos há muitas crianças [do CPSB] que vêm cá [ao centro de dia] duas a 3 vezes por ano fazer uma actividade com os idosos, promovida pelos profissionais do centro de dia.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

Entre os dois grupos são realizadas actividades esporádicas, tais como: festas e comemorações (e.g. Dia da Criança, festa dos 35 anos da instituição, festa de Natal, cantar as Janeiras, Dia das Bruxas, Desfolhada, vindimas); ateliês e desfiles de Carnaval (e.g. elaboração de máscaras venezianas e pintura de azulejos); dramatizações com as crianças finalistas e um grupo de idosos do centro de dia (e.g. Nabo Gigante e um Auto de Natal); e passeios temáticos (e.g. visita ao Oceanário de Lisboa).

Foi ainda desenvolvido no ATL, há cerca de 6 anos, um projecto com a duração de um ano, intitulado o “Avô da Sala”, com as crianças e os idosos do centro de dia. Neste projecto, um idoso “adoptava” uma sala e ia lá uma tarde por semana, previamente estipulada, para fazer jogos, contar histórias e partilhar a sua experiência de vida. Também faziam objectos e prendas para as crianças e para os idosos aniversariantes e, no final de cada mês, juntavam-se todos no centro de dia para lanchar e oferecer as prendas aos respectivos.

Para além disso, foram ainda realizadas actividades com os idosos familiares das crianças e dos profissionais das valências para a infância. Algumas inseriram-se no Projecto Educativo de 2009/2010, cujo tema era a “Família”. Deste modo, várias actividades desenvolvidas nas salas do Pré-escolar, nomeadamente a “Semana dos Avós”, envolveram a participação dos avós das crianças, para além de outros membros familiares. Ainda numa das salas do jardim-de-infância, o grupo de crianças recebia algumas visitas semanais da Avó Rosa, que era a mãe da educadora dessa mesma sala (sala A). Nestas visitas, e de acordo com o testemunho da própria educadora, a avó Rosa contava-lhes histórias, brincava com elas (e.g. preparavam casamentos e baptizados), fazia actividades de culinária e dava-lhes uma atenção extra.

### **3.3.3 Uma vontade de promover a intergeracionalidade: a participação na iniciativa Entre Gerações**

Como já foi referido, no momento da proposta para a realização deste projecto no CPSB, os profissionais da instituição encontravam-se a preparar uma candidatura para participarem no desafio Entre Gerações colocado pela FCG. Este desafio surgiu no âmbito do programa Envelhecimento e Coesão Social e pretendia eleger 18 candidaturas em Portugal e no Reino Unido para o financiamento de projectos-piloto intergeracionais. Tinha como principal objectivo a promoção da coesão social e a diminuição do isolamento nos países referidos, através do fortalecimento das relações entre os diferentes grupos etários.

Até então, as actividades intergeracionais tinham sido desenvolvidas no centro de dia porque o jardim-de-infância não possuía as condições necessárias para acolher confortavelmente os idosos (nomeadamente por questões de tamanho do mobiliário e equipamento, bem como outras barreiras arquitectónicas). Por este motivo, e por os profissionais não considerarem esta situação como a mais adequada, a ideia para o projecto consistia no aproveitamento de um espaço praticamente inutilizado no piso -2 do edifício do CPSB destinado às valências da 3.ª idade. Este espaço, bastante amplo, era utilizado para as reuniões do grupo de escuteiros, bem como para as sessões de catequese. Contudo, estas actividades ocupavam apenas cerca de 15% do espaço total e aconteciam apenas uma vez por semana, pelo que sobrava bastante espaço livre que apenas estava a servir para arrumação. Deste modo, a proposta surgia no sentido de criar diversos ateliês (e.g. modelagem, pintura, biblioteca, informática e computadores, auditório), onde pudessem ser desenvolvidas actividades significativas com ambos os grupos geracionais ou com os grupos em separado.

*“Porque nós temos a facilidade de termos crianças na nossa instituição, embora cada sala tenha os seus planos de actividades de sala e anuais, mas ideal era termos o projecto da Calouste Gulbenkian a funcionar.”* (animadora sociocultural do centro de dia).

Esta proposta para a criação de um espaço multigeracional tinha também como objectivo colmatar a inexistência de um espaço agradável onde crianças e idosos se pudessem encontrar sem incomodar ou perturbar outros utentes que não estivessem interessados em participar nas actividades. Para além disso, a ideia de ter um espaço agradável e multifuncional, onde crianças e idosos se pudessem envolver nas mais diversas actividades, sugeria aos profissionais do CPSB uma melhoria na promoção das relações intergeracionais e na qualidade das actividades.



# Capítulo 4

## As opções metodológicas num contexto de diversidade

### 4.1 Os objectivos que foram emergindo da progressiva compreensão do contexto

Com base em algumas linhas orientadoras da educação social, pretendia-se recorrer a um processo de escuta e de promoção da participação activa de crianças e de idosos, que tinha em conta questões éticas na investigação com estes dois grupos. Deste modo, o objectivo geral deste projecto consistia em compreender todo um contexto institucional de desenvolvimento de actividades intergeracionais e de promoção de relações entre crianças e idosos. Esta compreensão, por sua vez, pretendia uma posterior reflexão e acção pelo grupo de profissionais com o intuito de melhorar a qualidade destas actividades desenvolvidas entre as crianças e os idosos.

Na medida em que o projecto se foi desenvolvendo de acordo com as necessidades e pertinências evidenciadas ao longo do tempo, através das conversas realizadas com os vários grupos participantes (i.e. crianças, idosos e profissionais), cada fase do projecto orientava-se por objectivos específicos. Deste modo, numa primeira fase de carácter mais exploratório (Fase I) pretendia-se:



- Conhecer a relação avô-neto, tanto ao nível do grupo das crianças como do grupo dos idosos;
- Saber qual a frequência e o tipo de contacto das crianças com os avós, bisavós e trisavós, bem como a frequência e o tipo de contacto dos idosos com os seus netos, bisnetos e trinets;
- Conhecer a imagem que as crianças têm dos avós, dos idosos em geral e da velhice, assim como a imagem que os idosos têm dos netos, das crianças e da infância.

Posteriormente (Fase II e Fase III), e no âmbito do contexto de desenvolvimento das actividades intergeracionais promovidas pelo CPSB, pretendia-se também:

- Promover a participação social das crianças e dos idosos institucionalizados, escutando e valorizando a sua voz e opinião, e alertando os profissionais para a importância do envolvimento desses dois grupos em assuntos que lhes dizem respeito (e.g nas actividades intergeracionais);
- Conhecer o quotidiano das valências para a infância e para a pessoa idosa, com o intuito de melhor compreender o contexto institucional onde se desenvolvem as actividades entre as crianças e os idosos;
- Conhecer a perspectiva do grupo de crianças e do grupo de idosos em relação às actividades intergeracionais realizadas anteriormente pelo CPSB, tornando-os nos próprios actores da mudança;
- Saber qual a visão de um grupo de profissionais de cada uma das valências sobre as actividades intergeracionais desenvolvidas por eles no CPSB;
- Saber qual a opinião dos pais/encarregados de educação sobre o convívio entre crianças e idosos, bem como a sua opinião em relação à participação do seu filho em actividades intergeracionais promovidas pelo CPSB;
- Conhecer as barreiras que a institucionalização pode colocar ao convívio entre crianças e idosos e à promoção de actividades entre estes dois grupos;
- Promover, entre profissionais, uma reflexão sobre as actividades intergeracionais já realizadas com o intuito de avaliar as barreiras institucionais que se lhes colocam e, desse modo, levar a uma melhoria das práticas.

Por tudo isto, apresenta-se um projecto que se foi construindo ao longo do tempo através da exploração, da conversa e da descoberta, que não termina nestas páginas, mas que vive naqueles que habitam e frequentam o CPSB.

## 4.2 A opção pela investigação-acção participativa

Este projecto desenvolveu-se a partir de uma realidade social e concreta, vivida numa instituição, e pretendia a compreensão de todo um contexto de desenvolvimento de actividades e de relações intergeracionais para posteriormente apoiar os profissionais na reflexão sobre as práticas intergeracionais dentro da instituição. Lessard-Hébert, M. *et al.* (2005) referem que *“estudar o social é compreendê-lo (o que não se torna possível sem o reviver); o objecto social não é uma realidade exterior, é uma construção subjectivamente vivida”*. Deste modo, recorreu-se a uma metodologia qualitativa, pois tal como afirma Trilla (2004), *“O importante na investigação qualitativa é o processo hermenêutico e a compreensão da realidade”*.

Ao longo do desenvolvimento do projecto de investigação, certas opções metodológicas revelaram-se mais adequadas e pertinentes que outras, pelo que para além do recurso a uma investigação qualitativa, foi necessário recorrer à respectiva metodologia interventiva, tendo-se optado pela investigação-acção participativa. No que se refere a esta metodologia, uma das suas principais características relaciona-se com o seu carácter prático, ou seja, com o facto de esta tratar problemas reais e concretos através da utilização de um método científico. Novamente, de acordo com Trilla (2004), *“A investigação-acção terá de tratar de problemas que a investigação pura não pode resolver, visto que são problemas que os próprios protagonistas sentem e experimentam quando levam o trabalho a cabo. São problemas vinculados ao contexto de cada grupo, zona, centro, problemas concretos para os quais deve encontrar uma solução prática”*.

As várias definições de investigação-acção apresentadas por Alcides Monteiro (1988), valorizam diferentes dimensões presentes no conceito. Estas definições evidenciam que a investigação-acção não constitui tanto uma técnica de recolha da informação quanto uma nova aproximação da investigação, sendo uma modalidade que torna o actor investigador, e vice-versa, e que conduz a acção para considerações de investigação. O seu ponto de partida é particular, já que fundamenta a sua dinâmica sobre a acção, e considera os actores não como objectos passivos de investigação, mas como sujeitos participantes (*in* Guerra, I. 2007). Portanto, e no âmbito de um projecto inserido na Educação Social, revelou-se pertinente que a mudança social a provocar fosse concretizada, acima de tudo, com a participação dos envolvidos.

Neste sentido, ao longo das sessões foi desenvolvido um processo de escuta e de diálogo, em que a opinião das crianças, dos idosos e dos profissionais eram consideradas como fontes válidas e valiosas de informação, ou seja, em que a voz dos participantes teve sempre um papel privilegiado. De acordo com Kucharczyk (2008), *“Reflectindo diferentes contextos sociais, económicos e culturais, a voz das pessoas idosas não pode reivindicar a cientificidade, mas pode reforçar a investigação académica, apresentando as realidades complexas que enfrentam no seu quotidiano”* (in REAPN, 2008). Contudo, para que se pudesse ter acesso a esse contexto, era necessário criar processos de participação dos intervenientes que os levasse a falar sobre a sua realidade social, bem como sobre a sua perspectiva sobre as actividades que haviam sido desenvolvidas; pelo que em todo o projecto os momentos de conversa eram de uma fulcral importância.

Guerra (2007) afirma que a investigação-acção movimenta três “pólos”: o da acção, que tem como objectivo atingir a mudança social num contexto concreto; o da investigação, centrado na procura das dinâmicas actuais e nas intencionalidades dos actores; e o da formação, que é inerente ao próprio processo de conhecimento e acção, mobilizando as capacidades cognitivas e relacionais dos actores em função de objectivos específicos. A mesma autora afirma também que *“o objectivo não é fundamentalmente o aumento do conhecimento sobre a realidade, mas a resolução de problemas e, assim, interessa mais o processo de mudança social exigido pela investigação-acção do que o resultado desta”*. Foi também com esta intenção que numa fase final do projecto se optou pela realização de uma dinâmica de grupo, com a qual se pretendia que os profissionais reflectissem sobre as suas práticas e sobre a aspectos de organização e de funcionamento da instituição com o intuito de levar a uma melhoria do contexto de desenvolvimento das actividades intergeracionais.

### **4.3 A investigação com as crianças**

A Convenção dos Direitos da Criança (1989) e a consequente relevância atribuída aos artigos relativos à sua participação social (i.e. o 12.º e o 13.º) sustentaram o surgimento de um novo paradigma da infância que levou a uma re-conceptualização do papel das crianças na investigação. A emergência deste paradigma, como refere O’Kane, *“(...) reflecte em parte um afastamento da visão das crianças como recipientes passivos da socialização adulta para um reconhecimento de que as crianças são actores sociais de direito próprio e participantes activos na*

*construção e determinação das suas experiências, das vidas de outras pessoas e das sociedades onde vivem” (in Christensen, et al. 2005).*

A discussão sobre a participação infantil na investigação tornou-se algo inquestionável - a emergência do paradigma da infância que pretende desocultar as vozes e as próprias crianças. Acerca disto, Soares (2006) refere que *“A abordagem da pesquisa da criança como actor social considera-as como sujeitos e actores sociais envolvidos na construção e na compreensão das suas próprias experiências e conhecimentos, salientando-as pelo seu agir, envolvimento e participação na transformação do meio social e cultural em que vivem”*. Neste sentido, as metodologias participativas contribuíram para tentar desenvolver uma forma de desocultação das vozes das crianças, que permaneceram invisíveis nos métodos tradicionais de investigação. Devido a argumentos geracionais etnocêntricos, a incompetência e a incapacidade das crianças era invocada como argumento de protecção contra a sua própria irracionalidade e incompetência (Soares, 2006).

A participação infantil é um processo contínuo de expressão e de intervenção activa por parte das crianças nas tomadas de decisão, a diferentes níveis, e nos assuntos que lhes dizem respeito. Desta forma, o direito a ser ouvido engloba todas as acções e decisões que afectam a vida da própria criança, na família, na escola, na saúde, na comunidade e também a nível político nacional (Lansdown, 2004). Assim, a transformação nos níveis de participação infantil vai acontecendo nos espaços que as crianças habitam, por onde elas circulam, onde elas brincam e aprendem. Sarmiento, *et al.* (2006) refere que a construção dos direitos participativos das crianças nos seus contextos de acção compõe um ponto nodal na afirmação do reconhecimento da sua competência social. Alguns desses espaços constituem-se pelos contextos institucionais, nomeadamente a escola ou o jardim-de-infância, pelo que optámos por este último e o considerámos como um espaço de participação.

O trabalho desenvolvido na investigação participativa, ao basear-se numa relação participada, interactiva e aberta à mudança, coloca a criança e o adulto no mesmo nível, não havendo quase distinção entre os papéis que desempenham na investigação, adulto-investigador e criança-participante. Para isso, é importante que se quebrem as relações de poder entre as crianças e o adulto. Portanto, o investigador terá encontrar uma forma de entrar no grupo das crianças e de ser aceite por elas, podendo socorrer-se de um vasto leque de estratégias, como por exemplo as *“estratégias reactivas”* (Corsaro, 1985, *in* Graue, 2003).

Todo este processo poderá levar algum tempo, mas é algo no qual é fundamental investir. Para além disso, dentro do próprio grupo de crianças, também será importante que elas se sintam como iguais, ou melhor, é imprescindível que sintam que a sua opinião é igualmente valorizada. Sem que isto aconteça, o investigador corre o risco de que uma criança com informações importantes fique em silêncio por timidez ou por falta de auto-confiança. Como forma de evitar este tipo de situações, tanto entre crianças como entre crianças e adultos, é importante que exista um ambiente leve e harmonioso que crie iguais oportunidades de participação, livre de preconceitos e de juízos de valor.

#### **4.3.1 A utilização de técnicas participativas como forma de diálogo com as crianças**

Ao longo do projecto, uma das principais preocupações era o de tentar proporcionar oportunidades e momentos em que a criança se pudesse expressar livremente sobre alguns assuntos pertinentes, nomeadamente as actividades intergeracionais em que tinha participado. Neste âmbito, recorreu-se também a algumas técnicas participativas, considerando-as numa fase inicial como recursos a utilizar para estabelecer o diálogo com as crianças, assim como para as conhecer e para ajudar na compreensão “dos seus mundos”.

A utilização de técnicas participativas constitui-se como um bom recurso, uma vez que estas se têm revelado bastante eficazes quando utilizadas com crianças, nomeadamente porque são inovadoras, divertidas e apropriadas. De acordo com Theis (1996), *“O uso bem sucedido de técnicas participativas requer um compromisso de processos progressivos de partilha de informação, diálogo, reflexão e acção”* (in Christensen, et al. 2005). Neste sentido, o investigador poderá recorrer a variados métodos que facilitem o processo de participação das crianças, tais como desenhos, jogos, mapas, histórias, dramatizações, entre outras formas de expressão. Estes métodos poderão desenvolver-se sob múltiplas formas e terão, essencialmente, de ser suficientemente acessíveis às crianças, deixando-as controlar parte do processo.

### **4.4 Investigação com os idosos: a animação sociocultural como suporte à participação**

Uma área importante que se dedica à intervenção com os idosos, para além de outros grupos de indivíduos, é a Animação Sociocultural (ASC). Esta surgiu para ajudar os indivíduos a adaptarem-se à comunidade e para prevenir e atender a fenómenos de «sobre-adaptação» que provocam a despersonalização, o conformismo, a alienação e a passividade. É neste sentido que se faz aqui

referência à mesma, na medida em ela se baseia no pressuposto de que as pessoas e os colectivos se devem transformar em agentes e protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Tal como refere a APDASC<sup>1</sup>, *“A ASC tendo como principal preocupação os interesses e aspirações dos indivíduos, leva a cabo um conjunto de acções que potenciam o seu próprio desenvolvimento e contribuem para a sua autonomia a vários níveis (...), estando presente uma atitude anti-autoritária, no sentido de provocar a participação activa”*.

A opção pela investigação participativa com o grupo de idosos foi pensada com base no que refere Requejo Osório acerca da ASC, *“O que particularmente interessa nos processos de animação é gerar processos de participação, criando espaços para a comunicação dos grupos e das pessoas, tendo em vista estimular os diferentes colectivos a empreenderem processos de desenvolvimento social (...) e cultural (...)”* (in Trilla, 2004). Deste modo, a participação dos idosos e a criação de espaços para o diálogo, nos quais os idosos tivessem voz e opinião revelou-se necessária e fundamental. Além disso, estas oportunidades de comunicação também foram criadas com a consideração de que os idosos gostam de contar histórias e partes da sua própria história pessoal, num esforço construtivo e reconstrutivo da sua própria identidade, reforçada através da disponibilidade e atenção do interlocutor (Silva 1998, in Andrade, 2002).

## 4.5 Os grupos participantes e a sua constituição

Segundo Lima (2003), *“O primeiro propósito da investigação participativa, (...), é o desenvolvimento dos actores sociais, enquanto indivíduos e enquanto colectivos/grupos, bem como, porque é sua responsabilidade cívica, o desenvolvimento dos vários territórios, físicos ou simbólicos, que de formas variadas esses actores habitam (...)”*. Deste modo, tal como o primeiro propósito da investigação participativa, este projecto pressupunha que as crianças e os idosos, dois grupos sociais cujos direitos de participação se pretendem cada vez mais valorizados, se transformassem nos próprios agentes de mudança.

De acordo com Trilla (2004), a investigação participativa implica um processo ou conjunto de acções que deverão realizar-se colectivamente, ou seja, pelo conjunto de pessoas, grupo ou comunidade que tenta analisar e transformar a sua realidade. O mesmo autor refere ainda que esta metodologia parte de uma motivação colectiva para a mudança, originada pelo desejo de conhecer mais profundamente uma realidade social e procurar os modos apropriados para a

---

<sup>1</sup> APDASC: Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural

transformar. Neste sentido, foi considerada uma visão holística da instituição, pelo que um leque de vários envolvidos foi convidado a participar, nomeadamente crianças, idosos, profissionais e pais/encarregados de educação.

#### **4.5.1 O grupo das crianças**

Inicialmente, o grupo de crianças englobava duas salas de jardim-de-infância (cada uma com vinte e duas crianças), ambas constituídas por crianças entre os três e os seis anos de idade, e as quais se designarão por sala A e sala B. Contudo, dado que se consideram as crianças como actores sociais, e que dessa forma elas participaram activamente no projecto, os níveis de participação das mesmas foram variando de acordo com as sessões e respectivas actividades (consultar anexo 4.A). Deste modo, embora os dois grupos das salas constituíssem um total de quarenta e quatro crianças, o grupo de participantes era constituído por vinte crianças da sala A e outras 5 da sala B.

Da sala A fizeram parte do grupo as seguintes crianças: André<sup>2</sup> (5 anos); Bruna (3 anos); José (3 anos); Dora (5 anos); Fernanda (5 anos); Alexandra (4 anos); Isabel (6 anos); Hugo (5 anos); Diana (5 anos); Marco (4 anos); Rodrigo (4 anos); Filipe (4 anos); Marta (3 anos); Marisa (3 anos); Alice (4 anos); Diogo (3 anos); Francisco (4 anos); Juliana (4 anos); Sara (5 anos); e Luís (5 anos). Da sala B, fizeram parte as seguintes crianças: Ana (3 anos); Sofia (4 anos); Cristina (5 anos); Rosa (4 anos); Mafalda (3 anos).

#### **4.5.2 O grupo dos idosos**

O grupo de idosos constituiu-se por um grupo de onze idosos, sendo todos eles utentes do centro de dia e três deles também residentes no lar. Embora, inicialmente, o grupo fosse constituído por dez elementos, mais tarde juntou-se ao grupo um outro elemento que, embora não tendo participado nas actividades por estar há pouco tempo na instituição, mostrou vontade em participar no projecto. Apresenta-se de seguida uma parte da história de vida dos elementos que constituíram o grupo, incidindo sobre aspectos relacionados com a sua relação com a família (especialmente com as crianças) e com a sua situação de institucionalização, as quais foram baseadas em informações recolhidas através de conversas estabelecidas com os próprios idosos. O foco feito sobre o centro de dia está relacionado com o facto de este ser o local onde se desenvolvem as actividades, e aí se encontrar todo o grupo que habitualmente participa nas actividades intergeracionais.

---

<sup>2</sup> A partir daqui todos os nomes utilizados são fictícios para garantir a privacidade dos participantes.

*Antónia*

A Antónia tem 86 anos e está no centro de dia há cerca de quatro anos, juntamente com o seu marido. Têm casa própria, onde vivem os dois. Ela tem dois filhos e duas filhas, mas apenas uma delas e um deles vive em Aveiro. O outro filho, do qual tem três netos, está em Macau e a outra filha, da qual tem uma neta, está no Canadá. Dos filhos que vivem em Aveiro ela não tem netos, o que leva a que não conviva com os mesmos por uma questão de distância. Apenas mantém contacto com as filhas, especialmente com a que vive em Aveiro, a qual a apoia nos cuidados e nas tarefas domésticas. Este facto deve-se a conflitos familiares relacionados com as opções de vida dos filhos, nomeadamente a escolha dos cônjuges.

*Aurora*

A Aurora tem 79 anos e começou a frequentar o centro de dia devido a aspectos relacionados com a saúde (i.e. a doença de Parkinson faz com que ela tenha quedas frequentes). Ao final da tarde, regressa a casa, onde vive com o seu marido. Enquanto criança viveu em Aveiro e por volta dos sete anos foi viver para o Porto com os pais, onde estudou na Escola Industrial Faria Guimarães, mas cedo foi obrigada a desistir por insistência do pai. Era boa aluna, gostava das aulas de desenho, e gostaria de ter continuado os estudos.

Ela e o marido tiveram dois filhos, sendo que um deles morreu com 56 anos. Da morte deste filho, surgiram conflitos com a nora e, conseqüentemente, com as duas netas, pelo que perdeu o contacto com as mesmas. O outro filho, do qual tem um neto e uma neta, vive em Oeiras com a família. Devido à distância, não convive com os netos tanto quanto gostaria, contudo, recebe visitas deles cerca de três vezes por ano, *“Os [netos] de Lisboa vejo pela Páscoa, Natal e férias grandes. Por vezes matam saudades e vêm ver-nos de vez em quando.”*

*Deolinda*

A Deolinda tem 85 anos, é viúva, e frequenta o centro de dia desde Janeiro de 2010. Teve cinco filhos dos quais dois morreram, uma menina à nascença e um menino com cerca de um ano. Comprou e arranjou um terreno para que os filhos pudessem construir as suas casas. Vive uma semana em casa de cada filho e considera que se dá bem com todos, bem como com os respectivos cônjuges, *“Todos os meus filhos são meus amigos. As minhas noras são minhas amigas.”* Todos os seus netos estão casados e têm todos filhos à excepção de uma neta. Inclusive já tem um bisneto casado, pelo que já é trisavó de duas crianças e bisavó de outras seis, *“Eu gosto muito deles [dos netos e bisnetos]. Eles também são meus amigos.”*

---



### *Fátima*

A Fátima tem 78 anos e frequenta o centro de dia há cerca de um ano. Começou a trabalhar com cerca de nove anos na agricultura e, mais tarde, também trabalhou como doméstica em casa de um doutor. Teve sete filhos, dos quais cinco rapazes e duas raparigas, sendo que uma delas faleceu à nascença. Vive com o marido (que está muito doente) em casa da sua falecida mãe, juntamente com uma das filhas e respectivos netos, um de 8 anos e outra de 20 anos. Para além destes familiares com quem co-habita, vive perto de todos os restantes filhos e netos, *“Moram todos ao pé de mim, em São Bernardo ou em Aradas”*.

Recorda com nostalgia os tempos em que os filhos iniciaram a Fanfarra de São Bernardo. *“Às vezes vira-me a lembrar... O tempo que os cachopos começaram lá com a fanfarra. Quando eles saíram de lá tive pena deles. E chorei, por eles! A sério.”* Falava com orgulho sobre as boas relações que havia na família, nomeadamente com os seus netos e a única bisneta de 3 anos (a *“espanholita”*), *“Tudo bem, graças a Deus! São todos meus amigos.”*

### *Francisca*

A Francisca tem 87 anos, é viúva e, para além de frequentar o centro de dia, é também residente do lar. A sua ida para o CPSB esteve relacionada com questões de doença (i.e. teve um AVC que a obrigou a usar uma cadeira de rodas), bem como com posteriores conflitos com o único filho que tem e com o qual vivia. Deste filho, tem uma neta com 45 anos, de quem tem uma bisneta de 8 e um rapaz de 16 anos. Embora não contacte com o filho, ainda convive com a neta e com os bisnetos.

### *José*

O José tem 89 anos e é viúvo. É utente do centro de dia e também do lar, lugar que optou para viver assim que a sua esposa faleceu, *“Depois enfiuei e depois vim para aqui. Cá estou e estou bem. Estou em casa”*. Não teve filhos e, por isso, também não tem netos ou bisnetos. Contudo, gosta de crianças e fala com alegria da relação empática que estabelece com as mesmas.

Estudou na Escola Agrícola da Paiã e trabalhou como encarregado no Viveiro da Pimenteira. O trabalho que desempenhou ao longo da vida, fê-lo visitar o país de Norte a Sul, aspecto de que se orgulha muito. Das actividades do CPSB, gosta dos jogos de mesa, de fazer as leituras, dos passeios, e não dispensa o seu passeio diário pela freguesia.

### *Leonor*

A Leonor tem 88 anos, é viúva e utente do centro de dia. Enquanto criança trabalhou, ora na loja dos pais, ora como empregada doméstica em casas de famílias mais abastadas. Adorava dançar e ir aos bailes e assim conheceu o seu marido, com o qual trocava cartas de amor que ainda hoje guarda. Refere que na sua família os conflitos não são comuns e, de um modo geral, todos se respeitam e se dão bem. Tem duas filhas e um filho, uma delas é viúva e vive em Verdemilho. Desta filha tem um neto que já está casado e que tem uma menina de 5 anos, ou seja, a sua bisneta. Da sua outra filha, com a qual co-habita, tem outra neta e respectiva bisneta de 7 anos.

### *Manuela*

A Manuela tem 74 anos e é utente do lar e do centro de dia. É divorciada desde os trinta anos e, desse único casamento teve cinco filhos, dos quais dois rapazes e duas raparigas, sendo que uma delas morreu à nascença. A dada altura o marido foi viver para o Canadá levando parte dos filhos, pelo que a ela ficou em Aveiro a viver sozinha.

Trabalhou como cozinheira, inclusive aos fins-de-semana, para assim poder pagar as despesas que o divórcio lhe deixou e para poder sustentar os filhos. Neste momento, uma das filhas vive em Aveiro, a qual, juntamente com os netos, visita-a todos os domingos no lar. O filho mais novo vive no Canadá e casou-se há cerca de cinco anos, tendo esta sido a última vez que esteve no país com os seus restantes filhos, netos e bisnetos, *“Estão todos [os netos] no Canadá, menos os da Bela [a filha que vive em Aveiro]”*.

### *Maria*

A Maria tem 78 anos e está há cerca de sete anos no lar, o que faz dela uma das residentes mais antigas do CPSB. À semelhança da maior parte dos utentes do lar, ela também frequenta o centro de dia. Aí, é possível encontrá-la no jardim interior, sentada na sua cadeira de rodas a conversar ou imbuída nos seus pensamentos. Ficou órfã de mãe e pai aos nove anos, pelo que foi viver para casa da madrinha. Casou aos 38 anos, o que na sua opinião foi tarde. Namorou cerca de dezoito anos, mas esteve casada apenas quatro, pois o marido faleceu.

Teve uma filha, da qual tem três netos, e com a qual viveu algum tempo na sua própria casa. No entanto, a filha foi viver para França e os netos ficaram em Portugal com a outra avó, pelo que desde que foi para o lar os vê cerca de três vezes por ano, *“Eles [os netos] não estão cá. Estão com*

*a outra avó porque a minha filha está na França. E a avó não os traz cá. É só a minha filha que vem duas ou três vezes por ano”.*

#### *Paula*

A Paula tem 85 anos e é viúva. É utente do centro de dia há quatro anos e é conhecida por ser um dos elementos mais participativos nas actividades (i.e. teatro, dança, passeios, artes plásticas, etc.). A morte do seu marido incitou a alguns conflitos familiares devido a questões de heranças e partilhas. Por estes motivos, tem alguns netos com quem não contacta, nomeadamente um neto e uma neta por parte de um dos filhos, *“Os de São Bernardo já não os vejo há muito tempo, que eles não querem saber da avó (...)”*.

Vive na casa de uma das filhas e já lá vivia com o seu marido antes de ele falecer. Desta filha tem duas netas com as quais convive bastante, uma com 19 e outra com 24 anos, das quais fala com muito orgulho e entusiasmo: *“Muito minhas amigas. Vivo lá com elas e muito bem.”* Participa activamente na vida de ambas, dando apoio emocional e também financeiro (e.g. comprou um carro a uma das netas assim que ela foi estudar para uma universidade no Alentejo). Tem ainda outro neto na Suíça que a visita uma vez por ano.

#### *Rita*

A Rita tem 75 anos, chegou ao centro de dia cerca de um mês depois do início do projecto e esteve outros dois meses na instituição, onde tinha uma filha que era auxiliar no lar. No momento, a Rita acabava de “abandonar” a sua casa e encontrava-se a viver com um dos filhos, pelo que se encontrava numa fase de mudança que estava a ser difícil de ultrapassar, *“Vou lá tomar banho e estou lá [em casa do filho]. E a minha casa está sozinha.”* Tem ainda outra filha que vive na Austrália e que a visita de vez em quando, *“Na Austrália sim, tenho uma filha que me vem aqui de quando em quando visitar. Já veio há um mês e vai esta semana embora. A família... filhas, netas e marido.”* De outra filha tem ainda uma bisneta com cinco anos que frequenta o jardim-de-infância do CPSB.

### **4.5.3 O grupo dos profissionais**

O grupo de profissionais foi pensado a partir das sessões para a elaboração da candidatura à FCG, ou seja, através da equipa formada identificaram-se os possíveis interessados e posteriormente fizeram-se os convites à participação no projecto. Este grupo ficou assim constituído por duas profissionais do centro de dia, a técnica de serviço social e a animadora sociocultural das valências

para o idoso, e por quatro profissionais do jardim-de-infância, duas educadoras de infância e respectivas auxiliares de acção educativa. Mais tarde, e por questões de adequabilidade à dinâmica de grupo da fase final (Fase III), foram integrados outros elementos do CPSB no grupo, nomeadamente a coordenadora do pré-escolar e outras quatro educadoras, a directora técnica e a psicóloga.

#### **4.5.4 O grupo dos pais/encarregados de educação**

Este grupo era constituído pelos pais/encarregados de educação das vinte e duas crianças de cada uma das salas A e B, contudo, apenas vinte de um total de quarenta e quatro responderam aos questionários entregues. Considerou-se importante incluir os mesmos com o intuito de alcançar uma compreensão mais completa da relação da criança com os avós e bisavós. Para além disso, pretendia-se conhecer a sua opinião sobre as actividades intergeracionais promovidas pelo CPSB, isto porque, nas sessões iniciais com a equipa de profissionais, foi referida a existência de atitudes e ideias negativas de alguns pais em relação ao convívio das crianças com os idosos (*e.g.* alguns pais não gostavam que as crianças usassem o mesmo autocarro que servia para deslocar os idosos do CPSB).

### **4.6 A construção de um caminho de escuta e de diálogo: os procedimentos técnicos e éticos**

#### **4.6.1 A entrada no terreno**

Como já foi referido, a entrada no campo de investigação coincidiu com a intenção por parte dos profissionais do CPSB em participar no desafio Entre Gerações da FCG. Desta forma, estava a constituir-se uma equipa que iria preparar a candidatura à FCG, e da qual faziam parte três educadoras de infância (duas do jardim-de-infância e uma do ATL), a directora do CPSB, a técnica de serviço social e uma animadora sociocultural do centro de dia. Ao longo de três sessões realizadas para a elaboração da candidatura, as profissionais de cada uma das valências falaram sobre as actividades intergeracionais realizadas anteriormente, e indirectamente foram fazendo uma análise referindo pontos fortes e aspectos a melhorar das actividades e das relações entre as crianças e os idosos. Estas ilações podem ser consultadas no quadro seguinte.

**Quadro 4.1:** Análise feita pelo grupo de profissionais das actividades e relações intergeracionais no CPSB.

<b>Aspectos referidos pelas educadoras de infância</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ As crianças não demonstram respeito pelas pessoas mais velhas e, por isso, torna-se complicado juntá-las com os idosos;</li> <li>▪ O barulho provocado por algumas crianças muitas vezes disturba os idosos;</li> <li>▪ Existe preconceito das crianças em relação aos idosos do Centro, o qual é constatado pelas queixas em relação ao seu odor e ao facto de eles, por vezes, ocuparem o seu salão polivalente (e.g., <i>“Lá estão o raio dos velhos outra vez no nosso salão!”</i>);</li> <li>▪ As crianças gostam dos lanches com os idosos.</li> </ul>
<b>Aspectos referidos pelas profissionais do centro de dia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Os idosos gostam dos momentos passados com as crianças e guardam boas recordações, as quais comentam com as profissionais mesmo algum tempo depois;</li> <li>▪ Os idosos não aparecerem nas fotografias tiradas pelas educadoras durante as actividades intergeracionais, dando a ideia de que os idosos não estavam presentes nas actividades.</li> </ul>

O projecto intergeracional elaborado e proposto à FCG não foi um dos vencedores. No entanto, estas sessões revelaram-se muito úteis, no sentido em que despertou para alguns aspectos mais pertinentes no contexto das relações e práticas intergeracionais dentro da instituição. Como foi possível verificar ao longo das sessões, a existência de um leque de diversos obstáculos referidos tanto por profissionais do pré-escolar como das valências para os idosos, alertava para a necessidade de elaborar uma análise e reflexão holística no terreno antes de se partir para a elaboração de um projecto da instituição. Revelou-se, desta forma, necessária a auscultação das vozes dos diversos intervenientes, especialmente das crianças e dos idosos. A partir daqui surgiu a necessidade de realizar algumas actividades exploratórias (descritas posteriormente na Fase I) com o intuito de conhecer mais profundamente esse contexto e de encontrar um rumo para o desenvolvimento do projecto de investigação.

#### 4.6.2 A constituição dos grupos participantes

Através das primeiras sessões para a elaboração da candidatura à FCG, conheceram-se os possíveis interessados na área da intergeracionalidade, pelo que a constituição desta equipa foi o ponto de partida para a estruturação do grupo dos profissionais. Uma vez constituído este grupo, este teve um papel fundamental na formação dos restantes grupos participantes, o que resultou num processo desenvolvido em colaboração com o grupo de profissionais.

Para além disso, revelou-se pertinente fazer uma selecção dos possíveis participantes dos outros grupos. Esta selecção esteve relacionada com o elevado número de elementos que compõe a instituição, tanto ao nível das 108 crianças do jardim-de-infância como ao nível dos 26 idosos do centro de dia. Não era sustentável, nem adequado, ao tipo de metodologia utilizada incluir todos os elementos neste projecto, pelo que foi fulcral criar alguns critérios de selecção que tivessem em atenção alguns aspectos sociais delicados, como a exclusão dos sujeitos, especialmente no caso dos idosos.

Ao longo das sessões tentou-se contornar esta questão, tornando as actividades e as conversas mais livres e abertas possíveis. Além disso, as pessoas estavam informadas sobre os motivos do projecto e era-lhes dado espaço à participação. De acordo com Quivy (2008), *“Antes de mais, há que ser aceite pelo grupo. A menos que tenha sido o próprio grupo a solicitar a presença do investigador, este último deve-lhe, desde o início, uma explicação sobre as razões da sua presença, sobre a natureza do trabalho que deseja empreender e sobre o que fará com os resultados”*.

Os idosos que participaram no projecto passaram então por uma primeira selecção feita em conjunto com a animadora do centro de dia. Com base nos idosos que tinham participado nas actividades intergeracionais e naqueles que não participaram mas que certamente gostariam de fazê-lo, constituiu-se um grupo de idosos a convidar directamente. Esta questão da selecção não pretendia, de modo algum, levar à exclusão de alguns idosos, até porque mais tarde outros idosos que não faziam parte da constituição inicial do grupo vieram a participar nas conversas, nomeadamente a Rita. Por outro lado, a escolha estava relacionada com a grande dimensão do grupo e com as capacidades cognitivas (e.g. memória, comunicação e raciocínio) de uma parte dos idosos, a qual dificultava em muito a sua participação.

Após a constituição do grupo dos possíveis participantes, reuniram-se os elementos na biblioteca, à excepção da Manuela e do José (que no momento não estavam presentes), e aí foi feita uma pequena introdução em que se conversou com os idosos sobre as intenções do projecto e em que eles foram questionados sobre o seu interesse de participação no mesmo. Alguns ficaram reticentes e argumentaram que não sabiam ler nem escrever. Foi-lhes então explicado que esse aspecto não era importante e que bastaria a vontade de cada um. Apenas um dos idosos presentes disse que não estava interessado em participar. Assim que terminou a reunião, seguiram-se os mesmos procedimentos com os dois ausentes, os quais aceitaram prontamente.

Em relação às crianças, estas também passaram por uma selecção inicial com base na sua participação nas actividades intergeracionais promovidas pelo CPSB. Para além disso, era considerado o interesse da sua educadora na área da intergeracionalidade, através da sua integração na equipa que preparou a candidatura à FCG. Com as crianças da sala A foi feito um convite inicial com o grande grupo em que todas as crianças disseram que queriam participar. Umas mais motivadas e outras ainda influenciadas pela opção do colega, concordaram em participar e mostraram satisfação por isso. Com as crianças da sala B não foi formalizado nenhum convite, até porque estas estavam muito inibidas no primeiro encontro. Foram feitas algumas tentativas de conversa, especialmente através da educadora, mas poucas resultaram. Para além disso, tanto na sala A como na B, foram entregues autorizações para os pais/encarregados de educação. Algumas autorizações não chegaram a ser devolvidas, contudo, as crianças aqui consideradas quiseram participar nas actividades propostas e foram igualmente autorizadas pelos pais.

Como foi referido anteriormente, as duas salas de jardim-de-infância que participaram no projecto não apresentaram os mesmos níveis de participação ao longo do projecto. Assim, as crianças da sala A acabaram por ter uma participação mais frequente e continuada ao longo do projecto, enquanto as crianças da sala B apenas participaram numa parte inicial da fase exploratória (a actividade dos desenhos), e numa parte final de conversas sobre as actividades intergeracionais. A opção pela sala A esteve, assim, relacionada com o facto da mesma ter um passado mais evidente de práticas intergeracionais que ultrapassavam o contexto institucional e que abriam as portas do jardim-de-infância ao nível familiar das crianças e da educadora. Deste modo, o interesse das crianças estava mais direccionado para as questões da intergeracionalidade.

#### **4.6.3 Instrumentos e técnicas comuns a todo o processo**

Na medida em que estavam envolvidos vários grupos, e se pretendia uma visão holística do contexto das actividades intergeracionais do CPSB, considerou-se que seria pertinente recorrer a vários métodos de recolha de dados para que houvesse um enriquecimento dos dados gerados. Tal como afirma Quivy (2008), *“A escolha dos métodos de recolha dos dados influencia, portanto, os resultados do trabalho de modo ainda mais directo: os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objectivos e das hipóteses de trabalho.”*

Para além dos instrumentos e técnicas aqui mencionados, serão posteriormente referidos e explicados outros que foram igualmente utilizados. Todavia, considera-se importante descrever neste momento aquelas que foram comuns a todo o processo, nomeadamente a observação participante e a elaboração de um diário de campo.

#### *Diário de campo*

Ao longo das sessões, o registo das mesmas foi sendo efectuado num diário de campo, o qual se subdivide em duas partes: uma para as sessões com as crianças; e outra relativa às sessões com os idosos. Neste diário descreviam-se os acontecimentos mais relevantes, bem como as reflexões que surgiam das observações e das opções metodológicas. Esta forma de registo pretendia ainda levar a que posteriormente também se pudessem comparar, cruzar e completar os dados gerados com os grupos participantes com aqueles recolhidos pelo próprio investigador.

#### *Observação Participante*

A par com o diário de campo foi feita observação participante com a qual se pretendia obter uma visão mais atenta e profunda do contexto institucional. Através da presença semanal do investigador na instituição pretendia-se criar uma base de confiança favorável ao diálogo, livre de quaisquer inibições ou restrições. No caso das sessões com as crianças, a realização da observação participante ambicionava ainda minimizar os efeitos causados pelas diferenças de poder entre crianças e adultos. De acordo com Berry Mayall, *“De forma a obter dados de qualidade, as crianças devem ser ensinadas pelo investigador que questões de poder entre crianças e adultos podem ser diluídas ou difusas a ponto das crianças aceitarem o adulto como uma delas”* (in Christensen & James, 2005). Deste modo, tentou-se adoptar um “papel menos adulto” através do acesso ao mundo social das crianças, operando física e metaforicamente ao nível das mesmas (e.g. aceitando os seus convites para brincar, frequentando os mesmos espaços e sentando nos mesmos bancos).

### **4.6.4 Fase I: Estudos exploratórios**

#### *Actividades e conversas com o grupo de crianças e com o grupo de idosos*

Esta fase, baseada nas três sessões realizadas com a equipa referida no ponto anterior, constituiu-se como momento de exploração e de experimentação do terreno, no qual também se pretendia o conhecimento e a adaptação aos grupos das crianças e dos idosos. Como foi referido no início do capítulo, as principais pretensões desta fase consistiam em: 1) conhecer a imagem das crianças em relação aos idosos e à velhice, bem como as características que seriam referidas,



nomeadamente físicas, emocionais, biológicas e sociais; 2) conhecer a imagem dos idosos em relação às crianças e à infância; 3) pretendia-se ainda adquirir uma visão geral da relação das crianças com os idosos da família (i.e. avós, bisavós e trisavós); e dos idosos do centro de dia com as crianças da família (i.e. netos, bisnetos e trinetos).

Foi utilizada a entrevista semi-estruturada (também designada por entrevista semi-directiva) enquanto instrumento de pesquisa nas conversas com as crianças e com os idosos, na medida em que ela não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. De acordo com Quivy (2008), *“Tanto quanto possível, «deixará andar» o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier”*. Para além disso, considerou-se necessária a realização de questionários mistos aos pais/encarregados de educação (que serão explicados posteriormente), que facultassem dados quantitativos e qualitativos mais completos acerca da relação das crianças com os seus avós, bisavós e trisavós.

Fizeram parte desta fase exploratória algumas actividades que foram sendo realizadas simultaneamente com o grupo de crianças e de idosos. Com as crianças foram desenvolvidas três actividades (consultar quadros 4.2, 4.3 e 4.4), ao longo de oito sessões de duas horas de duração, acerca da imagem dos avós, dos idosos e da velhice, bem como da relação das crianças com os avós. As actividades envolveram a utilização de algumas técnicas participativas pelo que se recorreu a desenhos, a colagens e a conversas em pequeno e grande grupo. Todas elas foram baseadas num processo de diálogo e de escuta, pois segundo Mayall, *“através dos diálogos com crianças, podemos aprender sobre o que elas conhecem e, até certo ponto, como elas aprendem”* (in Christensen & James, 2005).

Os desenhos das crianças são conhecidos por serem usados como um instrumento no acesso ao seu funcionamento cognitivo e/ou emocional. De acordo com Robert-Holmes (2005), as crianças parecem gostar de pintar e desenhar, pelo que estas actividades poderão ser úteis enquanto instrumentos inclusivos e participativos a utilizar na investigação. Contudo, o desenho é apenas uma das “cem linguagens” da criança ou um dos meios através dos quais ela representa a sua vida, pelo que os desenhos podem ter múltiplas interpretações, tal como os dados recolhidos a partir de outros instrumentos. Neste sentido, e com base no mesmo autor, o desenho foi aqui utilizado como um método para encorajar as crianças a falarem sobre os seus desenhos e, consequentemente, sobre aquilo que elas conhecem.

**Quadro 4.2:** Desenhos e conversas sobre os avós e bisavós.

<b>Sessões</b>	Sala A: da 1ª à 3ª sessão e da 6ª à 8ª sessão. Sala B: 1ª sessão.
<b>Participantes</b>	Sala A: Bruna; Carlos; Rita; Fernanda; Isabel; Rodrigo; Marta; Marisa. Sala B: Ana; Sofia; Cristina; Rosa.
<b>Descrição</b>	Sugerir às crianças que desenhem os avós/bisavós e que falem sobre eles, explicando como e quem são, onde vivem, se costumam estar com eles e onde, e o que fazem com eles. Para além disso, pretende-se aproveitar os momentos de conversa em grande grupo na manta, onde as crianças falam sobre si e o seu dia-a-dia, bem como outros momentos de conversa individuais ou em pequeno grupo.

**Quadro 4.3:** Conversa: “Quem é o idoso?”

<b>Sessões</b>	Sala A: 4ª sessão.
<b>Participantes</b>	Sala A: Grupo 1: Filipe; André; Hugo; Juliana. Grupo 2: Fernanda; Isabel; Rodrigo; Hugo.
<b>Descrição</b>	A partir da criação de uma situação hipotética, em que se pediu às crianças para imaginarem que uma pessoa de um sítio onde não existem pessoas idosas lhes perguntava o que é ou quem é o idoso, pediu-se às crianças para contarem o que diriam a essa pessoa para a ajudarem a perceber quem é o idoso. A actividade baseou-se num tipo de <i>brainstorming</i> , em que as crianças foram solicitadas a dar as ideias que tinham sobre os idosos.

**Quadro 4.4:** Colagens: “Como me imagino quando for idoso?”

<b>Sessões</b>	Sala A: da 5ª à 8ª sessão.
<b>Participantes</b>	Sala A: Grupo 1: Marisa; Diogo; Luís; Diana; Marco; Rita; Sara. Grupo 2: Francisco; Rita, Alexandra; Juliana; Luís; Sara; Fernanda; Marco Grupo 4: Isabel; Rita; Ana; Matilde; Marta.
<b>Descrição</b>	As crianças da sala A foram convidadas a fazer colagens a partir de imagens de revistas sobre o tema “Como me imagino quando for idoso”. Foram colocadas revistas sobre a mesa da sala e as crianças fizeram a colagem livremente, escolhendo e recortando as imagens que entendessem sobre o tema dado. Posteriormente, foram criados momentos de conversa, em pequeno e grande grupo, em que as crianças foram convidadas falarem sobre a sua colagem.

Com os idosos, o mesmo se sucedeu, ou seja, foi igualmente importante a conversa e a escuta para que se pudesse aprender sobre a sua realidade, pelo que se recorreu a uma dinâmica de grupo e a conversas em pequenos grupos. A questão da participação também foi um dos fundamentos, na medida em que esse é um dos aspectos importantes ao nível da sua qualidade de vida. Ao longo de outras oito sessões de duas horas foi desenvolvida uma conversa inicial

(consultar quadro 4.5) para os conhecer melhor e compreender a sua relação com a família, em especial com as crianças (i.e. bisnetos e trinetos). Posteriormente, foi realizada uma actividade (consultar quadro 4.6) sobre a imagem que eles tinham acerca da infância e da velhice considerando o passado e o presente. Além disso, através da comparação da imagem do passado e do presente do idoso, pretendia-se conhecer e compreender a forma como os idosos se viam a si próprios enquanto grupo geracional e também como indivíduos institucionalizados.

**Quadro 4.5:** Conversa semi-estruturada com os idosos.

<b>Sessões</b>	1ª, 4ª, 6ª e 7ª sessões.
<b>Participantes</b>	Antónia; Francisca; Deolinda; Paula; Fátima; Manuela; José; Maria; Aurora; Leonor.
<b>Descrição</b>	Com estes momentos de conversa semi-estruturada, pretendíamos conhecer os idosos do centro de dia e alguma informação sobre as suas vidas, bem como para compreender a sua relação com as crianças da família (i.e. bisnetos e trinetos).

**Quadro 4.6:** Actividade sobre “Criança e idoso do presente e do passado”.

<b>Sessões</b>	5ª e 8ª sessões.
<b>Participantes</b>	Grupo 1: Deolinda.; Fátima; Manuela; José; Maria. Grupo 2: Leonor; Aurora; Antónia; Paula; Francisca.
<b>Descrição</b>	Esta actividade foi realizada com a finalidade de conhecer a imagem que os idosos possuíam acerca das crianças, da infância, da velhice e também de si próprios. Foi colocada uma cartolina sobre a mesa em que nela se registaria os conceitos e ideias dadas pelos idosos acerca: da criança do passado (i.e. de quando eles eram crianças); da criança do presente (i.e. as crianças de hoje); do idoso do passado (i.e. a imagem do idoso de quando eles eram crianças); e do idoso do presente (i.e. a imagem que possuem de si próprios).

A necessidade de flexibilidade e de adaptabilidade da agenda da investigação foi sempre tida em conta, pelo que as actividades e a participação dos actores iam também decorrendo consoante a organização e quotidiano das valências, nomeadamente do pré-escolar e do centro de dia. As actividades promovidas e as rotinas (i.e. refeições, higiene, sesta, passeios, recreio no caso das crianças, entre outras) eram sempre dois aspectos a considerar e a respeitar; por outro lado, por vezes, também se constituíam como impedimentos ao desenvolvimento de determinadas actividades ou conversas. Além disso, eram feitas tentativas para não interferir com os hábitos

dos idosos (e.g. as sextas e os momentos de convívio entre eles), bem como com as regras de funcionamento da instituição (e.g. a hora de rezar o Terço e a hora das refeições).

#### *Questionários aos pais/encarregados de educação*

A opção pela elaboração e utilização do questionário misto (consultar anexo 4.B) encontra-se relacionada com a quantidade e profundidade dos dados necessários sobre a relação da criança com os seus avós, bisavós e trisavós, as quais dificilmente seriam adquiridas em conversas com as mesmas. Para além dessa primeira parte, o questionário tinha ainda uma segunda, a qual era constituída por questões abertas que pretendiam a aquisição da sua opinião em relação às actividades intergeracionais realizadas pelo CPSB, bem como da participação do seu filho/educando nas mesmas.

#### **4.6.5 Fase II: Conversas sobre as actividades intergeracionais realizadas pelo CPSB**

Uma vez que já se conhecia, de um modo mais profundo, os grupos participantes, e a organização e o funcionamento da instituição, considerou-se ser o momento adequado para iniciar as conversas com os mesmos sobre as actividades intergeracionais em que tinham estado envolvidos. Um quadro resumo destas conversas pode ser visto em baixo.

**Quadro 4.7:** Conversas sobre as actividades intergeracionais do CPSB.

	<b>Crianças</b>	<b>Idosos</b>	<b>Profissionais</b>
<b>Número de sessões</b>	1 sessão (10.ª sessão).	5 sessões (da 10.ª à 12.ª e da 14.ª à 15.ª sessão).	Centro de dia: 2 sessões (13.ª e 16.ª sessão). Jardim-de-infância: 4 sessões (8.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª sessão).
<b>Participantes</b>	Sala A: André; Carlos; Isabel; Marco; Filipe; Marisa; Juliana; Sara.  Sala B: Mafalda; Ana.	10.ª sessão: Conversa em grupo (Paula; Maria; Rita); conversa individual (Maria). 11.ª sessão: Conversa em grupo (Deolinda; Antónia; Fátima); conversa individual (Manuela). 12.ª sessão: Conversas individuais (José; Francisca). 14.ª sessão: Conversa individual (Aurora). 15.ª sessão: Conversa individual (Leonor).	Centro de Dia: - Animadora Sociocultural; - Técnica Superior de Serviço Social.  Jardim-de-infância: - 2 educadoras de infância; - 2 auxiliares de acção educativa.
<b>Instrumentos</b>	Entrevista centrada (Individual ou em pares)	Entrevista centrada (Individual ou em grupo)	Centro de Dia e Jardim-de-infância: - Entrevista centrada (individual)

<b>Técnicas e Estratégias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gravação em áudio</li> <li>- Utilização de fotografias das actividades intergeracionais para auxiliar na contextualização das perguntas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Gravação em áudio</li> <li>- Utilização de fotografias das actividades intergeracionais para auxiliar na contextualização das perguntas.</li> </ul>	<p>Centro de Dia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo da conversa com a Animadora.</li> <li>- Gravação em áudio da conversa com a Técnica</li> </ul> <p>Jardim-de-infância:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo das conversas com as educadoras e com as auxiliares.</li> </ul>
-------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

#### *As conversas com os grupos participantes*

Na medida em que se pretendia ter uma visão holística do contexto de desenvolvimento das actividades intergeracionais, utilizou-se a entrevista centrada como instrumento de pesquisa nas conversas com os grupos (consultar anexo 4.C). A entrevista centrada (mais conhecida por *focused interview*) é um tipo de entrevista semi-estruturada, que tem por objectivo analisar o impacto de um acontecimento ou de uma experiência precisa sobre aqueles que a ele assistiram ou que neles participaram (Quivy, 2008). Neste caso, o entrevistador não dispõe de perguntas pré-estabelecidas, como no inquérito por questionário, mas sim de uma lista de tópicos precisos relativos ao tema estudado.

No caso das conversas com as crianças e com os idosos, houve uma incidência sobre a Desfolhada e sobre o Atelier de Carnaval através da mostra de fotografias relativas às mesmas, ou seja, as conversas foram desenvolvidas a partir das fotografias que lhes foram mostradas. Com os profissionais, já não foi feita nenhuma limitação ao nível das actividades a abordar, pois pretendia-se que fosse dada a maior quantidade de informação possível sobre as práticas intergeracionais da instituição, para que deste modo se aprofundasse o conhecimento sobre as mesmas (consultar o quadro 4.7).

No total foram realizadas: uma sessão para as conversas com o grupo de crianças; cinco sessões com o grupo de idosos; e seis sessões com o grupo de profissionais (consultar o quadro 4.7). O número de sessões está directamente relacionado com a duração de cada uma das conversas. Enquanto uma sessão de conversa com as crianças tinha cerca de dez minutos de duração, as conversas com os idosos (tanto as individuais como as em grupo) tinham aproximadamente uma hora de duração.

No caso das conversas com os idosos, inicialmente estas foram feitas em grupo por uma questão de precaução, no sentido em que os idosos poderiam não estar familiarizados com esta técnica e,

desse modo, sentirem-se inibidos. Assim que se verificou que não havia qualquer restrição por parte deles e que as conversas em grupo até eram menos vantajosas, começaram-se a sugerir as conversas individuais. Nas conversas individuais, os idosos acabavam por falar mais deles próprios, por desenvolver o tema em questão e por terem mais oportunidade de falarem/participarem.

Em relação à gravação, as únicas conversas que não foram gravadas foram as do grupo dos profissionais com excepção da técnica de serviço social (consultar o quadro 4.7). Esta situação está relacionada com o facto de as restantes profissionais não se sentirem à vontade com a gravação e assim terem preferido que a conversa fosse transcrita no momento. Certamente nestes casos houve alguma perda de informações. Contudo, foi feito o máximo esforço para que houvesse um registo quase integral da conversa. No caso das conversas gravadas, estas foram posteriormente transcritas na íntegra. Só mesmo em casos de interrupção da conversa, ou nos momentos em que os idosos falavam de assuntos que não revelavam interesse para o projecto, é que foram feitos alguns cortes nas transcrições.

#### *Os lugares das conversas*

Os locais para a realização das conversas com cada um dos grupos foram pensados com cuidado e com algumas restrições. Na medida em que se estava num ambiente institucional, havia algumas limitações e não havia muitas opções. No caso das crianças e dos idosos não havia possibilidade de eles escolherem um lugar fora da instituição, uma vez que isso acarretava outras questões de responsabilidade. Deste modo, com as crianças, na impossibilidade de se fazer gravação áudio dentro da sala, pediu-se que ajudassem na escolha de um sítio onde gostassem de estar. Algumas crianças não deram sugestões e nesse caso pensou-se em lugares nos quais elas pudessem sentir-se à vontade, pelo que se optou por uma mesa de plástico de tamanho infantil que estava numa sala onde costumam brincar nos recreios.

Com os idosos, os dois lugares de eleição para a realização das conversas eram a biblioteca e o jardim interior, isto por serem dois espaços mais sossegados, onde não se incomodariam outros idosos que quisessem descansar ou que se salvaguardasse a privacidade da informação que o idoso ia facultar. No caso dos profissionais, as educadoras e as auxiliares de acção educativa, optaram pela sala de reuniões. Por outro lado, as profissionais do centro de dia optaram pelo gabinete da técnica de serviço social das valências para os idosos.

#### **4.6.6 Fase III: Dinâmica de grupo com a equipa de profissionais - reflectindo sobre as práticas intergeracionais**

A investigação-acção é orientada para o aperfeiçoamento da prática e, através dela, pretende-se o aperfeiçoamento dos grupos com quem se trabalha. Com este propósito, ela exige dinâmicas de grupo cooperativas através das quais o investigador possa partilhar os dados e se possam procurar soluções, colectivamente, para problemas ou novas formas de alcançar objectivos comuns (Schmuck, 2006). Neste sentido, e após se identificar a existência de alguns aspectos que se constituíam pertinentes na realização de actividades entre crianças e idosos, nomeadamente aspectos relacionados com a organização e o funcionamento da instituição, considerou-se importante realizar uma actividade que nos permitisse a devolução dos dados gerados e uma consequente reflexão por parte dos profissionais. Esta reflexão, por sua vez, pretendia um futuro aperfeiçoamento das práticas intergeracionais desenvolvidas pelo CPSB com base nos pontos de vista de todos os intervenientes (i.e. crianças, idosos, profissionais e pais/encarregados de educação).

A dinâmica de grupo constituiu-se por uma reunião composta por duas partes e que contou com a colaboração de um grupo de profissionais mais alargado, incluindo a coordenadora do pré-escolar, outras quatro educadoras e a psicóloga do CPSB. A primeira parte consistiu numa pequena apresentação da metodologia utilizada no projecto, das opções metodológicas, bem como de alguns dados gerados ao longo da investigação. Esta pequena introdução pretendia informar todos os presentes sobre o processo, pois parte deles não tinham participado no projecto ou não estavam totalmente envolvidos no mesmo, nomeadamente outros profissionais que não fizeram parte do grupo participante. A segunda parte consistiu numa análise por cada par de profissionais, com base nos pontos fortes e nos aspectos a melhorar, a partir de resumos previamente preparados das transcrições das conversas que foram realizadas com os vários participantes.

Os resumos foram entregues estrategicamente, pois através deste momento, pretendia-se criar um cruzamento de informações em que os profissionais do pré-escolar pudessem ter acesso à informação recolhida no centro de dia (i.e. dos idosos e dos profissionais), e vice-versa. Ou seja, com esta estratégia objectivava-se que os profissionais tomassem conhecimento daquilo que é considerado pelos restantes grupos participantes (crianças, idosos e pais) em relação às actividades intergeracionais pelas quais eles próprios são responsáveis. Deste modo, as duas educadoras de infância das salas A e B e a psicóloga ficaram com os resumos relativos às

conversas com os idosos (quadro 4.D.1); as duas profissionais do centro de dia ficaram com os resumos das conversas com as crianças (quadro 4.D.2), bem como com os resumos das conversas com as educadoras e respectivas auxiliares (quadro 4.D.3); a coordenadora do pré-escolar e uma educadora ficaram com o resumo dos dados do questionário aos pais/encarregados de educação (quadro 4.D.4); e outras duas educadoras ficaram com o resumo relativo às conversas com os profissionais do centro de dia (quadro 4.D.5) (é possível consultar os quadros no anexo 4.D).

Posteriormente à análise e ao registo dos pontos fortes e dos aspectos a melhorar demarcados a partir dos resumos, os profissionais partilharam o que tinham assinalado e reflectiram sobre alguns aspectos que consideraram pertinentes. Tinha-se pensado ainda no delineamento de objectivos e de estratégias gerais a considerar na elaboração de um futuro Projecto da Instituição, mas os profissionais consideraram que era cedo para tal, e assim preferiam que os registos obtidos na dinâmica de grupo fossem devolvidos para que eles os pudessem utilizar futuramente. Deste modo, nem todos os objectivos que se pretendiam alcançar com a dinâmica de grupo foram atendidos, pelo que ficou a possibilidade dos dados serem utilizados futuramente no planeamento de actividades intergeracionais e na elaboração do próximo Projecto da Instituição.





# Capítulo 5

## A co-construção de um contexto de relações e actividades intergeracionais

Com base na escuta e no diálogo, na observação e na geração de dados, e através da consulta de documentos da instituição, foi-se reconstruindo todo esse percurso intergeracional que havia sido traçado e concretizado anteriormente pelos elementos do CPSB. Com os dados gerados a partir das conversas realizadas com as crianças, com os idosos e com os profissionais, foi possível compreender o cenário das relações intergeracionais entre crianças e idosos a nível institucional e também familiar (consultar anexos 5.A e 5.B). Foi ainda possível encontrar cada uma das “pedras” que se colocavam como obstáculos dentro da instituição a qual pretendia “caminhar” na promoção da intergeracionalidade. Neste sentido, o que se segue é uma co-construção de todo um contexto de relações intergeracionais vivido dentro e fora das paredes da instituição.

### 5.1 As relações intergeracionais no meio familiar

#### 5.1.1 Formas de habitar e de conviver

Dentro da família as relações intergeracionais (i.e. entre avós e netos) vão-se modificando a par com as alterações sociais e demográficas que vão acontecendo, tendendo por vezes a fragilizar-se. Esta situação constitui uma visão mais geral da estrutura familiar, no entanto, não se sucede do mesmo modo ao nível da freguesia de São Bernardo. Pelo tempo passado no CPSB, assim como pela análise dos dados recolhidos através das várias formas que foram referidas no capítulo

4, leva a considerar que esta freguesia, embora tendo sofrido alterações demográficas e sociais ao longo do tempo (ver secção 3.2), ainda revela uma forte componente de solidariedade intergeracional. Esta, por sua vez, é proporcionada pela subsistência da família extensa através da co-habitação e também por várias formas de convivência propiciadas por situações de vizinhança (i.e. netos/bisnetos que vivem perto dos avós/bisavós).

Os casos de idosos que vivem com os filhos e, conseqüentemente, com os netos/bisnetos, bem como de crianças que vivem juntamente com os avós/bisavós, é uma situação a considerar como significativa neste contexto. Mais especificamente, no grupo de idosos, a Paula, a Fátima e a Leonor vivem na mesma casa que os netos.

*“A minha [filha] Sãozita é que vive na minha casa, que era da minha mãe que Deus tem. Os netos que vivem lá são o João Pedro e a Andreia.”* (Fátima, 79 anos)

*“Muito minhas amigas [as netas]. Vivo lá com elas e muito bem.”* (Paula, 85 anos)

No grupo de crianças, a Marisa vive com a avó e com a bisavó na casa dos pais, enquanto a Diana vive com a mãe em casa dos avós.

*“Neste momento, tanto a “madrinha/bisavó” da criança, como a avó residem com a criança.”*  
(encarregado de educação da Marisa)

*“A «Diana» vive comigo [mãe] em casa dos avós maternos, pelo que está todos os dias com os mesmos e adora.”* (encarregado de educação da Diana)

Também os avós da Cristina, que vivem em Viseu, se encontram a viver temporariamente com a criança.

*“Os avós (Viseu) estão de momento em Aveiro [em casa da Cristina].”* (encarregado de educação da Cristina)

Para além destas situações de co-habitação, também existem os casos de vizinhança entre avós/bisavós e netos/bisnetos ao nível dos grupos de crianças e de idosos. A Deolinda, embora não vivendo com os netos, vive uma semana em casa de cada um dos seus filhos e refere que todos os netos, bisnetos e até a trineta vivem perto dela, apesar de não viverem em casa dos pais.

*“Estão todos perto de mim. Só um é que vive lá na Gafanha.”* (Deolinda, 85 anos)

Uma criança do grupo, a Juliana, embora não vivendo na mesma casa que os avós, vive na casa ao lado.

*“(...) os [avós] paternos está sempre com eles uma vez que moramos na casa ao lado (...)”*  
(encarregado de educação da Juliana)

Exceptuando os casos de co-habitação e de vizinhança, existem crianças cujos avós participam diariamente no seu quotidiano, como por exemplo a Bruna, o Filipe, o André, o Carlos, o Pedro e a Daniela. Outras crianças, embora com menos frequência, convivem semanalmente com os avós (i.e. quatro vezes por semana ou menos), como por exemplo: a Andreia, o Bruno, a Marta e o Marco (consultar anexo 5.C).

### **5.1.2 A solidariedade intergeracional**

A solidariedade intergeracional é constatada pelos pais das crianças, os quais referem que os avós se revelam como uma base essencial de suporte à vida familiar a nível da responsabilidade na educação e cuidados da criança.

*“No que diz respeito à avó materna, esta reside em casa da tia. Por vezes ajuda a mamã, quando não pode ir buscar a «Marisa».”* (encarregado de educação da Marisa)

*“Os avós (maternos) levam as netas a lá dormir de sexta-feira para sábado, de forma a darem uma «folga» aos pais.”* (encarregado de educação da Tânia)

*“A avó materna fica com a Andreia quando tenho que trabalhar até mais tarde.”* (encarregado de educação da Andreia)

A situação referida pela mãe da Marisa era algo habitual e bastante visível no CPSB. Nas várias visitas efectuadas ao Centro, tanto ao centro de dia como ao jardim-de-infância, assistia-se a alguns avós a levarem ou a irem buscar as crianças ao pré-escolar. De manhã, por várias vezes, encontravam-se alguns avós e netos de mãos dadas pelos passeios em direcção à instituição.

A existência de uma solidariedade intergeracional é ainda referida pelas crianças, as quais se apercebem da ajuda intra-familiar e do apoio prestado pelos avós às crianças e aos seus pais, e vice-versa. Esta solidariedade proporciona-se em situações de doença na criança ou no idoso, de tarefas domésticas, bem como de convívio e de companheirismo.

*“A Mata [prima Marta] queria também ficar de férias [em casa da avó] e não podia, porque eu é que tava doente.”* (Marisa, 3 anos)

*“A Sandra é também irmã do Paulo, do meu papá. A Sandra foi buscar as muletas pra avó não cair.”* (Marisa, 3 anos)

*“É a avó Gorete, o avô Edgar e a mãe. A mãe foi fazer o comer a casa deles.”* (descrição do desenho; Marta, 3 anos)

*“É a mãe e a avó a passear.”* (descrição do desenho; Ana, 3 anos)

Como se pode entender, algumas destas situações de apoio e ajuda também se proporcionam pelo facto de muitas das crianças viverem perto (i.e. na mesma freguesia), ou relativamente perto (i.e. na mesma cidade) dos avós.

### **5.1.3 Relação das crianças com os avós e bisavós**

Através das conversas realizadas com as crianças das salas A e B foi possível retirar algumas ideias gerais que ajudaram numa melhor compreensão da relação entre as crianças e os avós. Das crianças com quem foram feitas conversas acerca dos avós, a maioria delas sabia o número de avós que tinha, os seus nomes e as relações de parentesco, ou seja, se os avós eram pais do pai ou pais da mãe.

*“A minha mãe nasceu da barriga da minha avó e eu nasci da barriga da minha mãe.”* (Xavier, 4 anos)

Outras referências levam ainda a crer que as crianças conhecem bem os avós, parte da sua história de vida e algumas situações do quotidiano.

*“O meu bibô chama-se cebolo porque gosta muito de cebolas.”* (Ana, 3 anos)

*“A avó fica com o cabelo assim quando acaba de tomar banho.”* (descrição do desenho; Ana, 3 anos)

*“O meu avô não é Brasileiro, ele é Português, só que foi viver pró Brasil há muito tempo.”* (Rodrigo, 5 anos)

*“Ele [o bisavô] agora está melhor. Às vezes consegue levantar-se e às vezes não se consegue levantar porque está muito preocupado.”* (Ana, 3 anos)

*“Só comeu feijões porque eles não conseguem... então ele ficou magrinho. Porque ele não comia quase nada.”* (Marisa, 3 anos)

Estes dados podem revelar a existência de relações afectivas próximas entre as crianças e os seus avós. Ou seja, o facto de saberem quem são os avós, quais são os seus nomes, o que fazem e as coisas que gostam, leva a crer que a convivialidade presente nas falas das crianças permite identificar o significado pessoal e singular que cada criança atribui às relações sociais que estabelecem no seio da família com os seus avós.

A opinião dos pais confirma esta relação de proximidade entre netos e avós, baseada no carinho, na amizade, no afecto e no mimo.

*“É uma relação boa e saudável, dão-se todos muito bem.”* (encarregado de educação da Juliana)

*“Uma relação muito rica em ternura.”* (encarregado de educação da Bruna)

No que se refere à relação com os bisavós algumas características mantêm-se, embora se denote que a ligação afectiva é menos intensa e as oportunidades de convívio menores. Enquanto a maioria das crianças vê os avós diária ou semanalmente, no que se refere aos bisavós este contacto acontece, na maior parte dos casos, mensalmente, levando a que eles não estejam tão ligados ao quotidiano da criança (consultar anexo 5.C). Deste modo, o convívio entre as crianças e os bisavós acontece mais sob a forma de visitas que fazem uns aos outros e não tanto sobre as formas de co-habitação ou vizinhança.

#### **5.1.4 O papel dos avós**

Em relação ao papel desempenhado pelos avós, verifica-se que as alterações na família estão a afectá-lo, levando também a que ele se torne mais relevante. De acordo com a categorização clássica dos estilos de comportamentos dos avós proposta por Neugarten e Weinstein (1964), verifica-se uma multiplicidade de papéis desempenhados pelos avós, nomeadamente o formal, o brincalhão, o pai alternativo, o sábio e o distante. Nos discursos dos pais quando se referiam à relação entre as crianças e os avós também era possível encontrar algumas destas categorias, sendo o papel de brincalhão e de pai alternativo os mais relevantes.

*“Gosta de tudo o que eles são para ela, pois gostam de brincar, dar guloseimas, ensinar, etc, etc.”* (encarregado de educação da Fernanda)

*“Relação com os avós paternos, regular com brincadeira.”* (encarregado de educação do Bruno)

*“Tanto os avós como os bisavós enchem-na de mimos e não impõem muitas regras acabando por lhe fazer as vontades.”* (encarregado de educação da Diana)

*“Os avós maternos, como estão todos os dias com ela, são mais exigentes.”* (encarregado de educação da Diana)

*“Relação com os avós maternos muito boa, como com os pais.”* (encarregado de educação do Bruno)

Consideram ainda que os avós, por vezes, “não impõe muitas regras” e que desse modo “estragam” a criança fazendo-lhes as vontades; por exemplo, dando-lhes doces quando essas não os deveriam comer.

*“Porque quando ele vai comer a casa da Alexandra leva-lhe chocolates e dá-lhe miminhos.”* (encarregado de educação da Alexandra)

*“Tanto os avós como os bisavós enchem-na de mimos e não impõem muitas regras acabando por lhe fazer as vontades. Claro que ela gosta imenso.”* (encarregado de educação da Diana)

*“É uma relação próxima. Por vezes os avós “estragam” (dão-lhes aquilo que os pais dizem que não devem dar, porque faz mal.)”* (encarregado de educação da Marisa)

Contudo, os avós são também referidos como uma influência bastante positiva no crescimento e na educação da criança.

*“Os meus educandos têm uma relação com os avós de «quase» filhos, uma vez que os avós têm uma participação na vida deles bastante grande, influenciando de uma forma bastante positiva o seu crescimento o que contribui também para a sua educação.”* (encarregado de educação da Daniela)

### 5.1.5 Factores de influência nas oportunidades de convívio entre as crianças e os avós

Existem vários factores que podem influenciar a natureza e a duração do contacto intergeracional, assim como afectar as oportunidades de convivência, tais como: a proximidade geográfica, o género, o estado civil, a condição de emprego dos avós, e a idade dos avós ou dos netos. A distância parece ser um dos mais pertinentes podendo constituir, na opinião dos pais das crianças, um obstáculo ao convívio entre avós e netos.

*“Visitam os avós poucas vezes devido à distância.”* (encarregado de educação da Daniela)

*“Devido à distância nem sempre é possível o contacto semanal com os avós.”* (encarregado de educação do Ângelo)

No entanto, estas situações são pouco frequentes, dado que a maioria das crianças convive com os avós diária ou semanalmente. Só nos casos do Rodrigo e do Tiago, cujos avós estão no Brasil, e no caso do Ângelo, cuja avó vive na Madeira, é que não é possível um contacto tão regular. Embora visitem ou sejam visitados pelos avós cerca de uma vez por ano, o contacto por telefone revela-se, no caso do Tiago, uma forma de manter a ligação.

*“Uma relação familiar agradabilíssima, Tiago conversa todas as semanas com os avós, os quais tem muito respeito e consideração.”* (encarregado de educação do Tiago)

### 5.1.6 As visitas entre as crianças e os avós

Nas visitas que as crianças fazem a casa dos avós existem alguns aspectos que foram referidos pelos pais que tornam estes momentos especiais para as crianças, nomeadamente o contacto com animais e com a natureza, as descobertas e brincadeiras em conjunto, e o encontro com a restante família (primos e tios).

*“Sim gosta de visitar os avós (...) os maternos gosta muito de os visitar gosta da comida da avó, de ver o quintal de dar comida às galinhas e andar a caminhar com a avó e ir à praia com eles.”* (encarregado de educação da Juliana)

*“Quando visitamos a avó paterna, a «Marisa» gosta de lá ir, pois também vê as primas do Porto, pois vamos para estar em família.”* (encarregado de educação da Marisa)



*“Sim, ele gosta desde a apreciação da área física (muito espaço, atividade em campo e com animais), da degustação (pois adora água de coco e caldo de cana), além do imenso carinho e atenção que lhe é dispensado.”* (encarregado de educação do Tiago)

*“Sim, gosta. Porque vive situações diárias diferentes da normalidade, muito próximas com a natureza. Porque desenvolve brincadeiras diferentes das normais, porque aprende e convive activamente, através da experiência. Porque os avós e a bisavó têm muita paciência e tempo para a neta/bisneta.”* (encarregado de educação da Rosa)

*“Gosta de ir a casa dos avós paternos para brincar com os cães. Gosta de ir a casa dos avós maternos porque ela é que o trata. Gosta de ir a casa dos bisavós maternos porque lhe dão bolachinhas e fazem descobertas. Gosta de ir a casa dos bisavós paternos porque lhe dão chocolates.”* (encarregado de educação do Bruno)

À semelhança daquilo que foi referido pelos pais das crianças em relação à sua opinião sobre as visitas às casas dos avós/bisavós, as crianças também se referem às mesmas como um espaço de encontro com a família, onde encontram primos com quem gostam de brincar, tios, outros familiares, assim como um espaço onde contactam com a natureza e com os animais.

*“É o avô, o «Benado», o tio, o cão, a mãe e o pai. Estão na minha casa. Estão a brincar.”* (descrição do desenho; Carlos, 3 anos)

*“Depois também visitei a Mata [prima que vive com a avó] porque tem lá o «pitinho» que morreu, da Mata, que é pequenino assim.”* (Marisa, 3 anos)

### **5.1.7 A relação dos idosos com os netos e bisnetos**

#### *Importância na qualidade de vida dos idosos*

Embora não tenha sido referido directamente pelos idosos a importância da relação com os netos para a sua qualidade de vida, essa questão era evidente no entusiasmo com que falavam deles. As características físicas, psicológicas e sociais dos netos, a vida escolar ou profissional, e o casamento eram assuntos muito referidos pela maioria dos idosos, revelando-se como motivos de orgulho para estes idosos.

*“Ela [neta] trabalha lá nos computadores. Ela é danada. Ela nunca ficou mal na escola nem nada. Era «levada do cigano»!”* (Antónia, 86 anos)

*“Ai o meu netito, aquilo é uma coisa impecável. O João Pedro. É uma maravilha de um menino.” (Fátima, 79 anos)*

*“(…) e a garota [bisneta] tem 8 anos e é muito linda, muito querida. Anda na 3.ª classe, mas é muito mexida, muito credo... Todos os dias faz ginástica.” (Francisca, 87 anos)*

*“Eu tenho lá [em casa] uma bisneta, fez agora 4 anos, é uma esperteza que eu sei lá. Mas há muito respeito lá em casa!” (Leonor, 88 anos)*

*“Só tenho uma [neta] solteira, que é professora. Faz 28 anos agora para Julho. É a única que tenho solteira. O resto estão todos casados e têm todos filhos.” (Deolinda, 85 anos)*

O facto de os idosos poderem participar na vida e educação dos netos revela-se como algo fundamental no seu bem-estar, qualidade de vida e inclusão social. Neste sentido, aqueles que não tiveram netos ou cujo contacto com os mesmos é muito dificultado mostram tristeza pela situação, pelo que se pode considerar que os netos/bisnetos são elementos importantes na vida dos idosos.

Em relação ao José, devido a ele não ter tido filhos e consequentemente não ter netos, faz com que o seu contacto com crianças se limite àquelas que encontra na rua, no CPSB e outras que eventualmente conhece ou com quem se cruza. Apesar dessa escassez de contacto, ele refere que gosta muito das crianças, estando subjacente no seu discurso a forma que encontrou de se relacionar com elas e de criar alguma afinidade com o grupo geracional que, por circunstâncias da vida, não teve oportunidade de conhecer tão bem.

*“Convivo! Gosto muito de criancinhas e, às vezes, dou uma moedazinha. Alguns vêm ter comigo e tudo.” (José, 89 anos)*

#### *Factores de influência nas oportunidades de convívio entre os idosos e os netos/bisnetos*

Quando direccionamos o olhar para a realidade em que os idosos se relacionam com os seus netos e/ou bisnetos, encontram-se outras circunstâncias, caracterizadas por menos oportunidades de convívio entre eles. Neste caso, considera-se que esta situação esteja associados vários factores como a idade avançada dos idosos, a distância a que vivem de uma parte dos netos (devido à emigração), a institucionalização em lar de uma parte dos idosos do grupo e os conflitos familiares.

O factor idade torna-se pertinente na medida em que estes idosos já são bisavós e até trisavós, e a maioria dos seus netos já são adultos. As crianças da família são os bisnetos ou trinets, compreendendo-se o porquê de os laços afectivos já não serem tão próximos como aqueles que normalmente existem entre avós e netos. Deste modo, o convívio entre estes idosos e as crianças da família (maioritariamente bisnetos) não é tão regular como quando os seus netos eram crianças, nessa altura eles ainda tiveram a oportunidade de participar na sua educação.

*“Criei três netos. É que os governava, é que os educava. É que fazia tudo e agora tenho dois, uma já está casada.”* (Paula, 85 anos)

*“Agora é os bisnetos é que são pequeninos. Mas já tenho uma bisneta... já tenho um bisneto casado.”* (Deolinda, 85 anos)

Existe ainda outro factor pertinente na relação dos idosos com os netos/bisnetos, nomeadamente os conflitos familiares, os quais acontecem normalmente com os filhos mas acabam por influenciar o contacto entre avós e netos. Tanto no caso da Aurora como no da Antónia, este convívio encontra-se ameaçado, para além da distância, por conflitos familiares. Em ambas as situações as idosas não convivem com uma parte dos netos por conflitos com os filhos ou respectivos cônjuges.

*“Com as outras [netas] a relação não é nenhuma. Eu não as vejo. Elas não me vêm ver. (...) As outras [netas], se as vir não as conheço.”* (Aurora, 79 anos)

*“Não tenho cá netos. (...) Ainda tive cá uma [neta] que está no Canadá. Agora foi para longe, vê-se raras vezes.”* (Antónia, 86 anos)

Além das situações de co-habitação referidas anteriormente, existem ainda quatro idosos que vivem no lar: a Maria, a Manuela, o José e a Francisca; deste modo, têm um contacto mais limitado com os netos. Ao contrário daqueles que vivem com algumas crianças da família, os idosos que vivem no lar apenas vêem os seus netos quando estes os visitam ou quando são convidados pelos filhos para irem a suas casas em situações especiais (i.e. datas festivas, almoços de família, ou outros acontecimentos).

*“Eu estou aqui [no CPSB], a minha vida é aqui, e eles [os netos] estão lá em Aveiro. (...) Tenho muita pena deles, de não os ver e estarem mais tempo comigo.”* (Maria, 78 anos)

*“Oh amiga, sobre as crianças, eu também gosto de crianças, mas não estou com as crianças, não é?” (Francisca, 87 anos)*

*“O rapaz [veja] poucas vezes... vem mais a mãe ou mais a avó.” (Francisca, 87 anos)*

No caso da Manuela, o contacto com todos os netos é ainda mais difícil, uma vez que grande parte dos seus netos vive no Canadá, sendo que a última vez que os visitou foi há cerca de 5 anos e foi visitada pelos mesmos há cerca de 2 anos.

*“Os do Canadá, quando vou lá estou em casa deles. Os de cá, visitam-me aqui no lar. Também vou lá assim pela Páscoa, Natal ou quando eles se lembram de fazer assim algum almoço, também vou lá” (Manuela, 74 anos)*

## **5.2 As imagens e estereótipos entre crianças e idosos**

### **5.2.1 A imagem das crianças em relação aos avós, aos idosos e à velhice**

Considerando que a existência de estereótipos e de uma atitude de discriminação em relação à idade constituem aspectos com uma grande influência negativa ao nível económico, social e psicológico no bem-estar de crianças e idosos; e na medida em que um dos objectivos principais dos programas intergeracionais é a promoção do bem-estar das diferentes gerações a partir da participação e do envolvimento com a comunidade, a propagação do idadismo constitui-se, à partida, como uma situação preocupante.

Neste sentido, dois dos principais objectivos da Fase I (secção 4.6.4), a relação avô-neto e a relação criança-idoso, levaram a estabelecer algumas comparações e a obter uma visão que talvez não fosse possível se tivesse sido apenas considerada uma das situações. Ou seja, verificou-se que a imagem da criança em relação ao idoso pode variar de acordo com o grau de afinidade que ela possui com o mesmo, nomeadamente se for um idoso familiar ou desconhecido.

Filipe: *“[Os idosos] têm que tomar remédios e têm que ir ao médico.”*

André: *“Nós sabemos que eles são idosos porque a ambulância vai buscá-los. E se a ambulância vai buscá-los é porque qualquer coisa não está bem.”*

Filipe: *“Os idosos são velhinhos. Os meus avós são idosos.”*

André: *“A minha avó não é idosa!”*

Filipe: *“São idosos porque estão sempre doentes... a ambulância vai buscá-los. Qualquer dia eles morrem!”*

André: *“E tu vais ter saudades deles [dos avós]. E vais dizer «Oh mãe, tenho saudades da avó!» E já não vais poder vê-la porque ela não está cá.”*

Filipe: *“Mas eles vão estar no céu e vão estar sempre ver-me.”*

André: *“Pois, mas tu não vais poder vê-los mais.”*

(excerto de uma conversa com o Filipe e com o André, de 4 e 5 anos, respectivamente)

Denotou-se também, à semelhança do que foi referido ao nível do idadismo na infância no capítulo 2, que as crianças revelam reacções diferentes de acordo com as dimensões que estão a ser analisadas, nomeadamente as físicas, as sociais ou as psicológicas. Quanto à sua condição física ou de saúde, referiam características mais associadas com a doença, debilidade e perda de capacidades.

*“Uma abóoo! Que tá doente. Que caiu... que caiu das escadas. (...) E depois magoou-se aqui, aqui na perna. (...) Depois foi pra ambulância. (...) Foi a casa de uma menina, uma amiga da Sandra e também foi buscar umas muletas pra abó. Porque a avó depois cai.”* (Marisa, 3 anos)

*“Eu consigo andar sozinha. [O avô] não porque tem um dói-dói, mas só que tem um dói-dói que dói a ele.”* (Marisa, 3 anos)

*“A avó é assim grande, mas não anda muito depressa porque já é velhinha”* (Rosa, 4 anos)

*“Não sei porquê, mas o meu avô está muito gordo. Tem umas mamas muito grandes!”* (Rodrigo, 5 anos)

Ainda acerca das características físicas dos avós, uma mãe refere que o facto de as avós se vestirem de preto se trata de uma situação desagradável para a criança. Neste caso, pode-se considerar que os diferentes hábitos culturais também podem ser uma forma de reforçar os estereótipos e o afastamento das diferentes gerações.

*“Não gosta delas [das avós] devido ao facto de se vestir de preto (toda) e tem personalidades muito diferentes.”* (encarregado de educação da Cristina)

Em relação às características sociais dos avós, algumas crianças referiam-se aos avós, especialmente às avós, como pessoas activas que participam na vida doméstica e na qual têm um papel de relevo.

*“A avó costuma estar a cozinhar quando vou visitá-la.”* (Fernanda, 5 anos)

*“A avó Fátima e o avô estão em casa a arrumar.”* (descrição do desenho; Marisa, 3 anos)

*“A avó está a cozinhar.”* (descrição do desenho; Sofia, 4 anos)

*“É a mãe e a casa. A avó está lá dentro a limpar”* (descrição do desenho; Cristina, 5 anos)

### **5.2.2 A imagem dos idosos em relação aos netos, às crianças e à infância**

No caso dos dados gerados com os idosos, notou-se que a imagem que têm das crianças da sua família e a que têm das crianças em geral é díspar. Enquanto caracterizam os seus netos de uma forma positiva (como foi possível constatar já neste capítulo), o mesmo não acontece quando se referem às crianças em geral ou à infância da actualidade. Em relação a estas últimas, destacam o excesso de mimo, a falta de respeito e de educação, considerando ser, em parte, por culpa dos pais.

*“Não têm respeito pelas pessoas mais velhas.”* (Deolinda, 85 anos)

*“Têm mimo de mais, até tratam mal os professores.”* (Leonor, 88 anos)

*“Fazem o que querem porque os pais também deixam.”* (Deolinda, 85 anos)

*“Desde pequenos começam a ser maldosos.”* (Antónia, 86 anos)

Todavia, além desta visão, uma parte dos idosos revelou ter uma imagem positiva em relação a alguns aspectos do desenvolvimento e da actual educação das crianças. Consideram assim que, embora menos educadas ao nível de valores sociais, têm mais conhecimento e são mais inteligentes/espertas.

*“São mais desenvolvidas e convivem mais.”* (Maria, 78 anos)

*“São muito espertas, querem saber tudo.”* (Deolinda, 87 anos)

*“Agora a criança é muito esperta.”* (Aurora, 79 anos)

O mimo é também na opinião de alguns idosos, ao contrário da visão anterior, um aspecto favorável na educação das crianças, nomeadamente em comparação com o que acontecia antigamente em que as crianças tinham de trabalhar e não tinham muitas oportunidades de ir à escola.

*“São muito mimados agora. E ainda bem!”* (Francisca, 87 anos)

Acerca do modo de vida das crianças, foram referidas algumas questões pertinentes resultantes da evolução dos tempos. O consumismo e o desperdício foram abordados em relação à atitude da criança perante os objectos.

*“Têm brinquedos de toda a espécie.”* (Fátima, 79 anos)

*“Têm tudo e não dão valor a nada.”* (Deolinda, 85 anos)

Do ponto de vista dos idosos, esta mesma evolução que trouxe o consumismo e a desvalorização dos objectos, acarretou também uma deterioração na alimentação e na saúde das crianças.

*“Não comem o que antes as crianças comiam, antes tudo era mais natural sem adubos nem esses químicos.”* (Paula, 85 anos)

Também é importante realçar que parte desta caracterização da infância feita pelos idosos se sucedeu em comparação com a infância do passado, pelo que os idosos talvez quiseram reforçar as diferenças entre a situação do presente e a que se vivia antigamente, na altura em que eles próprios eram crianças. Neste sentido, é possível denotar o distanciamento que parece existir entre idosos e crianças ou a separação que os idosos parecem sentir entre as gerações mais novas e as mais velhas.

*“A nossa infância era muito diferente de agora.”* (Paula, 85 anos)

*“Não sabem certas coisas que os antigos faziam e o modo como viviam.”* (Antónia, 86 anos)

*“Agora são como reis. Eles agora têm tudo!”* (Paula, 85 anos)

A separação sentida pelas gerações pode levar a que elas criem uma imagem negativa em relação às restantes ou que deturpem a realidade em que elas vivem por a desconhecem ou por não a compreenderem. De acordo com Andrade (2002), um sinónimo de discriminação pode ser

separação. Não só a discriminação causa a separação, o estar separado, o desconhecer, causa igualmente a discriminação.

*“Por isso, gosto dos meus, agora dos outros... Cada um trata dos seus, não é?”* (Francisca, 87 anos)

Por vezes é o desconhecimento da realidade que cria um mito, pelo que este facto leva-nos a crer que o grau de afinidade e as oportunidades de contacto podem constituir factores atenuantes dos estereótipos. A par disto, Vandebroek (1999) refere que *“Para romper as fronteiras do grupo, o contacto entre os grupos deve ser suficientemente intenso para que haja um intercâmbio de informações individuais e de sentimentos”*. Deste modo, o contacto entre crianças e idosos através de programas intergeracionais poderá ser um modo de romper com essas fronteiras que separam os grupos, e os “meus” dos “outros”, as quais levam à mútua incompreensão e, conseqüentemente, à construção de estereótipos que reforçam a segmentação etária de que já estão a ser alvo.

## 5.3 A institucionalização de crianças e de idosos

### 5.3.1 Alterações a nível social e familiar e a institucionalização

Os dados gerados com o grupo de idosos, levaram a considerar que, embora os idosos do passado (i.e. pais e os avós destes idosos) tivessem menos apoio de serviços institucionais (os quais praticamente não existiam), recebiam mais suporte através da família. Lima (2010) refere que, até há pouco tempo, as gerações mais velhas viviam com a família, integradas num sistema social e económico produtivo praticamente até à morte.

*“[Os idosos] eram mais estimados em casa [na família]. A família era quem cuidava dos idosos.”* (Deolinda, 85 anos)

*“Todos faziam o que ele [idoso] mandava.”* (Deolinda, 85 anos)

*“[O idoso] agora já não é tão estimado pela família.”* (Antónia, 86 anos)

Naquela altura, os próprios idosos davam o seu contributo financeiro à família, enquanto esta se encarregava de cuidar deles; normalmente, os pais ficavam com os filhos nas suas próprias casas, o que garantia alojamento aos filhos e, consecutivamente, o apoio aos pais. Acerca disto, a Deolinda contou que os seus pais viveram consigo até morrerem e que o pai dela trabalhou até



então, pelo que contribuiu financeiramente com as despesas que dava. Contou ainda que a outra parte do dinheiro que o pai ganhava, foi guardando até morrer para deixar aos seus filhos (i.e. a herança). Nesse sentido, afirmam que actualmente não existe tanta solidariedade na família para com o idoso, e que os filhos chegam mesmo a abandonar os pais; situação que é vivida por eles nos seus próprios contextos de vida.

*“Por vezes, são abandonados pelos filhos ou famílias.” (Paula, 85 anos)*

Consideram ainda que hoje em dia é tudo diferente e que esse apoio prestado pela família foi substituído pelas instituições. Neste sentido, referem-se aos Centros como uma nova forma de “mimar” os idosos.

*“Até a gente já somos muito mimosas!” (Paula, 85 anos)*

*“Basta haver estas casas para estarem os velhos. Basta haver os infantários para as crianças que faz toda a diferença.” (Francisca, 87 anos)*

*“Quando eu era mais nova havia lá lares e casas como esta?” (Paula, 85 anos)*

*“Cá estou [no lar e centro de dia] e estou bem. Estou em casa. Tenho o quarto, a casa de banho, tenho tudo.” (José, 89 anos)*

*“E agora já estou há dois anos e meio, quer dizer já vai fazer três anos pra Dezembro, no dia 9 de Dezembro, que eu estou no lar. E estou muito bem. Tou muito contente de tar no lar. Pronto!” (Francisca, 87 anos)*

De acordo com Lima (2010), a doença e a morte do cônjuge são motivos de mudança, que obrigam a uma reestruturação da vida da pessoa idosa. Uma parte dessa reestruturação poderá constituir-se pela institucionalização, a qual apresenta vários motivos relacionados com diferentes circunstâncias da vida. Para além das mencionadas, relaciona-se também com a perda de autonomia do idoso e com conflitos familiares. Encontraram-se casos para cada um desses exemplos no grupo de idosos, mas existem dois deles que se tornam relevantes, o do José e o da Francisca. O José é um idoso que mostra ter elevados níveis de autonomia mas que, por circunstâncias da vida (i.e. viuvez), teve de optar pela institucionalização em lar.

*“Depois enivrevei e depois vim para aqui [lar].” (José, 89 anos)*

Quanto à Francisca, um conflito vivido com o filho com quem ela vivia levou a que ele procurasse o CPSB para a mãe residir.

*“E ele [filho] foi e deu-me um soco aqui no peito e deu-me outro soco aqui. Pisou-me e eu andei 8 dias a botarem-me pomada. (...) E depois ele perguntou que como era o número daqui da Doutora Sónia e elas deram-lhe o número da Doutora Sónia e a Doutora Sónia foi-me logo lá buscar. Só trouxe a roupa que tinha vestida.”* (Francisca, 87 anos)

No que se refere à institucionalização das crianças, o aparecimento dos infantários é encarado pelos idosos como um aspecto positivo no desenvolvimento da criança, a qual tinha, por vezes, de acompanhar a mãe no trabalho na terra.

*“Agora andam nos infantários, já não andam atrás das mães nas terras.”* (Francisca, 87 anos)

*“Acho até que isso [criação de infantários] foi das coisas melhores que fizeram. Não é só cá no país, foi em todo o lado. Haver estes centros e etc. de crianças e tudo, porque desenvolvem a inteligência e, e... a cabeça e o físico, e isso tudo.”* (José, 89 anos)

### **5.3.2 As relações intergeracionais familiares dentro do CPSB**

O CPSB é uma instituição que revela um ambiente familiar, tanto ao nível dos laços familiares entre as crianças e idosos, os profissionais e as crianças, como entre os profissionais e os idosos. No grupo de crianças, havia uma criança (a Juliana) cuja mãe trabalhava no lar, outra (a Alice) que a mãe era auxiliar de acção educativa e ainda outra (o Filipe) tinha um dos seus avós também no lar do CPSB. Ao nível do grupo de idosos, a Fátima, a Deolinda e a Rita, tinham netos e bisnetos no ATL. A segunda tinha ainda uma trineta na creche e a última uma filha que era funcionária das valências para o idoso.

*“Tenho aqui [no CPSB] as minhas duas netas, que é as do meu Paulo.”* (Fátima, 79 anos)

*“Eu tenho ali uma bisneta no centro [no jardim-de-infância do CPSB]. Espero por ela até lhe dar um beijo.”* (Rita, 75 anos)

*“E depois tenho outra com nove anos que anda na 4ª classe, também está aqui no centro. A minha neta também não sei, se vem aqui comer, mas levam-na à escola e vão-na buscar à escola.”* (Deolinda, 85 anos)

Além destes, havia ainda outros laços familiares intergeracionais entre os vários sujeitos das diferentes valências, nomeadamente relação mãe-filho, avó-neto e avó-bisneto, sendo possível encontrar duas e três gerações de uma mesma família na instituição.

Embora os idosos tenham referido a institucionalização das crianças e dos idosos como benéfica para os dois grupos geracionais, está subjacente no seu discurso a ideia de que consideram que o facto de os seus netos/bisnetos passarem todo o tempo na escola diminui as oportunidades que têm de conviver com eles. Queixam-se de nunca verem os netos/bisnetos porque eles “tomam o tempo todo na escola” e que daí “vão para outras actividades”. Nas suas afirmações transparece a ideia de que, através das vitrinas e janelas do centro (as quais têm vista para o pátio das valências para a infância), estas avós aguardam na esperança de, pelo menos ver, os seus netos.

*“O meu [neto] já não está aqui no infantário, toma o tempo todo na escola. Vai de manhã e só vem às seis e tal. Come lá e tudo.” (Fátima, 79 anos)*

*“O meu Diogozito, tem sete anos, nunca o vejo ali a brincar porque anda na escola, mas depois tem outras actividades... Pois tem aí actividades, até nunca o vejo aí a jogar.” (Deolinda, 85 anos)*

*“No recreio é... esses [bisnetos] não os vejo. Vejo então lá de vez em quando é a minha trineta, filha do meu bisneto, que fez um aninho. Às vezes vem o pai buscá-la e então agora um dia da semana veio aqui e a gente estava ali à espera do autocarro e ele vinha com a menina ao colo e veio ter comigo.” (Deolinda, 85 anos)*

Na perspectiva dos idosos, a institucionalização revela-se como um obstáculo ao convívio entre os grupos geracionais, os quais se encontram separados por paredes e por tempos ocupados em actividades.

## 5.4 As actividades intergeracionais entre crianças e idosos

A segunda fase do projecto, apresentada anteriormente no capítulo 4 (secção 4.6.5), e que envolveu conversas com os três grupos directamente envolvidos nas actividades intergeracionais desenvolvidas no CPSB, pretendia a obtenção de uma visão holística das mesmas, sob a perspectiva dos vários intervenientes. Além disso, também a segunda parte do questionário para os encarregados de educação pretendia conhecer a opinião dos mesmos acerca destas actividades (ver anexo 4.B). A partir dessas formas de geração de dados e da posterior análise de

conteúdo, emergiram algumas temáticas transversais às perspectivas dos diferentes grupos, as quais se apresentam em seguida.

#### **5.4.1 A relação criança-idoso**

A relação que se estabelece entre idosos e crianças, ou que se pretende promover através das actividades intergeracionais, é referida tanto pelo grupo de idosos, como pelo grupo de profissionais de ambas as salas de jardim-de-infância. A maioria dos idosos revela o seu gosto pelas crianças, com as quais demonstram ter uma relação de afectividade.

*“Eu tive ali crianças que adorei. Adorei mesmo aquelas crianças!”* (Paula, 85 anos)

*“Eu gostava muito dos garotos. Os garotos eram muito engraçados.”* (Antónia, 86 anos)

Consideram que o convívio entre eles e as crianças é algo positivo, caracterizando-o como sendo bom. Além disso, associam-no ao desenvolvimento das suas próprias capacidades (e.g. memória).

*“Convém as crianças conviver com a gente e a gente com elas.”* (Maria, 78 anos)

*“Porque é bom. Ele que é criança lidar com a mais velha e a mais velha também precisa de (risos)... de lidar com os mais novos.”* (Fátima, 79 anos)

*“A convivência é que a gente vai desenvolvendo ou deixar de desenvolver. Mas normalmente a gente convivendo, brincando, falando e tudo, a memória desenvolve sempre mais. Não esquece...”* (José, 89 anos)

*“Acho bem que eles [crianças e idosos] comuniquem uns com os outros.”* (Manuela, 74 anos)

*“Não, eu tenho [contacto com crianças], mas nem que não tivesse mesmo contacto com outras crianças. É bom!”* (Deolinda, 85 anos)

Ao nível do grupo de crianças, embora elas reconheçam os idosos nas fotografias e saibam que eles estão no edifício ao lado, tratando-os por «vizinhos», algumas consideram que não os conhecem porque não sabem os seus nomes. Neste sentido, parecem existir alguns critérios para que as crianças entendam alguém como sendo um conhecido. Esta situação, por sua vez, pode ser causa e também motivo para um distanciamento entre os dois grupos geracionais.

Os profissionais denotam a ligação afectiva que se cria entre as crianças e os idosos que participam nas actividades intergeracionais, afirmando que se cria afinidade entre os mesmos. Quanto à avó Rosa (mãe da educadora da sala A) e ao avô do projecto do ATL (“Avô da Sala”), uma das evidências referidas pelos profissionais é o facto das crianças, posteriormente às actividades, perguntarem por eles e reconhecerem-nos quando os encontram na rua.

*“O facto de perguntarem pela minha mãe [a avó Rosa] também mostra que eles gostam de estar com ela e sentem a sua falta.”* (educadora da sala A)

*“Em relação à minha mãe, quando ela encontra algumas das crianças na rua, os pais cumprimentam-na e as crianças também.”* (educadora da sala A)

*“Criaram uma ligação tão grande que quando o avô passava na rua, eles acenavam-lhe e diziam: “Oh Nanda, olha o avô! Olha o avô!”. Eles tratavam-os por avós.”* (auxiliar da sala B)

Esta afinidade que se cria entre eles vai ao ponto de as crianças tratarem os idosos por avós e de os respeitarem como tal.

*“Havia ali uma relação avô-neto em que as crianças respeitavam os idosos, mesmo quando eles lhes chamavam à atenção.”* (auxiliar da sala B)

*“Começaram a desenvolver uma ternura que até então não se tinham apercebido ter com outras pessoas idosas para além dos avós.”* (auxiliar da sala B)

#### **5.4.2 O (des)conhecimento da velhice nas crianças**

Embora se tenha considerado anteriormente, com base nos dados recolhidos através dos questionários aos pais, que o contacto das crianças com os avós é frequente, os profissionais ainda assim consideram que algumas crianças não contactam muito com os avós, e que esta situação leva a que a criança desconheça a velhice.

*“Acho que as crianças estão mesmo a precisar de muitos contactos. Pela minha experiência, vejo que poucas crianças têm contactos com os avós. Alguns pais vieram pra cá trabalhar e os avós ficaram nas terras de origem, e há miúdos que vêem poucas vezes os avós.”* (educadora da sala B)

Além disso, os profissionais do centro de dia consideram que o contacto que os idosos estabelecem com os netos ou bisnetos pode não ser suficiente.

*“Também porque há muitos que têm contacto com os netos, mas outros que não, e o contacto que há pode não ser suficiente.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

Simultaneamente, e devido ao facto dos seus avós serem de uma faixa etária mais jovem, os profissionais consideram que as crianças desconhecem a fase da velhice em que estão os idosos do centro de dia, a qual é mais avançada. Neste sentido, a pouca frequência de contacto das crianças com idosos mais velhos pode associar-se ao seu desconhecimento da dita quarta idade (i.e. idosos acima dos 75 anos) pelas crianças.

*“As crianças convivem no dia-a-dia com pessoas mais novas, os pais, os amigos, os professores e até os avós são mais novos. Alguns têm bisavós, mas não são assim muitos e isso faz com que eles desconheçam essa fase da vida.”* (educadora da sala B)

*“Acho que até aí, até a esse nível [o contacto entre gerações] é importante porque a maior parte dos meninos tem avós muito mais novos. E depois aqui, estes idosos, que já são da quarta idade... [as crianças] acabam por ter muito pouco contacto com pessoas tão idosas.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Às vezes, as crianças não terem contacto com os idosos faz com que elas não compreendam as diferentes fases da vida e não saibam o que é a velhice.”* (auxiliar da sala A)

Perante estes factores, os profissionais apontam o convívio/contacto intergeracional como uma estratégia para levar a um conhecimento mais profundo das crianças em relação ao idoso e à velhice. Estas constatações remetem-nos para um dos pressupostos da educação intergeracional, o de levar a pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais esclarecida e mais positiva, pretendendo alcançar uma verdadeira cultura da ancianidade.

*“Outra vantagem [do convívio intergeracional] é as crianças perceberem que apesar de haver idosos que têm problemas e que são difíceis de encarar, elas também vêem que há outros idosos que estão muito bem. Penso que elas ficam com a noção de que os idosos não são todos doentes, inúteis ou que se babam. Temos idosos que cantam para as crianças, que falam com elas, dançam e penso que elas percebem que os idosos não são inúteis.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Eles aceitam melhor os velhinhos depois de estarem com eles. Nota-se a diferença! Até pode na altura parecer que eles não prestam atenção, mas aquilo fica. A diferença só se consegue notar quando há contacto, a ligação.”* (auxiliar da sala A)

*“Fazem diferença porque permite-lhes conviver com o idoso, que por vezes é desconhecido, e desfaz essa imagem de que um idoso está num canto sentado, que está à espera de «ir pro céu», como dizem as crianças, e que não é capaz de fazer nada. Acabam por descobrir que não é assim e que os idosos gostam de conversar e que ainda são capazes de fazer muita coisa.”* (educadora da sala B)

De acordo com Seefeldt (1985), se as crianças tiverem contacto com os mais velhos, sentem-se mais confortáveis na sua presença e compreendem melhor o envelhecimento e o ser velho (in Chen, 1997). Pode-se então considerar que o contacto entre diferentes gerações, através do encontro com a diferença, poderá levar a uma diminuição de estereótipos e de atitudes idadistas face à velhice. Neste sentido, é também importante considerar o caso da Juliana, uma criança da sala A, cuja mãe trabalha no lar. Por vezes a Juliana frequenta o lar, pelo que conhece muitos dos idosos que lá residem. Entre nós, deu-se a conversa que se apresenta em seguida a partir de uma fotografia da Desfolhada onde procurávamos alguns idosos que ela conhecia e sobre os quais se pediu que ela falasse.

Investigador: *A Maria. Está aqui...onde é que está a Maria? Aqui, não é? E mais?*

Juliana: *Hummm... a Piedade.*

Investigador: *Conheces a Piedade? Mais alguma?*

Juliana: *Hummm... o Diamantino?*

Investigador: *O Diamantino. Ele está aqui nalguma fotografia?*

Juliana: *Não, mas eu sei o nome. Tem aqui um babete o Diamantino.*

Investigador: *Tem um babete? Porquê?*

Juliana: *Porque ele faz-me assim «txtxtxtx» e deita muita baba.*

(excerto da conversa a com a Juliana, 4 anos)

Nesta conversa é possível compreender a naturalidade com que a Juliana fala dos idosos e das suas debilidades. Possivelmente, e de acordo com o referido, o contacto regular com idosos poderá ser uma forma de combater possíveis estereótipos face às variadas condições da velhice.

Neste âmbito, os profissionais consideram que o facto de terem as valências para as crianças e para os idosos tão próximas constitui uma vantagem na construção de uma imagem positiva dos idosos pelas crianças.

*“Aqui o centro tem as duas valências e isso é óptimo (...) as crianças podem aprender muito e encarar a velhice com mais naturalidade.”* (auxiliar da sala A)

Os pais encontram nas actividades intergeracionais e no convívio entre gerações o papel dos idosos na promoção de valores sociais, os quais consideram poder ser uma forma de ajudar as crianças a terem uma melhor compreensão da velhice e mais respeito pelo idoso.

*“As crianças ganham mais consciência do que é um idoso (nomeadamente que ainda gostam de aprender com os mais pequenos e também ensinar com as suas histórias)”* (encarregado de educação da Diana)

*“São pertinentes, pois promovem o convívio entre todos e as crianças contactam com pessoas mais velhas e com limitações que nem sempre têm possibilidade em família.”* (encarregado de educação da Juliana)

*“(...) [as actividades intergeracionais] criam necessidades nas crianças de ajudar e fazer companhia ao próximo, independentemente da idade.”* (encarregado de educação do Carlos)

Consideram ainda que o lidar com a realidade em que vivem os idosos, pode ajudar as crianças a aceitarem futuramente a sua própria velhice. Tal como afirma Palmeirão (2008), *“faz sentido pensarmos a educação intergeracional, enquanto processo de capacitação da pessoa para o pleno exercício da sua civilidade, da eliminação dos preconceitos por razões de idade e contra o medo do nosso envelhecimento”* (in REAPN, 2008).

*“Sim. Para terem noção de que é necessário respeitar as pessoas mais idosas e ajudar no que lhes pedirem. Fazer ver que um dia também serão avós e idosos.”* (encarregado de educação do Carlos)

Além dos pais das crianças, alguns profissionais do jardim-de-infância também partilham da mesma opinião.



*“Se tivessem mais contacto com os idosos do lar, iriam aprender a lidar com a morte e o envelhecimento. Para tudo tem que se aprender para se saber encarar a vida.”* (auxiliar da sala A)

*“É muito importante que o trabalho intergeracional seja desenvolvido para que as crianças tenham uma maior noção do futuro que as espera.”* (auxiliar da sala A)

### 5.4.3 O papel das crianças e dos idosos nas trocas intergeracionais

Sendo os programas intergeracionais *“veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagem entre as gerações mais velhas e mais novas”* (Kaplan et al. 2002, in Nunes, 2009), as trocas intergeracionais apresentam-se como uma mais-valia das actividades entre as crianças e os idosos. Esta troca é vista de um modo geral, pelos pais e profissionais, como algo recíproco, em que tanto as crianças como os idosos podem aprender e usufruir das suas vantagens.

*“Muito importante para promover o convívio e a partilha de saberes.”* (encarregado de educação do Ângelo)

*“É sempre bom juntar duas gerações diferentes e vê-las descobrir e aprender coisas uns com os outros.”* (encarregado de educação do Filipe)

*“Há um «aprender» de ambas as partes.”* (encarregado de educação da Daniela)

*“Uma coisa que ele [o avô da sala] também gostava muito era de aprender jogos novos com as crianças. Ai está a tal aprendizagem da criança para o idoso e do idoso para a criança.”* (auxiliar da sala B)

Além desses dois grupos, os idosos também perspectivam a troca de um modo bidireccional, considerando que o convívio contribui para o desenvolvimento e incentivo mútuo.

*“É um convívio mútuo que dá sempre... pela convivência sempre se desenvolve.”* (José, 89 anos)

*“Elas ensinam-nos a nós e nós ensinamos a elas. (...) Incentivam muito!”* (Maria, 78 anos)

Considerando que a troca intergeracional pode funcionar de um modo bidireccional, resultando numa variedade de papéis em cada um dos lados (como foi referido no capítulo 2), encontraram-se alguns desses papéis com base em tudo o que foi referido pelos pais e profissionais acerca da

mesma. Em relação aos idosos, podemos considerar: a preservação e a valorização do passado; o enriquecimento das aprendizagens e o desenvolvimento das crianças; complemento na educação dada pelos pais; e a transmissão de valores sociais.

*Enriquecimento das aprendizagens e desenvolvimento da criança*

Neste sentido, a troca intergeracional é encarada pelos profissionais como uma forma de promover a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, na medida em que pode ajudá-la a ter uma melhor compreensão do mundo.

*“O factor da aprendizagem é sempre fundamental. (...) Acho que o próprio estar dos idosos, as suas atitudes por si só ensinam.”* (auxiliar da sala A)

*“Também a experiência de vida dos idosos, se calhar, ensina muita coisa às crianças de hoje.”* (auxiliar da sala B)

O mesmo acontece com os pais das crianças, os quais vêem a experiência de vida do idoso como uma aprendizagem para o seu filho, a qual pode prepará-lo para a vida. Tal como afirma Freire (1997), *“a educação, como experiência especificamente humana, é uma forma de intervenção no mundo”* (in Andrade, 2002).

*“Os idosos têm a sabedoria da vida. As suas histórias são a sua sabedoria, ajudam os mais novos a preparar melhor a sua caminhada.”* (encarregado de educação da Fernanda)

*“Porque os mais velhos têm muitas vivências que transmitem aos mais novos como histórias mas que são lições de vida.”* (encarregado de educação da Marta)

*“Acho [o convívio com os idosos] importante para o desenvolvimento deles [das crianças].”* (encarregado de educação da Diana)

*“Porque têm sempre algo bom para ensinarem, já viveram uma vida inteira, têm muitos bons conselhos para dar.”* (encarregado de educação do Filipe)

*Valorização e preservação do passado pelas crianças*

No sentido inverso, e num sentido de verdadeira partilha, os pais e os profissionais acreditam que os idosos podem ajudar as crianças a valorizarem e a preservarem o passado.

*“Enriquecimento cultural, histórico; ajuda a manter tradições”* (encarregado de educação da Bruna)

*“As crianças aprendem o “perdido”/“esquecido”, do dia-a-dia de hoje.”* (encarregado de educação da Marisa)

*“Existem várias vantagens: desde as canções traulitadas; ao “antigamente”; as comparações com os dias de hoje; (...) Fica na memória da criança o que fez com outra pessoa, que sabe mais do que ela.”* (encarregado de educação da Marisa)

*“Valores que não ficam esquecidos, não se percam.”* (encarregado de educação do Pedro)

*“E os idosos também ensinam coisas às crianças, tais como tradições e coisas antigas que hoje em dia já se perderam, como a Desfolhada por exemplo. Quando as crianças têm a oportunidade de experimentar e viver, elas adoram.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Acho que o convívio entre crianças e idosos é muito enriquecedor e é sempre bom na medida da transmissão de conhecimentos e tradições. (...) Ai está, aprendem sempre alguma coisa, tanto uns como os outros.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

#### *Complemento à educação dada pelos pais*

Os pais perspectivam a troca intergeracional como uma forma de complementar a educação que eles dão aos seus filhos, também na medida em que os idosos têm mais paciência, disponibilidade e experiência de vida.

*“Sempre, porque é outra geração, os avós têm mais paciência, conversam, brincam.”* (encarregado de educação do Pedro)

*“Os mais velhos transmitem muitos afectos e actividades que nós pais não conseguimos.”* (encarregado de educação da Marta)

À semelhança da opinião dos pais, os idosos também consideram que eles próprios podem constituir um complemento à educação dada pelos pais às crianças.

*“Até ensinam, as pessoas idosas... As pessoas idosas ensinam coisas que as crianças... os pais nunca sabem ensinar.”* (Rita, 75 anos)

No que se refere às crianças, identificaram-se os seguintes papéis ao nível das trocas intergeracionais: inclusão dos idosos através da ligação com a sociedade actual (e.g. informação e utilização das novas tecnologias); desenvolvimento da memória através da recordação do passado; e sentimentos de alegria.

#### *Inclusão dos idosos na sociedade*

Além disso, ambos os grupos consideram que as crianças podem ajudar os idosos com informações do mundo actual, promovendo a sua inclusão.

*“Nunca é tarde para os idosos aprenderem e com as crianças eles podem sempre aprender muito. (...) As crianças são muito puras e sinceras e falam tudo o que pensam e, por isso, elas podem dar-lhes um pouco a ideia do mundo actual e assim mantê-los em contacto com o mesmo e com o que se passa à sua volta.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Existem várias vantagens, bem como os idosos que aprendem com os mais novos, o uso do computador e até mesmo o telemóvel...”* (encarregado de educação da Marisa)

#### *Alegria de viver e a recordação do passado*

Os pais e os profissionais consideram ainda que os idosos podem facultar conhecimento e ajudar as crianças a adquirirem experiência, enquanto as crianças lhes dão alegria de viver.

*“Acho que os idosos transmitem paz, sossego e tranquilidade às crianças e as crianças podem transmitir alegria aos idosos, até porque em parte já a perderam.”* (auxiliar da sala A)

*“Sim, porque uns dão a experiência, a disponibilidade e o carinho e os outros dão a alegria de viver, relembram uma infância abandonada.”* (encarregado de educação da Rosa)

*“Aprende-se sempre com os idosos. A experiência e a própria vida deles, que resume-se a calma, tranquilidade, transmite, sem querer, à própria criança.”* (auxiliar da sala A)

Além disso, os idosos mostram que em troca se sentem felizes por terem ajudado as crianças, pelo que se pode considerar, à semelhança do que foi referido pelos pais e profissionais, que as crianças trazem satisfação e alegria aos idosos.

*“Ficamos consoladas com os garotos.”* (Maria, 78 anos)

*“Fiquei satisfeita por os garotos terem sido ajudados.”* (Manuela, 74 anos)

Este prazer também advém do facto de as crianças levarem os idosos a recordarem-se de coisas do passado e transmitirem algo que lhes é significativo.

*“«Atão», é a gente dar-se bem umas com as outras e ter estas coisas que a gente já está esquecida. E coisas antigas que a gente sabe... não é? E acho que é lindo a gente saber e lembrar-se das coisas.”* (Leonor, 88 anos)

#### **5.4.4 O bem-estar, a participação social e a auto-valorização dos idosos**

De acordo com Kaplan *et al.* (2003), os programas intergeracionais podem trazer inúmeras vantagens para as crianças e para os idosos. Algumas destas vantagens são referidas pelos profissionais e pelos idosos, nomeadamente ao nível do bem-estar emocional dos últimos, o qual é aqui representado pela alegria sentida pelos idosos, referida pelos profissionais.

*“(...) mas em termos aqui das diferenças no quotidiano do idoso... Eu acho que aqui é notória a vantagem. Ai a alegria com que eles ficam depois!”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Apesar de não se notar uma diferença directa, as crianças trazem sempre alegria e os idosos gostam e ficam alegres também.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Os mais demenciados só de verem a alegria das crianças já ficam também felizes. É contagiante!”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Os olhos dele [do avô da sala de ATL] até brilhavam quando ele falava com os miúdos.”* (auxiliar da sala B)

Dos momentos passados com as crianças, os idosos referem as actividades e as festas com as crianças como um “paródia”, situações que os fazem rir e que, desse modo, lhes fazem sentir “bem”, “alegres” e “felizes”, mesmo depois das actividades.

*“A gente fartou-se de rir [no teatro feito com as crianças]. Foi rir!”* (Antónia, 86 anos)

*“Uma paródia! Fartou-se de cantar. Estivemos a cantar com eles.”* (Maria, 78 anos)

*“Ah, sentia-me feliz! (...) Passámos bons bocados com aqueles miúdos.(...) Era uma risada.”* (Aurora, 79 anos)

*“Pois, actividades lindas. Sentia-me alegre, bem. (risos) Ficava bem.”* (Leonor, 88 anos)

Recordam ainda com nostalgia os momentos em que as crianças têm de ir embora, nos quais se sentem tristes, sobrando-lhes a satisfação pelo momento passado com as crianças.

*“Por acaso ficamos com pena deles. E depois vieram-nos visitar, vieram cá e traziam uma rosa a cada uma...”* (Maria, 78 anos)

Além da alegria que as actividades com as crianças proporcionam aos idosos, também se revelou pertinente a influência que estas actividades têm sobre a qualidade de vida dos mesmos. Tal como sugerem Rowe & Kahn (1997), *“numa idade mais avançada, os factores sociais são mais importantes que os biológicos ou genéticos, sendo o envolvimento social um dos três factores fundamentais para um “envelhecimento de sucesso”* (in Walker, 2004). Dentro desta temática emergiram dois indicadores sociais que se encontram inter-relacionados, nomeadamente: o envolvimento e a participação social; o sentimento de utilidade e a auto-valorização.

*“A gente ensina-lhes a fazer assim explicações com as crianças e ler coisas pras crianças depois responderem.”* (Leonor, 88 anos)

*“Porque eles queriam aprender, queriam fazer e queriam que agente lhes ensinasse. E eles aceitavam tudo o que a gente fazia.”* (Maria, 78 anos)

No que concerne ao envolvimento e à participação social dos idosos institucionalizados, denota-se que, embora se constate a alegria que sentem com as actividades com as crianças, estes dois aspectos não se encontram completamente atendidos. Ou seja, alguns idosos não se vêem como participantes nas festas e actividades, estando subjacente no seu discurso o seu papel de “não-participantes”, de público que “assiste”, “vê” e “bate palmas”.

*“Foi uma festa muito bonita. Nós fomos assistir!”* (Aurora, 79 anos)

*“Eh, participar. A gente também não participou. Eles [as crianças] vieram aqui ter com a gente.”* (Antónia, 86 anos)

*“Olhe, eram muitas crianças e gente grande e assim «assentados» nas cadeiras e... Tive lá [na actividade da Desfolhada] também, mas claro que também não desfolhei. Então a gente que «tava» a desfolhar, que era tantos garotos e tanta gente. (risos)”* (Francisca, 87 anos)

*“Mas olhe, aqui, estes todos daqui até vêm aqui à vezes fazer umas festas e a gente estamos aqui assentados e eles assentam-se ali e depois dizem... cantam. A gente depois bate as palmas todas.”* (Paula, 85 anos)

Para além disso, a participação apresenta-se como algo importante para o seu bem-estar e para o seu desenvolvimento.

*“Eu só gosto é de assistir e participar. (...) Dá pras duas, mas gosto de participar porque vai desenvolvendo... a memória não fica estacionada. E participar e cantar e isso tudo.”* (José, 89 anos)

*“É um convívio mútuo que dá sempre... pela convivência sempre se desenvolve.”* (José, 89 anos)

Portanto, considera-se que a oportunidade dos idosos poderem participar e, dessa forma, poderem ajudar as crianças, faz com que eles se sintam úteis e que, conseqüentemente, se auto-valorizem. Estes indicadores são reforçados nos discursos dos profissionais, os quais entendem que o envolvimento dos idosos com as crianças e o apoio que lhes prestam levam a um sentimento de utilidade.

*“Acho que os idosos se sentem úteis ao darem apoio às crianças nas diferentes actividades.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“São positivos sempre, porque os idosos gostam de se sentir úteis e, nas actividades do Atelier por exemplo, há sempre aquelas crianças mais pequenas que precisam de mais ajuda e eles sentem que conseguem realmente ajudá-los, sentindo-se desse modo úteis.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Para ela [avô Rosa, mãe da educadora] também a questão da auto-estima e da valorização pessoal... menos solidão.”* (educadora da sala A)

*“Os próprios idosos estarem em contacto directo com as crianças, porque acho que eles até se tornam mais realizados, dá-lhes uma certa alegria e sentem-se pessoas úteis.”* (auxiliar da sala A)

Na medida em que os profissionais consideram que uma das principais finalidades das actividades intergeracionais para os idosos é a sua auto-valorização, pode-se assim enunciar um dos dez pontos para a redução do idadismo, elaborados por Nelson (2002), nomeadamente o pressuposto

de tirar proveito das oportunidades para promover a atractividade social das pessoas idosas. Este aspecto é referido por uma das profissionais de jardim-de-infância.

*“Temos de criar uma mentalidade nos idosos de que eles têm muito valor porque a própria sociedade já os desvaloriza. Para que eles percebam que eles são úteis e não inúteis.”* (auxiliar da sala A)

## **5.5 As barreiras ao convívio e às actividades intergeracionais**

Apenas com base nos dados gerados nas conversas com os idosos e com os profissionais sobre as actividades intergeracionais desenvolvidas pelo CPSB, foi possível delinear alguns dos obstáculos que estes grupos encontram ou com os quais se deparam aquando do planeamento, realização ou da participação nestas actividades. Deste modo, identificaram-se dois níveis principais de obstáculos, que se subdividem em diversas categorias, estando um relacionado com a organização, as regras e o funcionamento da instituição e o outro com os próprios participantes/intervenientes. Serão essas duas vertentes que se irão aqui analisar, essencialmente devido à sua relevância para os sujeitos referidos.

### **5.5.1 Factores relacionados com o contexto institucional**

Assim como todos os contextos institucionais possuem as suas próprias regras e formas de funcionamento, o CPSB também se apresenta como tal. Contudo, e uma vez que atende a dois grupos geracionais bastante distintos, nem sempre é fácil conciliar duas vertentes com abordagens específicas a cada um dos grupos. Na medida em que os profissionais de cada valência se direccionam para um determinado grupo com que trabalham, seja com crianças ou com idosos, aspectos como a incompatibilidade de rotinas, objectivos distintos e o planeamento de actividades em separado são situações comuns. Além destes obstáculos que se prendem com as regras e o funcionamento da instituição, destacam-se as barreiras arquitectónicas que se colocam quando se pretende desenvolver actividades com um grupo que apresenta grande propensão para as dificuldades de locomoção.

#### *Regras, organização e funcionamento da instituição*

Embora as valências para as crianças e para os idosos pertençam à mesma instituição, os idosos sentem e expressam o distanciamento entre umas e outras, declarando que o outro edifício é



onde estão as crianças porque elas se desenvolvem mais e que também é lá que são realizadas mais actividades.

*“Não, as crianças é lá naquela secção. (...) Ali é que desenvolvem. Ali está muito bem, desenvolvem... as crianças fazem de tudo e mais alguma coisa.”* (José, 89 anos)

*“Não, não... as crianças como se desenvolvem mais estão noutro sector.”* (José, 89 anos)

Estas declarações levam para a questão da segmentação etária, também provocada pela institucionalização dos vários sujeitos; a qual, encarregue pela socialização dos mesmos, os separa de acordo com os seus níveis de desenvolvimento e com as suas capacidades e competências. Como refere Ferreira, *“a socialização passou a ser regulada por espaços e tempos específicos, por uma convergência de uma organização, de métodos e programas, visando reduzir a heterogeneidade e assegurar a uniformidade”* (in Sarmento (org.), 2009). Neste sentido, embora saibam que é no “outro sector” ou no “outro lado” que estão as crianças, alguns idosos referem que raramente vão ou que nunca lá foram, afirmando que só o fazem quando há festas ou alguma actividade.

*“Não, é raramente [que têm uma actividade em conjunto com as crianças]. Quando há assim festas é que se unimos. Vêm cantar, vão cantar e tudo.”* (José, 89 anos)

*“Não, não temos ido. Agora não há assim nada de especial, não temos ido.”* (Aurora, 79 anos)

*“Oh amiga, eu não vou lá às crianças. Mais, nunca lá fui. Não sei. Não posso dizer nada sobre as crianças.”* (Francisca, 87 anos)

No seguimento desta ideia, os profissionais do jardim-de-infância consideram que os idosos deveriam ir mais vezes ao jardim-de-infância, em vez de serem sempre as crianças a irem ao centro de dia.

*“Não sei bem quais [actividades]... mas acho que devíamos realizar mais. Eles até virem mais aqui ao jardim-de-infância. (...) Virem aqui mais vezes. Até espontaneamente... virem! E participarem nas actividades dos miúdos, no dia-a-dia dos miúdos.”* (educadora da sala B)

*“Em vez de serem as crianças a irem aos idosos, serem os idosos a virem até às crianças. Até para os obrigar a sair um bocadinho do cantinho deles, embora eles não gostem.”* (Manuela, auxiliar da sala B)

Acerca das actividades, os idosos referem que muitas das vezes, essas são concretizadas em separado, como por exemplo os passeios e as idas à praia no Verão.

*“Às vezes vão sozinhos, vão passear e tal, etc. E as festas quando fazem é de ano a ano e eles é que fazem muitas festas, as crianças ali.”* (José, 89 anos)

Mostram tristeza por essas actividades serem feitas em separado e confessam que gostariam de fazer festas e passeios em conjunto com as crianças, assim como gostariam de as receber mais vezes no centro de dia.

*“Pois, é. A gente aqui gosta de ver, mas não temos responsabilidades.”* (Aurora, 79 anos)

*“E às vezes [as idas à praia das crianças e dos idosos] nem calha nos mesmos dias.”* (Aurora, 79 anos)

*“Gostávamos de fazer as festas com eles... dançar. Dançar!”* (Maria, 78 anos)

*“Por exemplo, agora vamos num passeio. Gostava que os garotos fossem! Ao parque! E gostava que eles fossem. Apesar que eles saem hoje [Dia Mundial da Criança] já ou já saíram.”* (Maria, 78 anos)

*“E só unimos quando é os dias das festas porque eles iam cantar e a gente também ia cantar. Mas isso é uma vez por ano... ou coisa assim. Aqui, raramente vêm aqui.”* (José, 89 anos)

*“Eu acho que se os garotos cá viessem mais vezes, nós tínhamos mais para lhes dar. Mais vezes... não era? Mas... eles não vêm para cá.”* (Maria, 78 anos)

#### *Incompatibilidades nas rotinas e no planeamento de actividades em conjunto*

No que concerne à separação e à dificuldade em realizar actividades, os profissionais encontram, para além da escassez de actividades intergeracionais no planeamento anual e até semanal, a incompatibilidade de rotinas e de objectivos como os grandes obstáculos.

*“Houve [alterações] ao nível do planeamento de actividades, mas mesmo assim acho que esse tema [a intergeracionalidade] deveria estar mais presente no Plano Anual de Actividades. Tanto no deles [centro de dia] como no nosso.”* (educadora da sala A)

*“No planeamento semanal também deviam constar actividades que promovam o contacto intergeracional.”* (educadora da sala A)

*“A dificuldade em arranjar tempo entre as horas de lanche, de outras refeições. E também a dificuldade em arranjarmos actividades em conjunto.”* (auxiliar da sala A)

*“Aqui um aspecto a ter em conta era o estarmos todos em sintonia, as educadoras e os profissionais do centro de dia, ou seja, termos o mesmo objectivo no que toca à intergeracionalidade.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

Deste modo, os profissionais das valências para o idoso propõem a elaboração de um projecto comum às várias valências, com os mesmos objectivos e que se fundamente na promoção da intergeracionalidade.

*“Por exemplo, eu acho uma coisa gira, que eu já ando a propor há alguns anos, que é um projecto educativo... o projecto educativo ser feito em conjunto, entre as valências da infância, nomeadamente o pré-escolar, e nós. (...) O projecto educativo é o projecto da instituição, ser feito em conjunto, porque depois assim era mais fácil nós encontrarmos actividades que dissessem algo tanto às crianças como aos idosos.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

Esta proposta vem, simultaneamente, no seguimento da insatisfação perante a exclusiva associação das actividades intergeracionais com datas festivas (e.g. Natal, Carnaval, Desfolhada, etc).

*“Começámos a fazer... a continuidade tem sido sempre a mesma. É sempre nas mesmas alturas... a Desfolhada, o Carnaval.”* (educadora da sala B)

*“Porque nós acabamos por ir buscar mais efemérides e dias especiais, mas eu gostava de fazer um bocadinho mais que isso. Gostava de envolver a comunidade educativa de uma forma diferente.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

#### *Barreiras ambientais e arquitectónicas*

Os profissionais identificam ainda as barreiras arquitectónicas como outro aspecto que, embora não estando sob a sua responsabilidade, confrontam-se com ele na concretização das actividades.

*“Os obstáculos que vejo penso que estão relacionados com a acessibilidade dos sítios.”*  
(educadora da sala B)

*“De vez em quando os espaços mal adequados, porque têm barreiras arquitectónicas, complicadas, não é? (...) Por exemplo, nós fizemos uma actividade ali para o campo, que é um espaço amplo, vimo-nos aflitos, porque aquilo tem escadas e nós... É desconfortável.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Acho que o único obstáculo é o espaço. (...) Ao ar livre não temos esse problema, mas no interior sim. Em termos de espaço interior não existem dimensões suficientes para receber todas as crianças que gostaríamos.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

No entanto, um dos profissionais, a auxiliar da sala A, embora afirmando as dificuldades de deslocação dos idosos, ela não encara o espaço físico como um obstáculo, vendo a proximidade dos edifícios como uma vantagem e facilidade.

*“Acho que não há muitos obstáculos porque estamos perto. Estamos lado a lado, por isso, basta querer. (...) A deslocação dos idosos é mais dificultada porque as crianças conseguem fazê-lo mas, felizmente, estamos perto. Pior seria se estivéssemos a 2 ou 3 km de distância.”*  
(auxiliar da sala A)

Na opinião de um dos profissionais do jardim-de-infância, e de acordo com o que foi referido no capítulo 2, as actividades intergeracionais não devem acontecer em qualquer lugar, na medida em que ambientes hostis, de demasiada dependência ou debilidade dos idosos, poderão até reforçar os estereótipos face à velhice.

*“Depois aquela situação de encontrar muitos idosos no centro de dia sentados, quase como se apenas estivessem à espera da morte. Acho que essa situação até pode ser traumatizante para as crianças.”* (educadora da sala A)

Numa combinação dos dois níveis principais de obstáculos, os profissionais encontravam a criação de um espaço intergeracional, através da candidatura à FCG, como uma solução. Essa questão é referida pelas profissionais que trabalham com os idosos, as quais idealizam um espaço exclusivamente intergeracional criado dentro da instituição, com o intuito de colmatar todos os problemas trazidos por esses obstáculos.

*“Mas se se conseguisse fazer este tal projecto [da Fundação Calouste Gulbenkian], hum... e depois, para se cumprirem os objectivos do projecto, tinha que se pensar obrigatoriamente em actividades deste género, eu acho que se conseguia um ano interessante.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Se houvesse um espaço próprio para essas actividades, era mais fácil fazer actividades intergeracionais, com mais frequência, com mais crianças e com melhores condições, essencialmente em termos de recursos materiais. Seria através da criação de um espaço destinado a actividades intergeracionais, que tivesse um plano para o efeito.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

### **5.5.2 Factores relacionados com os participantes**

De acordo com Kaplan *et al.*, (2003), os participantes também têm limitações que às vezes precisam ser tomadas em consideração no desenvolvimento das actividades.

*“(...) os obstáculos são os obstáculos, os nossos pessoais e os decorrentes da idade. Em termos de obstáculos, os obstáculos somos nós. (...) Eu acho que acaba por ser. São as pessoas, são os técnicos, é quem está a trabalhar.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

É a este nível que se encontram os outros obstáculos com que os grupos se deparam, os quais se relacionam directamente com: as atitudes e o comportamento das crianças (estereótipos em relação à velhice; irrequietude; barulho); a debilidade física e a doença na velhice; o desempenho dos profissionais (vontade; problemas de comunicação).

#### *As crianças*

Quanto às atitudes e ao comportamento das crianças, a irrequietude e o problema do barulho provocado pelas mesmas foram dois dos aspectos referidos pelo grupo dos profissionais, os quais os consideravam como incomodativos para os idosos.

*“Inicialmente os miúdos vinham cá, mas depois os idosos também não gostam muito de barulho... E também não gostam de ver o seu espaço muito invadido pelos miúdos (...)”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Ou algum idoso se chatear com alguma criança por ela estar mais irrequieta.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

*“Às vezes queixam-se do barulho dos miúdos. As queixas são sempre mais do lado deles (dos idosos). Queixam-se de as crianças serem irrequietas.”* (educadora da sala B)

*“Alguns [idosos] já são pouco tolerantes ao barulho.”* (educadora da sala A)

Os profissionais consideram ainda a possibilidade de uma criança fazer algum comentário depreciativo a um idoso.

*“O que pode acontecer é alguma situação imprevista e desagradável de alguma criança fazer um comentário depreciativo a algum idoso.”* (animadora sociocultural do centro de dia)

Tendo em conta estas preocupações que se levantam com o comportamento das crianças, uma das profissionais, sugere a preparação prévia das mesmas para o convívio com os idosos.

*“Temos que ter em conta o preparar primeiro as crianças para receberem um idoso, por causa do barulho e da confusão. Acho que essa é a parte principal.”* (Manuela, auxiliar da sala B)

No entanto, embora os profissionais considerem que os idosos se sentem incomodados com o barulho, a maioria deles não fez referência a essa situação como algo incomodativo.

*“As crianças aqui são todos muito queridos.”* (Paula, 85 anos)

*“Eles quando vieram cantar as janeiras portaram-se muito bem.”* (Deolinda, 85 anos)

Apenas a Antónia refere que as crianças “não estão quietas” e que “batem umas nas outras”, considerando que apenas se portaram bem numa das vezes porque eram poucos.

*“Porque não estão quietos. (...) Depois batem uns nos outros...”* (Antónia, 86 anos)

*“Por acaso [portaram-se bem]. Eram poucos.”* (Antónia, 86 anos)

Acerca disto, a Maria referiu que as crianças tinham de estar sossegadas por uma questão do bom funcionamento da actividade, assim entendido pelas educadoras.

*“E depois eles tinham que estar assim sossegados. Os que faziam “Já acabaste” “Já!” “Tens que ir para acolá. Sossegadinho.” “Tá bem!” Que era para as raparigas os levarem. As monitoras os levarem...”* (Maria, 78 anos)

Estas declarações levam a considerar que os profissionais acham que os idosos se sentem incomodados com o comportamento e barulho provocado pelas crianças. Contudo, quase não foi feita referência a esse aspecto, pelo que poderá não ser assim tão pertinente ao nível do bem-estar dos idosos. Por outro lado, com base na visão dos idosos, constata-se que as actividades que envolvem um grande número de crianças podem ser menos positivas; pelo que este pode ser um aspecto importante a considerar no planeamento das actividades intergeracionais.

#### *Os idosos*

Ao nível da participação dos idosos nas actividades, constata-se que o modelo de interacção humana dos programas intergeracionais também é influenciado pelo nível de funcionamento cognitivo, social, emocional e físico dos idosos, tal como foi referido no capítulo 2. Aqui incide-se apenas sobre a vertente cognitiva e física, uma vez que estes dois se tornaram mais evidentes, na medida em que foram referidos, directa ou indirectamente, por idosos e profissionais.

Ao nível das capacidades cognitivas, o não saber ler e/ou escrever foi referido como um obstáculo ao poderem ensinar as crianças.

*“Ensinar... poucas coisas, filha. Porque lá nisso eu não sei ler... eu não sei uma letra.”* (Paula, 85 anos)

A velhice e a doença são encaradas pelos idosos como impedimento, sendo assim possível encontrar pensamentos idadistas que os idosos têm acerca de si próprios. Esta visão negativa em relação à velhice pode colocar em causa a sua participação social, na medida em que os idosos deixam de fazer algumas coisas porque consideram que por serem velhos, já não são capazes.

*“Oh, não. Então a gente agora velhas, eu, eu... o que é que eu fazia com as crianças?”* (Francisca, 87 anos)

*“Aqui como somos idosos e a maior parte também... uma grande parte pouco pode andar não é? E já isso, já andam muito.”* (José, 89 anos)

*“Oh, não filha. Eu...a minha idade já não dá pra fazer nada. Já estou esquecida de tudo.”* (Leonor, 88 anos)

*“Agora ela [Antónia] já está mais velha [para participar nas actividades com as crianças].”* (Fátima, 79 anos)

*“Ah, eu pra ensinar... estou velha pra ensinar!” (Antónia, 86 anos)*

Denota-se que, a doença não só coloca em causa a participação do idoso, como o impede mesmo de participar.

*“Então eu agora com 87 anos e deu-me uma trombose, um AVC, por este lado. Não posso fazer nada.” (Francisca, 87 anos)*

*“Eu a mesma coisa amiga [em relação à participação nas actividades intergeracionais]. Umas vezes doente, outras vezes... «prontes», também não havia.” (Fátima, 79 anos)*

*“Era para eu ir [participar no teatro do “Nabo Gigante”], mas depois como eu tinha o pacemaker e cansava-me, desisti.” (José, 89 anos)*

*“Não, eu por acaso no Carnaval não participei porque não podia andar muito e não quis...” (José, 89 anos)*

Os profissionais parecem estar alertados para esta situação, na medida em que têm a noção de que muitos dos elementos do grupo têm dificuldades de locomoção, pelo que consideram a debilidade física dos idosos na concretização das actividades.

*“Temos de ser sempre nós a deslocarmo-nos porque para nós é mais fácil.” (educadora da sala B)*

*“Há muitos velhos que se acomodam, que já não querem sair do seu canto e isso é compreensível.” (Manuela, auxiliar da sala B)*

*“Pelo menos [são obstáculos] para os nossos [idosos], que nós temos muitos que têm dificuldades de locomoção.” (técnica de serviço social das valências para o idoso)*

#### *Profissionais*

No que se refere aos obstáculos relacionados com o desempenho dos profissionais, os idosos consideram que “não é assim muito fácil” fazer uma actividade com as crianças na instituição, enunciando a falta de disponibilidade das profissionais que trabalham com as crianças. Consideram ainda que a concretização das actividades depende das mesmas.



*“Cá, é muito difícil fazer alguma coisa com os garotos. Não é assim muito fácil!”* (Maria, 78 anos)

*“Pois, aquele lado [pré-escolar] também têm muito trabalho.”* (José, 89 anos)

*“Mas isso depende lá das que tomam conta delas [das crianças].”* (Aurora, 79 anos)

Duas profissionais, generalizando às várias valências, explicam esta situação baseando-se nas exigências deste tipo de actividades e na falta de disponibilidade que, por vezes, existe para as mesmas.

*“Porque são actividades que dão muito trabalho. Exigem muita comunicação entre as pessoas e nem sempre nós estamos disponíveis para... com essa abertura.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

*“Quer dizer, o contacto e o estar presente já é muito bom, mas para fazer actividades mais organizadas já é mais complicado.”* (auxiliar da sala A)

No que se refere ao desempenho dos profissionais, parece haver ainda alguma incompatibilidade na visão dos profissionais de cada uma das valências. Enquanto os profissionais das salas do jardim-de-infância consideram que os profissionais que trabalham com os idosos também deviam “vir ao encontro das crianças”, os profissionais que trabalham com os idosos declaram que são sempre eles a tomar a iniciativa de realizar actividades entre os dois grupos.

*“De parte a parte, claro. Não são nós a promovê-lo, mas de maneira geral, as duas valências. Eles também devem vir de encontro aos pequenitos.”* (educadora da sala B)

*“São actividades, a maior parte delas, unidireccionais. Habitualmente é de nós para lá. As educadoras são sempre receptivas, mas depois não... elas nunca nos convidaram.”* (técnica de serviço social das valências para o idoso)

No entanto, embora as disparidades neste assunto, os profissionais das suas valências defendem que esse aspecto pode ser ultrapassado através da comunicação, bem como da cooperação no planeamento.

*“Penso que a questão da cooperação é importante para quebrar com alguns obstáculos. (...) E aí [no planeamento] tínhamos também que cooperar melhor com o outro lado, o do Centro de Dia.”* (educadora da sala A)

*“Queremos todos [profissionais das valências para a infância e para o idoso] que estas actividades se realizem mais vezes e termos a noção que estas actividades são benéficas para as duas faixas etárias. Porque se assim for, de certeza que vão aparecer mais ideias e oportunidades.”* (animadora sociocultural do centro de dia)



# Capítulo 6

## Conclusão

### 6.1 Conclusões para uma ressignificação das práticas intergeracionais

*“Num esforço para melhorar a qualidade dos seus programas e actividades, muitas instituições (lares, centros de dia) tendem a incorporar actividades com crianças e idosos nos seus planos de trabalho.” (Nunes, 2009)*

O CPSB apresenta-se como uma instituição multigeracional que, para além da intenção na promoção da intergeracionalidade, concretizou diversas actividades de cariz intergeracional entre as crianças das valências para a infância e os idosos das valências para o idoso. Ao longo do desenvolvimento deste projecto, que incidia precisamente sobre essas actividades, constatou-se que estas careciam de uma visão holística dada pelos vários intervenientes. Portanto, este trabalho pretendeu a ressignificação das práticas intergeracionais para que estas emergissem daqueles a quem se destinavam, para que assim se tornassem mais contextualizadas, significativas e enriquecedoras. Considerou-se então fundamental gerar processos de participação em que as crianças, os idosos e os profissionais, através da escuta e do diálogo, pudessem ser envolvidos e considerados no delineamento de objectivos, bem como no planeamento das actividades.

Todo o trabalho desenvolvido neste projecto e em torno desse contexto levou a uma reflexão colectiva e constante que conjugou várias perspectivas dadas pelos grupos participantes; pelo que foi possível constatar as várias potencialidades e barreiras dos programas intergeracionais sentidas neste caminho percorrido pelo CPSB. Contudo, e dada a imensidão das temáticas, optou-se aqui por apresentar apenas algumas dessas reflexões com a finalidade de incidir sobre os aspectos directamente relacionados com esse contexto.

Na medida em que o CPSB consistia num espaço frequentado e habitado por indivíduos, tal como muitas outras instituições, era também um lugar de laços familiares e consecutivamente de relações intergeracionais. Neste sentido, a instituição, além das intenções que tinha perante a intergeracionalidade, tinha inerente um ambiente familiar em que era possível encontrar duas e três gerações de uma mesma família. Portanto, a análise das dinâmicas intergeracionais da instituição teve de ser feita tendo em conta duas perspectivas: a de dentro e a de fora das paredes da instituição; de salientar ainda que nesta análise foram consideradas também as relações intergeracionais ao nível familiar tanto das crianças, como dos idosos. Através destes dois pontos de vista surgiram dois tipos de relações intergeracionais: fora da instituição (i.e. criança-avô/bisavô; idoso-neto/bisneto); e entre as valências da instituição (i.e. neto/bisneto institucionalizado e avô/bisavô institucionalizado).

Entre ambos os tipos de relações intergeracionais, o existente entre as valências foi o tipo de relação no qual foi possível verificar os efeitos da institucionalização. Embora os idosos tenham afirmado que o aparecimento das instituições foi algo benéfico para as crianças e para eles próprios ao nível dos cuidados (designado por eles por “mimo”), simultaneamente salientaram factores associados a essa situação que não são tão favoráveis, nomeadamente ao nível do convívio entre os dois grupos geracionais dentro da instituição. Apesar de as crianças passarem muito tempo no jardim-de-infância ou em actividades extra-curriculares, mesmo sendo no edifício vizinho ao centro de dia, a própria instituição revelou-se como um impedimento a que os idosos vissem e contactassem com os netos. Além disso, alguns dos idosos perspectivavam a sua própria institucionalização como uma separação entre eles e os restantes membros familiares, essencialmente aqueles que, associada à institucionalização, experienciavam situações de conflitos familiares, de doença e de distanciamento dos respectivos membros da família.

Foi então possível verificar que não basta ter dois grupos geracionais numa mesma instituição para assegurar oportunidades de convívio entre ambos; ou seja, a proximidade ao nível físico não

pode ser, isoladamente, um indicador de que existem mais oportunidades efectivas de contacto. Simultaneamente, os laços familiares entre as crianças e os idosos dentro da instituição, que poderiam ser considerados como elementos potenciadores das práticas intergeracionais, não eram perspectivados no planeamento das actividades. Assim, a institucionalização, bem como os factores a ela associados, reforçaram-se enquanto formas de segmentação etária revelando-se como obstáculos à concretização das actividades intergeracionais.

Estas barreiras foram reveladas pelo grupo dos idosos e pelo grupo dos profissionais e categorizam-se em duas vertentes principais, nomeadamente, ao nível da organização e do funcionamento da instituição e ao nível dos participantes. Quanto à primeira vertente, destaca-se a incompatibilidade e as dificuldades de comunicação entre as valências na definição dos objectivos e no planeamento das actividades (e.g. a unidireccionalidade na proposta de actividades do centro de dia para o pré-escolar: os passeios e as actividades independentes e que poderiam ser realizadas em conjunto). Além disso, as barreiras arquitectónicas dos edifícios apresentam-se como um obstáculo à deslocação de alguns idosos, levando os profissionais a colocarem em causa a concretização das actividades. Em relação à segunda categoria, esta encontra-se relacionada com os grupos envolvidos nas actividades e com os seus factores de participação (condições físicas e de saúde dos idosos, a atitude e o comportamento das crianças, e o desempenho e a vontade dos profissionais).

Para além destes obstáculos e dos aspectos sensíveis a considerar, as actividades intergeracionais são perspectivadas pelos idosos, pais e profissionais, como algo benéfico ao nível do bem-estar social e emocional de ambos os grupos geracionais. Foi possível encontrar vários aspectos convergentes referidos pelos vários grupos ao nível das trocas intergeracionais, tais como: o enriquecimento das aprendizagens e do desenvolvimento das crianças e dos idosos; o bem-estar emocional dos idosos no convívio com as crianças; o melhor conhecimento da velhice e uma melhor preparação para as várias etapas da vida nas crianças; o sentimento de utilidade e a auto-valorização dos idosos através de processos de participação criados pelas actividades; a valorização e a preservação do passado pelas crianças; e a inclusão dos idosos na sociedade através das trocas de informação sobre o mundo actual.

Contudo, para que todas estas vantagens das actividades intergeracionais sejam alcançadas, pensa-se que a relação criança-idoso se constitui como uma questão fundamental a considerar. Embora as crianças caracterizem os idosos a partir dos aspectos que estão a ser avaliados (i.e.

físicos, psicológicos e/ou sociais), essa caracterização vai ser influenciada, acima de tudo, pelo grau de afinidade que a criança tem com o idoso. Por sua vez, esta afinidade advém também das oportunidades e das condições proporcionadas para o convívio entre as crianças e os idosos. Ou seja, denotou-se que as crianças descreveram e abordaram mais positivamente os idosos familiares do que propriamente os idosos desconhecidos. Também os idosos caracterizaram de uma forma mais positiva as crianças da família, enquanto se referiam à infância em geral de um modo negativamente estereotipado.

Estas constatações advêm de alguns dados gerados que mostraram que mais e melhores oportunidades de convívio entre as gerações poderão levar a uma imagem e a uma relação mais positivas entre ambas. Os profissionais do jardim-de-infância consideraram assim que a imagem de dependência transmitida ao nível do centro de dia pode não ser muito favorável à construção de uma imagem positiva sobre a velhice pelas crianças. Aqui inclui-se também o papel da educação para o envelhecimento, a qual deve inserir-se numa lógica natural de encarar a vida, a passagem do tempo e as transformações que ocorrem. Simultaneamente, deverá basear-se numa lógica de “educação na vida” e não “para a vida”, considerando a ideia de que o envelhecimento não se trata apenas de uma questão exclusiva da velhice.

Com base em Nunes (2009), embora muitas instituições incluam actividades entre os idosos e as crianças com o intuito de melhorar a qualidade das práticas, entende-se que é preciso olhar estas práticas com a devida atenção. O caminho da intergeracionalidade não é certamente fácil. Este envolve vários grupos geracionais com as suas próprias especificidades, condições, estratégias e os aspectos a ter em conta são complexificados. Além disso, quando esse caminho pretende ser traçado ao nível de um contexto institucional, surgem outros obstáculos que devem ser considerados, nomeadamente os aspectos relacionados com a imagem e os estereótipos existentes entre crianças e idosos; a relação entre as crianças e os idosos; o desempenho e a vontade dos profissionais; a mobilidade e as condições físicas e de saúde do idoso; e o ambiente e as condições em que se proporcionam as oportunidades de convívio. Por outro lado, existem potencialidades que devem ser utilizadas enquanto estratégias que enriquecem as práticas, tais como os laços familiares dentro da instituição, as vantagens das trocas intergeracionais bidireccionais, e a participação dos idosos enquanto forma de auto-valorização pessoal.

Revela-se importante ter em conta que o facto de crianças e de idosos estarem presentes num mesmo espaço não levará, por si só, ao estabelecimento de relações sociais e afectivas. A

promoção da intergeracionalidade deve então merecer uma maior atenção por parte das instituições que atendem a mais de um grupo geracional, nomeadamente ao nível da comunicação e da cooperação entre os elementos da equipa de profissionais (especialmente no que se refere ao planeamento das actividades). Portanto, as actividades não se deverão constituir apenas por efemérides em que um ou ambos os grupos acabam por ter um papel de espectador (i.e. passivo), mas antes promover outro tipo de dinâmicas que gerem processos de envolvimento e de participação dos dois grupos em simultâneo. Caso contrário, as oportunidades de convívio entre os grupos, proporcionadas pelas actividades, poderão levar a um reforço dos estereótipos negativos e, consequentemente, à segregação etária já provocada pela institucionalização.

## **6.2 Limitações no desenvolvimento do projecto**

Tal como em qualquer projecto no âmbito da Educação Social (ou de outra área de estudo), os investigadores deparam-se com limitações. Neste projecto, as mais relevantes estão directamente relacionadas com a investigação com as crianças e com os idosos, nomeadamente perante a sua condição enquanto grupos institucionalizados, sujeitos a regras sobre formas de estar, de agir e de pensar. Assim, a situação de institucionalização destes dois grupos foi, em parte, incompatível com o paradigma participativo que se pretendia promover, o qual solicitava a sua actuação enquanto actores sociais e participantes na concretização deste projecto. Portanto, nem sempre era possível recorrer às técnicas e estratégias que se perspectivavam como as mais adequadas, pelo que, em algumas das vezes, teve de se recorrer às alternativas possíveis.

Estes aspectos revelaram-se um grande desafio ao nível das opções metodológicas, solicitando uma grande flexibilidade da agenda de investigação. Na medida em que essas opções se adequavam aos grupos em questão e às circunstâncias do momento, os dados nem sempre foram gerados sob as mesmas condições, nem seguindo o mesmo padrão. Assim, as diferentes opções tomadas de acordo com cada fase poderiam pôr em causa a objectividade e a validade dos dados. Contudo, a utilização da triangulação de instrumentos revelou-se eficaz numa geração de dados mais fidedigna. Acerca dos dados, refere-se ainda a possível influência do investigador na parte da análise e da interpretação dos mesmos, mesmo embora as tentativas de distanciamento e de objectividade.

Além disso, colocam-se outras questões inerentes aos instrumentos e técnicas utilizadas (i.e. conversas com os grupos participantes) que acarretam sempre as suas limitações, nomeadamente



ao nível da relação entre a gravação das conversas e dos constrangimentos dos sujeitos participantes, bem como da validade da informação fornecida pelos mesmos. A não familiarização dos grupos com estes instrumentos foi também um aspecto que consumiu tempo no desenvolvimento do projecto; a simples presença do investigador e a utilização da gravação levou à reconsideração de estratégias.

### **6.3 Contributos futuros do projecto**

Este trabalho, na medida em que é abrangente a várias áreas e temáticas, poderá constituir um contributo em diferentes sentidos. Embora a sua orientação plenamente direccionada para o CPSB, haverá certamente outras instituições multigeracionais que se possam sentir identificadas com esta realidade e que assim possam encontrar novas estratégias para a melhoria das suas relações e práticas intergeracionais. Para além disso, este projecto pode-se revelar como uma forma de sensibilização para a situação de institucionalização de crianças e de idosos, e das oportunidades de convívio intergeracional.

Dado o precoce desenvolvimento da área da intergeracionalidade a nível nacional e a escassez de trabalhos que abordam a questão da institucionalização relacionada com as relações entre gerações, este trabalho poderá servir como mais um contributo para um melhor conhecimento e divulgação de uma temática que começa a estar, cada vez mais, em voga. Por outro lado, considerando a extensão dos assuntos abordados, entende-se que este trabalho também poderá servir enquanto forma de reflexão sobre aspectos relacionados com: o progressivo envelhecimento da população mundial e um cenário de apelo à solidariedade intergeracional; o papel das relações intergeracionais ao nível familiar, institucional e da sociedade em geral; e a importância das dinâmicas de cidadania participativa numa melhor qualidade de vida para todas as gerações.

Considera-se que a grande parte dos objectivos propostos foram alcançados, ficando sob a responsabilidade dos profissionais do CPSB dar continuidade ao processo, nomeadamente ao nível do aperfeiçoamento das práticas intergeracionais, bem como da reconsideração da vertente intergeracional familiar das crianças e dos idosos dentro da instituição. Constata-se também que o projecto teve repercussões ao nível deste contexto, na medida em que atribui um novo papel das crianças e dos idosos da instituição - actores sociais na investigação. Esta situação terá levado, por sua vez, a uma reflexão no grupo de profissionais sobre o papel social destes dois grupos.

# Referências bibliográficas

- AGE - European Older People's Platform. 2009. *Meeting the Challenge of demographic ageing in the context of the current crisis: A plea for greater intergenerational solidarity*. AGE.
- Andrade, F. 2002. *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: IIE
- Bengtson, V. et al. 1987. *Measurement of Intergenerational Relations*. California: Sage Publications.
- Bengtson, V. et al. (ed.). 2003. *Global Ageing and Challenges to Families*. Hawthorne: Aldine de Gruyter.
- Bernard Van Leer Foundation. *Promoting social inclusion and respect for diversity in the early years*. Early Childhood Matters. June 2007. Number 108. The Hague: Bernard van Leer Foundation.
- Bell, J. 1997. *Como realizar um projecto de investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva
- Bourdieu, P. 1984. *Questions de Sociologie*. Ed. aug. d'un index. Paris: Ed. du Minuit
- Brannen, J.& Moss, P. 2003. *Rethinking Children's Care*. Buckingham: Open University Press.
- Bytheway, B. 2001. *Ageism*. Buckingham: Open University Press.
- Cachioni, M., & Neri, A. 2004. *Educação e Gerontologia: desafios e oportunidades*. RBCEH: Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano. Passo Fundo.
- Camden (Promoting Independence Group). *A survey of Intergenerational Working in the London Borough of Camden*. March 2007. Camden.
- Capul, M. 2003. *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora.
- Castro et al. 1999. *Construcción psicológica da la identidad regional: tópicos y estereótipos en el proceso de socialización el referente a Extremadura*. Badajoz: Gráfica Disputación Provincial de Badajoz.
- Chase-Lansdale, P. et al. (ed.). 2004. *Human Development Across Lives and Generations: The Potential for Change. The Jacobs Foundation Series on Adolescence*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Christensen, P., James, A. (org). 2005. *Investigação com Crianças: perspectivas e práticas*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

- Commission for the European Communities (COM). 2005. *Green Paper: Confronting demographic change: a new solidarity between the generations*. COM (2005) 94 Final. Brussels. EU.
- Commission for the European Communities (COM). 2006. *The demographic future of Europe – from challenge to opportunity*. COM (2006) 571 Final. Brussels. EU.
- Commission of the European Communities (COM). 2007. *Europe's demographic future: facts and figures*. SEC (2007) 638. Brussels. EU.
- Commission of the European Communities (COM). 2007. *Promoting solidarity between generations*. SEC (2007) 244 Final. Brussels. EU.
- Cunha, M. 2007. *Perfis do serviço de apoio domiciliário em Portugal: organização de recursos e serviços*; Tese de mestrado em Geriatria e Gerontologia, sob orientação de José Ignácio Martins. Aveiro: Secção Autónoma de Ciências da Saúde da Universidade de Aveiro
- Dahlberg, G., Moss, P., and Pence, A. 1999. *Beyond Quality in Early childhood Education and Care*. Postmodern Perspectives. Great Britain: Taylor & Francis Group.
- Denscombe, M. 1998. *The Good Research Guide: for small-scale social research projects*. Buckingham: Open University Press.
- Diversity in Early Childhood Education and Training (DECET). 2007. *Diversity & Equity: Making Sense of Good Practice*. The Hague: Bernard Van Leer Foundation.
- Estrela, A. 1986. *Teoria e Prática de Observação de Classes: Uma Estratégia de Formação de Professores*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Fernandes, Ana Alexandre. 1997. *Velhice e sociedade: demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Lisboa: Celta editora
- Ferreira, F. *As crianças e a comunidade: uma perspectiva intergeracional da educação*. Grupo de Trabalho 6: Infância(s), Família(s) e Comunidade(s): um olhar sociológico em torno de experiências de cidadania. IV Congresso Português de Sociologia. Mundos sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Humanas. 25 a 28 de Junho de 2008.
- Freire, P. 1979. *Educação e Mudança*. Coleção Educação e Comunicação vol.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Friedman, B. 1998. *Connecting Generations: Integrating Aging Education and Intergenerational Programming in Grades 2-8*. Simon & Schuster Adult Publishing Group.
- Generations United (GU). 2002. *Reaching Across the Ages: An Action Agenda to Strengthen Communities Through Intergenerational Shared Sites and Shared Resources*. Washington: GU.
- Generations United (GU). *Fact Sheet: Environmental Health for All Generations*. June 2006. Washington, DC: GU.
- Generations United (GU). *Fact Sheet: Intergenerational Opportunities in Early Childhood Settings*. October 2006. Washington, DC: GU.
- Gineste, Y., Pellissier, J. 2008. *Humanidade: Compreender a velhice, cuidar dos Homens velhos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Guerra, I. 2007 (2.<sup>a</sup> edição). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção - O Planeamento em Ciências Sociais*. Estoril: Príncípa Editora.

- 
- Guerra, I. 2010. *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncípa Editora.
- Graue, M. & Walsh, D. 2003. *Investigação Etnográfica com Crianças: Teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hagestad, G. 2006. *Transfers between grandparents and grandchildren: The importance of taking a three generation perspective*. 3/2006. p. 315-332.
- Harper, S. 2004. *Families in Ageing Societies: A multidisciplinary Approach*. New York: Oxford University Press.
- Hareven, T. (editor). 1996. *Aging and Generational Relations: Life-Course and Cross-Cultural Perspectives*. New York: Aldine de Gruyter.
- Hedegaard, M. et al. 2008. *Studying Children: a cultural-historical approach*. McGraw-Hill Education. England: Open University Press.
- Hennessy, C. & Walker, A. 2004. *Growing older: Quality of life in old age*. Growing Older Series: Alan Walker. New York (NY): Open University Press
- Kaplan, M. et al. 2003. *Developing an Intergenerational Program in your Early Childhood Care and Education Center: A Guidebook for Early Childhood Practitioners*. PennState: College of Agricultural Sciences.
- King, E. et al. 1994. *Educating Young Children in a Diverse Society*. United States of America: Allyn and Bacon.
- Lansdown, G. *La participación y los niños más pequeños*. in Revista Espacio para la Infancia. nº22. Bernard Van Leer Foundation. Novembro 2004.
- Lapassade, G. 1983. *Grupos, Organizações e Instituições*. 2ª Edição. Francisco Alves: Brasil.
- Lessard-Hébert, M. et al. 2005 (2 edição). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leyens, J. & Yzerbit, V. 1997. *Psicologia Social*. Lisboa: Edições 70.
- Lima, R. 2003. *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra: Desenvolvimento local e investigação participativa – A animação comunitária*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Lima, M. 2010. *Envelhecimento(s)*. Estado da Arte. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lovell, S. 2007. *Generations in Twentieth-Century Europe*. New York: Palgrave Macmillan.
- Lüscher, K. et al. 2004. *Intergenerational Ambivalences: New Perspectives on Parent-Child Relations in Later Life*. Contemporary Perspectives in Family Research. Volume 4. Oxford: Elsevier.
- Malki, M. 2008. *L'intergénération, une démarche de proximité*. Communication «Les Défis des relations intergénérationnelles». Colloque organisé par la Fondation Roi Baudouin. Bruxelles: Accordages.
- Martins e Rodrigues. s.d. *Estereótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. in Revista Educação, Ciência e Tecnologia. Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Centro de Ciências Físicas e Matemáticas – UFSC.
-

- Means, R. et al. 2002. *From Community Care to Market Care? The development of welfare services for older people*. Great Britain: The Policy Press.
- Mónica. 2007. *Projecto da Instituição*. Centro Paroquial de São Bernardo (documento não publicado)
- Naughton, G. *Respect for Diversity: an international overview*. [chapter 40]. Working Papers in Early Childhood Development. November 2006. The Hague: Bernard van Leer Foundation
- Nelson, T. 2002. *Ageism: stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge: MIT Press.
- Neri, A. 2001. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. Campinas: Papirus Editora
- Newman, S. et al., 1997. *Intergenerational Programs: Past, Present and Future*. United States of America: Taylor & Francis.
- Nunes, L. 2009. *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia do Desenvolvimento, sob a orientação da Professora Doutora Margarida Pedroso de Lima. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade de Coimbra.
- Observatório Permanente de Desenvolvimento Social. *Variações Demográficas*. Horizontes Sociais n.º2. Janeiro 2002. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Palmore, E. 1999. *Ageism: negative and positive*. New York: Springer
- Peeters, J. 2008. *The Construction of a New Profession*. A European perspective on professionalism in Early Childhood Education and Care. Amsterdam: SWP.
- Population Division, 2002. *World Population Ageing 1950-2050*. Department of Economy and Social Affairs (DESA). United Nations.
- Pugh, G. 1996. *Contemporary Issues in the Early Years: Working Collaboratively for Children*. Great Britain: National Children's Bureau - Early Childhood Unit.
- Quivy, R. 2008. *Manual de investigação em ciências sociais*. 5ª ed. Lisboa: Gradiva
- REAPN. 2008. *Envelhecimento Activo*. Rediteia n.º41. Portugal.
- Sarmiento, T. (org.), et al. 2009. *Infância, Família e Comunidade*. Porto Editora: Porto.
- Sarmiento, M. et al.. *Participação social e cidadania ativa das crianças*. in Rodrigues, D. (org.). *Inclusão e educação: Doze Olhares Sobre a Educação Inclusiva*. Summus Editorial. 2006.
- Soares, N. *A Investigação Participativa no Grupo Social da Infância*. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.25-40, Jan/Jun. 2006.
- Soldevila Benet, A. 2003. *Los centros de día para personas mayores*. Lleida: Universidad de Lleida. Servicio de Publicaciones.
- Soares, N. 2006a. *Infância e Direitos: participação das crianças nos contextos de vida – Representações, Práticas e Poderes*. Tese de Doutoramento. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Schmuck, R. 2006. *Practical action research for change*. Corwin Press, Inc: Thousand Oaks (CA).
- Silverman, D. 1994. *Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text and interaction*. London: Sage.
- Timonen, V. 2008. *Ageing Societies: A comparative introduction*. Glasgow: Open University Press.

- Trilla, J. (coord.). 2004. *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vala, J., Monteiro, M. (coord.). 2004. *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vandenbroek, M. 1999. *The View of the Yeti: Bringing up Children in the Spirit of Self-Awareness and Kindredship*. Netherlands: Bernard Van Leer Foundation.
- Veloso, E. *As universidades da terceira idade em Portugal: Um contributo para a análise da sua emergência*. in Revista Portuguesa de Pedagogia, ano 41-3. 2007.
- Vedder, P. et al. 1996. *Multicultural Childcare*. Bilingual Education and Bilingualism 9. Australia: Multilingual Matters Ltd.
- Walker, A. 1996. *The New Generational Contract - Intergenerational relations, old age and welfare*. London: UCL Press Limited.
- Xiberras, M. 1993. *As Teorias da Exclusão: Para uma construção do imaginário do desvio*. Epistemologia de Sociedade. Lisboa: Instituto Piaget.



# Anexos

## Anexo 1.A

### Resumo de projectos: *Gedeelde Werelden* e *Sloebercity*

Dos seis projectos que foi possível conhecer durante o Estágio Erasmus (*Gedeelde Werelden*; *Sloebercity*; *Geleende Woorden*; *Blauwe Aders*; *Jong van Hart*; *The Wijk: The Movie*), apresentam-se no quadro que se segue os dois que se revelaram mais adequados à temática desenvolvida neste projecto.

**Quadro 1.A.1:** Apresentação dos projectos: *Gedeelde Werelden* e *Sloebercity*.

Projecto	<i>Gedeelde Werelden</i>	<i>Sloebercity</i>
Instituições/entidades envolvidas	Creche <i>Dolfijntjes</i> <i>Campus Het Heiveld</i> : OCMW Gent	<i>Solidariteit voor het Gezin</i> vzw: uma organização com uma infraestrutura multigeracional ( <i>Sloebercity</i> - Creche; e a <i>Seniocity</i> - Serviços residenciais e de cuidados para idosos)
Participantes	6 a 9 crianças entre os 18 meses e os 3 anos e meio; 6 a 10 idosos entre os 75 e os 90 anos; 5 a 6 adultos (educadores, auxiliares de geriatria, voluntários e estagiários).	Crianças dos 0 aos 3 anos de idade; Idosos independentes que vivem nos 90 apartamentos da <i>Seniorcity</i> ou que frequentam o centro de dia ( <i>Dienstencentrum</i> ).
Razões/Motivos	Alterações demográficas e envelhecimento da população; Decréscimo da solidariedade; Solidão e isolamento social dos idosos (i.e. grande parte dos idosos em lares de idosos sente-se só e não recebe visitas regulares de familiares ou amigos); Incentivo financeiro da Fundação do Rei Baudouin.	Tirar vantagem da proximidade dos edifícios e do facto das várias infra-estruturas pertencerem à mesma instituição.



<p><b>Dificuldades/ Obstáculos</b></p>	<p>Tamanho do mobiliário adequado; Planeamento das actividades não foi tão fácil como o esperado; Conflitos nas linhas orientadoras dos projectos de cada instituição; Algumas crianças não estavam acostumadas a lidar com ambientes diferentes e pessoas desconhecidas; Alguns pais não queriam que os seus filhos participassem nas actividades intergeracionais.</p>	<p>Incompatibilidade entre o desenvolvimento de actividades intergeracionais e o planeamento diário das actividades na creche; O reduzido número de profissionais, o qual poderá ser preenchido com a existência de estagiários; Fim do financiamento põe em risco a continuidade do projecto; Alguns pais não concordam com o contacto entre as suas crianças e adultos desconhecidos; Alguns idosos não estão interessados no contacto com as crianças; A tenra idade das crianças poderá constituir um obstáculo, devido a questões de familiaridade e do vínculo; Actividades com crianças tão pequenas poderão ser mais difíceis de desenvolver do que aquelas que envolvem crianças mais crescidas.</p>
<p><b>Resultados</b></p>	<p>As actividades trouxeram diversidade e desafiaram o quotidiano dos educadores; Os pais começaram a considerar os idosos como membros da família, tratando-os por avós; As actividades eram muito curtas, pelo que não podem ser comparadas às verdadeiras relações entre avós e netos; O jogo entre crianças e idosos acaba por ser mais harmonioso do que apenas entre as crianças; Neste tipo de actividades a criança recebe uma atenção mais individualizada do que na creche; As actividades físicas trazem benefícios físicos, emocionais e sociais para os idosos, que se reflectem no seu bem-estar; As actividades aumentaram a qualidade de vida dos idosos, os quais se tornaram mais activos e motivados; Algumas actividades não tiveram resultados positivos, nomeadamente as actividades de dança e música.</p>	<p>Os profissionais afirmaram que alguns idosos alteram positivamente o seu comportamento na presença de crianças; Alguns pais referiram que as crianças falavam entusiasticamente sobre os encontros/actividades com os idosos; Algumas crianças criaram verdadeiros laços afectivos com alguns idosos (e.g. uma criança fez um desenho para oferecer a um idoso em especial); As crianças são confrontadas com a diversidade, com uma forma de estar e ser diferente, e isto pode ajudá-las a alargar o seu campo de conhecimento e a desenvolver algumas competências sociais.</p>

## Anexo 1.B

### Programa Entre Gerações da Fundação Calouste Gulbenkian

#### O Programa

Vivemos tempos de grandes mudanças. A nível demográfico a média mundial atingiu pela primeira vez, em muitas regiões, um número de jovens inferior ao de pessoas idosas. Na Europa, estima-se que a percentagem da população com mais de 60 irá aumentar de 20% em 1995 para 25% em 2020. Estas mudanças são o resultado de grandes conquistas do passado e merecem ser celebradas: as nossas vidas são agora mais longas e saudáveis do que nunca. Apesar disso, o envelhecimento da população representa um dos grandes desafios globais do séc. XXI para os governos e sociedade civil no sentido de enfrentar a magnitude do seu impacto no planeamento das suas acções.

Com um historial reconhecido de trabalho com os idosos e jovens em risco, a Fundação Calouste Gulbenkian através do Programa de Desenvolvimento Humano e da sua delegação do Reino Unido, identificou o envelhecimento como uma prioridade comum, lançando em 2008 um programa conjunto de apoio às áreas de acção mais urgentes.

Devido ao compromisso da Fundação em apoiar relações efectivas entre os indivíduos, famílias e comunidades, o valor das relações intergeracionais surgiu como uma área de interesse prioritária. Tal levou ao desenvolvimento do programa Entre Gerações através do qual pretendemos cumprir a nossa missão através do desenvolvimento e partilha de boas práticas nas áreas onde trabalhamos.

O objectivo do programa Entre Gerações é desenvolver uma avaliação baseada no utilizador do valor de diferentes práticas intergeracionais, criando uma ideia mais clara sobre que tipo de iniciativas conduzem a mais efectivas e sustentáveis relações intergeracionais que reforçam o sentido de comunidade e promovem a coesão social. Este site pretende criar uma imagem mais clara das iniciativas que levam a um desenvolvimento mais sustentável, envolvendo as relações inter-geracionais que irão fortalecer as comunidades e fomentar a coesão social. Com o crescente enfoque sobre a participação digital no debate sobre o envelhecimento, iremos também averiguar como as tecnologias de informação e as novas tecnologias podem ser utilizadas como ferramenta para atingir este objectivo.

## Enquadramento

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma fundação internacional, interessada em questões culturais, educacionais e sociais e que como um dos seus objectivos interligar e enriquecer as experiências de indivíduos, famílias e comunidades. Sediada em Lisboa, mas com delegações em Londres e Paris, a Fundação está numa posição privilegiada para apoiar projectos transnacionais que abordem os problemas com que a Europa é actualmente confrontada, no contexto do envelhecimento das populações. Tendo no passado trabalhado em prole de grupos tanto de idosos como de jovens em risco, o Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano e a delegação do Reino Unido identificaram o envelhecimento como uma prioridade comum e iniciaram em 2008 uma fase de exploração deste tema, apoiando investigação e organizando seminários em três áreas chave: demências, relações intergeracionais e solidão e isolamento entre idosos.

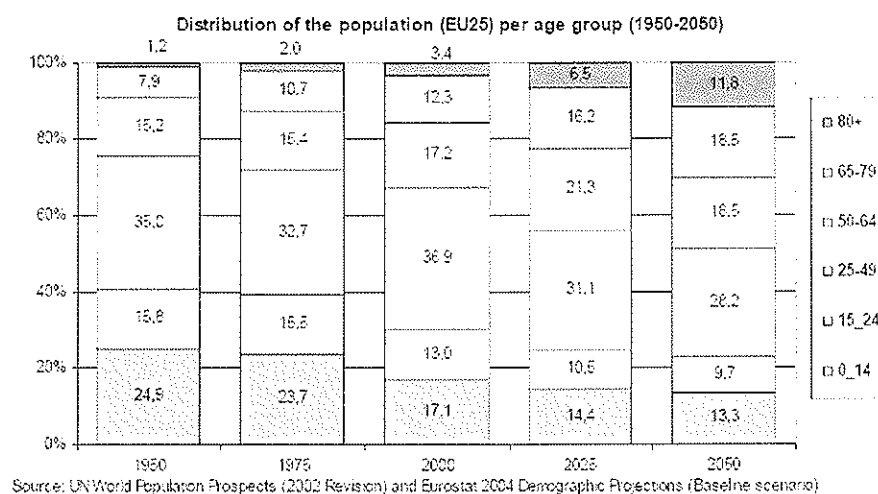
Na sequência dos resultados desta fase de investigação, a Fundação considerou como uma das suas prioridades a promoção das relações intergeracionais, trabalhando a nível transnacional. Assim, foi lançada no início deste ano uma iniciativa conjunta, Envelhecimento e Coesão Social, cujo objectivo principal é promover a coesão social e diminuir o isolamento em Portugal e no Reino Unido, através do fortalecimento das relações entre os diferentes grupos etários. No sentido de ajudar a estimular novas abordagens no contacto intergeracional e melhorar as intervenções em ambos os países, considerou-se necessário realizar um levantamento das actuais tendências e práticas em Portugal e no Reino Unido, bem como identificar outras ideias imaginativas internacionalmente.

Estes resultados permitiram-nos identificar pontes fortes e fracos nos dois países que iremos agora explorar melhor através do apoio e acompanhamento de um número seleccionado de projectos piloto inovadores e imaginativos. Consideramos essencial reforçar o potencial das organizações através de acompanhamento, orientação e trabalho em rede. Como tal, *ThinkPublic*, a agência britânica de referência na área do design de serviços, irá acompanhar personalizadamente cada um dos projectos para os ajudar a alcançar este objectivo.

(Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, in <http://intergenerationall.org/?lang=pt>)

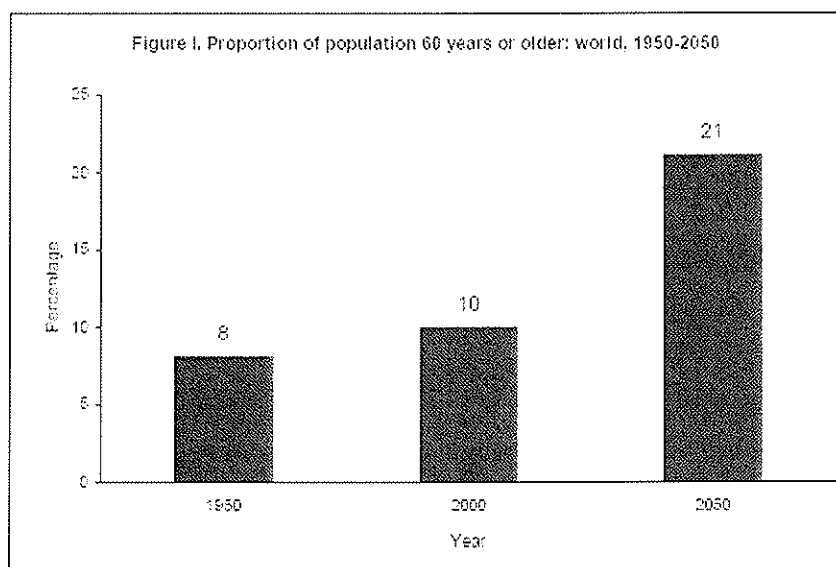
## Anexo 2.A

### O envelhecimento da população entre 1950 e 2050



(in "Commission for the European Communities, COM (2005) 94 Final")

Figura 2.A.1: O envelhecimento da população entre 1950 e 2050 na Europa dos 25.



(in "Population Division", 2002)

Figura 2.A.2: Proporção da população mundial entre 1950 e 2050 com 60 ou mais anos.



## Anexo 2.B

### A evolução da população portuguesa entre 1991 e 2001

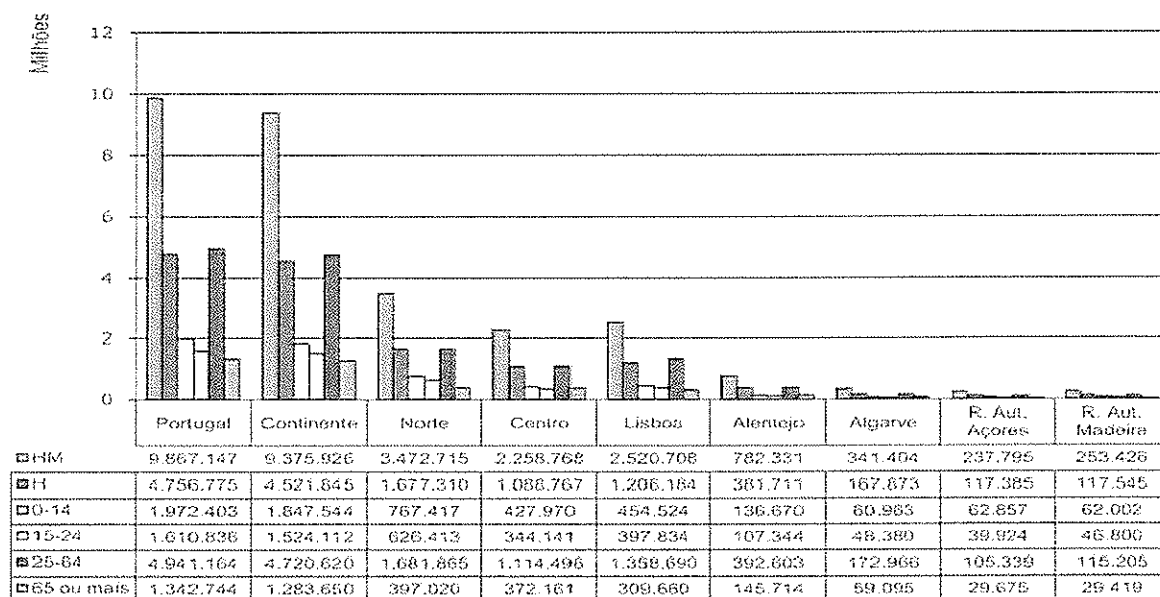


Gráfico 2.B.1: População residente em Portugal em 1991.

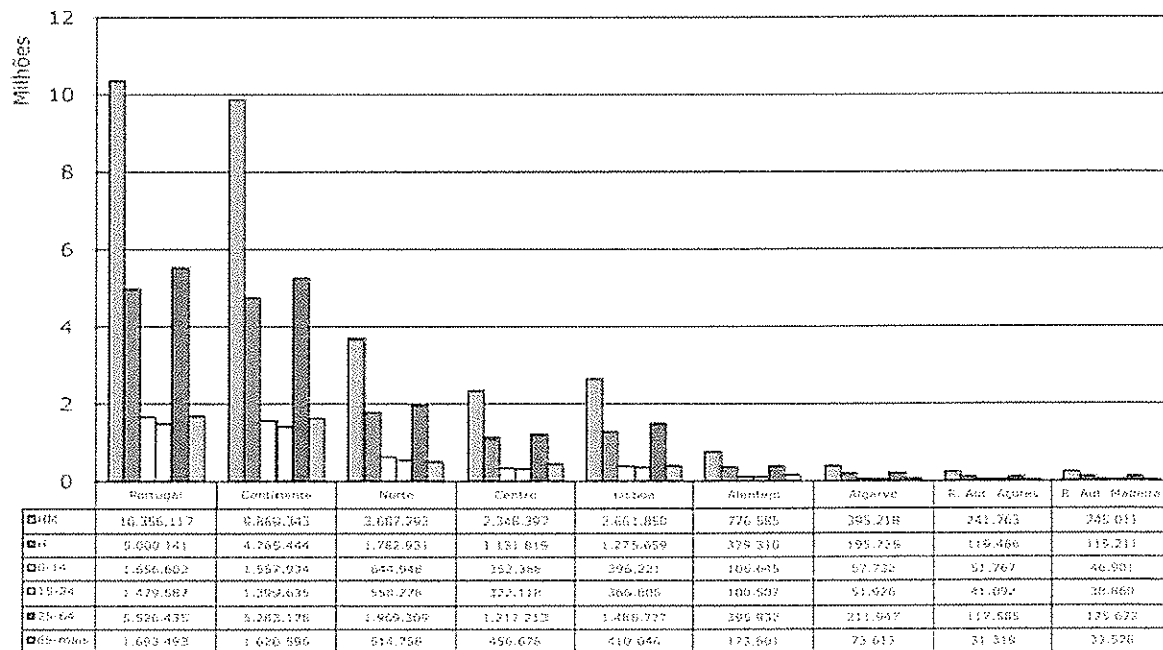


Gráfico 2.B.2: População residente em Portugal em 2001.

(in "Observatório Permanente de Desenvolvimento Social", 2002)



## Anexo 2.C

### Princípios teóricos da prática intergeracional considerados no Projecto Viver

A execução do Viver, tendo em linha de conta os princípios teóricos da prática intergeracional, é sustentada pelas seguintes visões:

- A intergeracionalidade deve ser encarada como um factor de promoção da inclusão e solidariedade social e bem-estar das pessoas;
- As iniciativas de promoção da intergeracionalidade devem privilegiar as relações intra-familiares e respeitar as dinâmicas individuais, institucionais e sociais, não devendo consubstanciar-se em acções de carácter pontual e artificial;
- Os projectos para a intergeracionalidade devem partir da ideia de que todos os elementos da família ou comunidade, independentemente da sua idade e/ou grau de dependência, são cidadãos de pleno direito;
- As relações intra-geracionais e intergeracionais na família deverão também ser percebidas à luz do enquadramento jurídico em vigor, distinguindo-se claramente os papéis de apoio económico, exercício de funções de tutela/poder paternal e prestação de cuidados;
- Para as pessoas idosas, em situação de dependência ou não, é fundamental que seja assumida a sua autonomia essencial, entendendo-as como elementos activos no seio do agregado familiar e das instituições que frequentam;
- O papel de prestador informal de cuidados pode ser intergeracional no sentido de que, nomeadamente pessoas idosas e jovens podem assumi-lo no núcleo familiar ao qual pertencem funcional e efectivamente;
- Vários trabalhos e estudos europeus na área da Intergeracionalidade nas famílias apontam para a necessidade de reforçar laços não apenas entre adultos e idosos e crianças/jovens, mas implicar igualmente a “geração sanduíche”. Neste caso, os adultos pais/filhos actuam como agentes de prevenção, por um lado, de possíveis problemas relacionais entre esses seus filhos e por outro, como fonte de reforço ou de recriação de relação daqueles com os seus ascendentes.

*(Manual de Boas Práticas-Intergeracionalidade, 2004, in Nunes, 2009)*



### **Princípios que permitiram traçar, no Projecto Viver, as competências dos profissionais que actuam na e para a intergeracionalidade**

Princípios utilizados pelo Projecto Viver e que permitiram traçar as competências dos profissionais que actuam na e para a Intergeracionalidade, definidos por Larkin (*in* Manual de Boas Práticas - Intergeracionalidade, 2004). São eles:

- Usar conhecimento sobre o desenvolvimento humano ao longo da sua vida e planear e implementar programas eficazes para aproximar gerações mais novas e mais velhas com benefício mútuo;
- Reconhecer as necessidades e empregar uma comunicação eficaz que suporte o desenvolvimento de relações intergeracionais;
- Compreender e demonstrar empenho em colaborar e formar parcerias;
- Integrar conhecimentos teóricos e instrumentos de várias áreas relevantes, incluindo Psicologia, História, Animação Sociocultural, Literatura e Artes para desenvolver os programas;
- Aplicar técnicas de avaliação ajustadas aos campos da Educação e das Ciências Sociais para informar o desenvolvimento dos programas para diversos grupos etários intervenientes e contextos institucionais;
- Reflectir acerca dos espaços e momentos onde pessoas de várias idades, com interesses comuns possam estabelecer relações mutuamente benéficas e satisfatórias.

## Anexo 2.D

### Estudos avaliadores de atitudes na infância face ao envelhecimento

Quadro 2.D.1: Excerto da tabela “Estudos que avaliam atitudes na infância face ao envelhecimento”.

Study	Subjects	Stimuli	Attitude measures	Attitudes towards older adults
Kogan, Stephens, and Shelton (1961)	Boys and girls: 4-6 years	Photos of males and females, 9-76 years	Rank targets by age, attractiveness, liking	Older adults perceived as older, less attractive, and less preferred
Seefeld <i>et al.</i> (1977)	Boys and girls: 3-11 years	Drawings of males 20-35, 35-50, 50-65, 65-80 years	Structured interviews	Children felt negatively about being old, described old men negatively, and preferred young men
Weinberger (1979)	Boys and girls: 5-8 years	Photos of children and young, middle-aged, and older adults, males and females	Rank targets by traits, appearance, and potential for social interaction	Older adults least preferred and perceived as having mostly negative traits
Dons and Walz (1981)	Boys and girls: 3-4 years	Photos of 20-, 40-, and 60-year-old males and females	Children's attitudes toward the elderly questionnaire	Older adults perceived as less attractive and unhealthy, but having some positive social qualities
Page <i>et al.</i> (1981)	Boys and girls: 4-11 years	Photos of different males and females	Interviews	Older adults less preferred
Burke (1981-1982)	Boys and girls: 4-7 years	Photos of males and females 25-35 and 65 years	Sociometric questions, interviews	Older adults perceived to have many negative but some positive characteristics
Miller, Blalock and Ginsburg (1984)	Boys and girls: 3-6 years	Drawing of younger and older male and female	Sociometric questions	Older adults selected less often

Mitchell <i>et al.</i> (1985)	Boys and girls: 5-13 years	Drawings of young middle-aged, and older males and females	Forced-choice questions	Older adults perceived to have negative physical abilities, positive personality traits, and neutral affective relations
Isaacs and Bearison (1986)	Boys and girls: 4-8 years	Photos of middle-age and older adults	Social Attitude Scale of Ageist Prejudice, behavioural measures	Older adults perceived negatively on verbal and behavioural measures
Rosenwasser <i>et al.</i> (1986)	Boys and girls: 3-5 years	Pictures of an old and young male and female	Sociometric questions	Older adults selected less often overall

(Montepare *et al.*; in Nelson. 2002)

## Anexo 3.A

### Evolução populacional no concelho de Aveiro

**Quadro 3.A.1:** População Residente segundo o sexo e idade, por freguesias, no concelho de Aveiro entre 1991 e 2001.

		25-64						65 ou mais					
Zona		1991			2001			1991			2001		
Geográfica		HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M	HM	H	M
Aveiro	V.A.	34 421	16 449	17 972	40 221	19 272	20 949	7 540	3 099	4 441	10 630	4 580	6 050
	N.L.	100			117			100			141		
Arados		4 459	2 154	2 305	4 247	2 023	2 224	942	395	547	1 236	571	665
Cacia		3 417	1 695	1 722	3 750	1 859	1 891	689	286	403	1 029	460	549
Erci		297	144	153	399	198	201	112	48	64	146	67	79
Eixo		1 896	926	970	2 880	1 415	1 465	453	190	263	617	257	360
Esgueira		5 856	2 838	3 018	6 999	3 403	3 596	914	376	538	1 310	562	748
Glória		4 744	2 174	2 570	5 420	2 497	2 923	1 122	438	684	1 579	615	964
Nariz		604	283	321	731	352	379	202	89	113	252	117	135
Oliveirinha		2 196	1 050	1 146	2 449	1 180	1 269	495	204	291	869	370	499
Requeixo		541	252	289	616	305	311	192	82	110	188	83	105
S. Bernardo		1 751	853	898	2 245	1 080	1 165	332	147	185	575	253	322
S. Jacinto		486	244	242	534	272	262	91	35	56	129	57	72
Vera Cruz		3 725	1 697	2 028	4 869	2 222	2 647	1 160	444	716	1 453	592	861
S. Joana		3 569	1 723	1 846	4 127	2 012	2 115	591	257	334	936	417	519
N.ª Fátima		880	416	464	955	454	501	245	108	137	311	139	172

(Instituto Nacional de Estatística, Portugal, censos de 1991 e Resultados preliminares Censos 2001, *in* Horizontes Sociais, 2002)



## Anexo 4.A

### Participação das crianças nas actividades ao longo do Projecto

Quadro 4.A.1: Dados da participação das crianças das salas A e B.

Nome	Desenhos	Conversas	Colagens	Entrevista
Sala A				
André		x		x
Bruna	x		x	
Carlos	x			x
Dora	x		x	
Fernanda	x	x	x	
Alexandra			x	
Isabel	x	x	x	x
Hugo		x		
Diana			x	
Marco			x	x
Rodrigo	x	x		
Filipe		x	x	x
Marta	x		x	
Marisa	x		x	x
Alice			x	
Diogo			x	
Francisco			x	
Juliana		x	x	x
Sara			x	x
Luís			x	
Sala B				
Ana	x			x
Sofia	x			
Cristina	x			
Rosa	x			
Mafalda				x



## Anexo 4.B

### Questionário sobre o contacto intergeracional

Solicitamos a sua colaboração no preenchimento deste questionário, o qual se insere no desenvolvimento do projecto de investigação sobre as relações e o contacto intergeracional. Este questionário pretende levar-nos a um aprofundamento do conhecimento sobre a relação existente entre as crianças e os avós.

Nome do educando: \_\_\_\_\_

#### Parte I

##### 1. O seu educando tem quantos...

... avós ☐

... bisavós ☐

... trisavós ☐

Nas três seguintes questões, em caso de não ser aplicável, deixe em branco.

##### 2. Quais as idades dos:

Avós

Bisavós

Trisavós

Avó Materna: \_\_\_\_ anos

Bisavó Materna: \_\_\_\_ anos

Trisavó Materna: \_\_\_\_ anos

Avô Materno: \_\_\_\_ anos

Bisavô Materno: \_\_\_\_ anos

Trisavô Materno: \_\_\_\_ anos

Avó Paterna: \_\_\_\_ anos

Bisavó Paterna: \_\_\_\_ anos

Trisavó Paterna: \_\_\_\_ anos

Avô Paterno: \_\_\_\_ anos

Bisavô Paterno: \_\_\_\_ anos

Trisavô Paterno: \_\_\_\_ anos

##### 3. Onde vivem os:

Avós Maternos

Bisavós Maternos

Trisavós Maternos

Avó: \_\_\_\_\_

Bisavó: \_\_\_\_\_

Trisavó: \_\_\_\_\_

Avô: \_\_\_\_\_

Bisavô: \_\_\_\_\_

Trisavô: \_\_\_\_\_

Avós Paternos

Bisavós Paternos

Trisavós Paternos

Avó: \_\_\_\_\_

Bisavó: \_\_\_\_\_

Trisavó: \_\_\_\_\_

Avô: \_\_\_\_\_

Bisavô: \_\_\_\_\_

Trisavô: \_\_\_\_\_

##### 4. Qual o número de vezes (por semana, mês ou ano) que o seu educando está com os:

Avós Maternos

Bisavós Maternos

Trisavós Maternos

Avó: \_\_\_\_\_

Bisavó: \_\_\_\_\_

Trisavó: \_\_\_\_\_

Avô: \_\_\_\_\_

Bisavô: \_\_\_\_\_

Trisavô: \_\_\_\_\_

Avós Paternos

Bisavós Paternos

Trisavós Paternos

Avó: \_\_\_\_\_

Bisavó: \_\_\_\_\_

Trisavó: \_\_\_\_\_

Avô: \_\_\_\_\_

Bisavô: \_\_\_\_\_

Trisavô: \_\_\_\_\_



5. O seu educando visita os avós, bisavós e/ou trisavós? Se sim, qual lhe parece ser a opinião dele em relação às mesmas?

---

---

---

---

6. Pode descrever a relação que existe entre o seu educando e os avós, os bisavós e/ou os trisavós?

---

---

---

---

#### Partell

7. O que pensa da promoção do contacto entre as crianças e os idosos?

---

---

---

---

8. O seu educando já participou em alguma actividade com os idosos do Centro de Dia do Centro Paroquial de São Bernardo? Se sim, qual ou quais?

---

---

8.1. Qual é a sua opinião em relação a estas actividades ?

---

---

---

9. Acha que existem vantagens para o seu educando na participação em actividades com os idosos? Quais?

---

---

---

Obrigado pela sua colaboração!

## **Anexo 4.C**

### **Guião da entrevista centrada com o grupo das crianças**

Conversa desenvolvida a partir de algumas fotografias da Desfolhada e do Atelier de Carnaval em que a maioria das crianças tinha participado.

1. Lembras-te desta actividade?
2. O que fizeram?
3. Quem conheces destas fotografias? E quem eram estas pessoas (os idosos)?
4. Achas que as crianças gostaram? Porquê?
5. E tu gostaste? Porquê?
6. O que gostarias de ter que não tinha?

### **Guião da entrevista centrada com o grupo dos idosos**

1. Importância do contacto entre as diferentes gerações (i.e. crianças e idosos)
2. O convívio com crianças e jovens e a qualidade de vida do idoso
3. Contributos dos idosos na vida das crianças
4. Participação nas actividades
  - 4.1. Fale sobre algumas das actividades
  - 4.2. Motivos para a participação (ou não participação)
  - 4.3. Dê a sua opinião em relação a essas actividades
  - 4.4. Como se sentiu antes e depois das actividades
  - 4.5. Impacto (diferença) no dia-a-dia e no bem-estar
  - 4.6. Futuras actividades (propostas, participação e opiniões)

### **Guião da entrevista centrada com o grupo dos profissionais**

1. Importância do contacto intergeracional (motivos e beneficiários)
2. Promoção do contacto intergeracional ao nível das valências para a infância/para o idoso
3. Realização de actividades intergeracionais (tipo de actividades; intervenientes e envolvidos; alterações nas práticas educativas; vantagens e desvantagens; obstáculos; e resultados)
4. Diferença no quotidiano da criança/idoso
5. Actividades intergeracionais futuras (ideias e estratégias a concretizar e aspectos importantes a ter em conta)



## Anexo 4.D

### Quadros-resumo relativos às conversas com os idosos

**Quadro 4.D.1:** Análise das transcrições das conversas com os idosos (feita por duas educadoras de infância e a psicóloga do CPSB).

Pontos Fortes	Aspectos a melhorar
<p>As actividades intergeracionais permitem desenvolver a memória dos idosos (<i>"não fica estacionada"</i>);</p> <p>Os idosos transmitem conhecimentos e tradições às crianças;</p> <p>Existe uma aprendizagem mútua;</p> <p>O convívio com crianças proporciona-lhes alento, distração e alegria;</p> <p>Há idosos dispostos a partilhar saberes;</p> <p>Acreditam que as crianças gostam de estar com eles;</p> <p>Gostavam que fossem realizadas mais actividades.</p>	<p>São organizadas poucas actividades;</p> <p>Os idosos vêem-se a eles próprios como pessoas com lacunas e já incapazes de dar um contributo importante;</p> <p>Não há passeios conjuntos;</p> <p>As crianças dão pouca atenção aos idosos;</p> <p>Há pouco pessoal para acompanhar as actividades.</p>

**Quadro 4.D.2:** Análise das transcrições das conversas com as crianças (feita pelas profissionais das valências para os idosos).

Pontos Fortes	Aspectos a melhorar
<p>Os idosos ajudam as crianças e estas sentem-se ajudadas por eles;</p> <p>As actividades, como as Desfolhadas, deram a conhecer os costumes de antigamente;</p> <p>O convívio regular com os idosos altera, num sentido positivo, a imagem que as crianças têm acerca deles.</p>	<p>O menor contacto com os idosos leva a um desconhecimento e, consequentemente, a uma atitude negativa por parte das crianças.</p>

**Quadro 4.D.3:** Análise das transcrições das conversas com as educadoras de infância e auxiliares de acção educativa (feita pelas profissionais das valências para os idosos).

Pontos Fortes	Aspectos a melhorar
<p>Promover o respeito pela diferença;</p> <p>Promover a educação para os valores de cidadania;</p> <p>As crianças transmitem alegria aos idosos;</p> <p>Os idosos transmitem paz, sossego às crianças;</p> <p>Valorização do idoso.</p>	<p><i>"As crianças encontrarem alguém tão débil... Penso que pode chocar"</i>;</p> <p>Deslocações;</p> <p>Problemas colaboração/cooperação;</p> <p>Dificuldade em arranjar actividades conjuntas.</p>

**Quadro 4.D.4:** Análise das transcrições dos questionários aos encarregados de educação (feita por uma educadora de infância e pela coordenadora do pré-escolar).

Pontos Fortes	Aspectos a melhorar
<p><i>"as crianças convivam e se sintam bem com as pessoas mais velhas";</i>  <i>"enriquecimento intergeracional";</i>  <i>"sabedoria da vida";</i>            Aprender a respeitar as pessoas idosas;            Ter noção que um dia também vão ser avós e idosos;            Transmissão de experiência, disponibilidade e carinho;            Tem mais paciência;            Partilha de saberes.</p>	<p>Alguns pais não têm conhecimento da realização das actividades.</p>

**Quadro 4.D.5:** Análise das transcrições das conversas com os profissionais do centro de dia (feita por duas educadoras de infância).

Pontos Fortes	Aspectos a melhorar
<p>Projecto da instituição ser feito em conjunto;            Criação de um espaço destinado às actividades intergeracionais;            O convívio entre crianças e idosos.</p>	<p>Barreiras arquitectónicas (por isso o espaço adequado);            Poucas actividades - a maior parte são unidireccionais.</p>

## Anexo 5.A

### Dados relativos ao número de avós e bisavós das crianças

Quadro 5.A.1: Número de avós e bisavós das crianças das salas A e B.

Nome	Número de avós	Número de bisavós
Sala A		
André	3	0
Bruna	2	0
Carlos	4	1
Dora	-	-
Fernanda	4	1
Alexandra	1	0
Isabel	-	-
Hugo	-	-
Diana	2	2
Marco	3	2
Rodrigo	-	-
Filipe	3	1
Marta	3	1
Marisa	3	1
Alice	-	-
Diogo	-	-
Francisco	-	-
Paulo	-	-
Juliana	4	1
Sara	-	-
Luís	-	-
Sala B		
Pedro	4	1
Tiago	3	0
Cristina	3	2
Bruno	4	4
Mafalda	-	-
Rosa	4	1
Tânia	4	0
Andreia	4	0
Daniela	2	2
Angelo	3	3

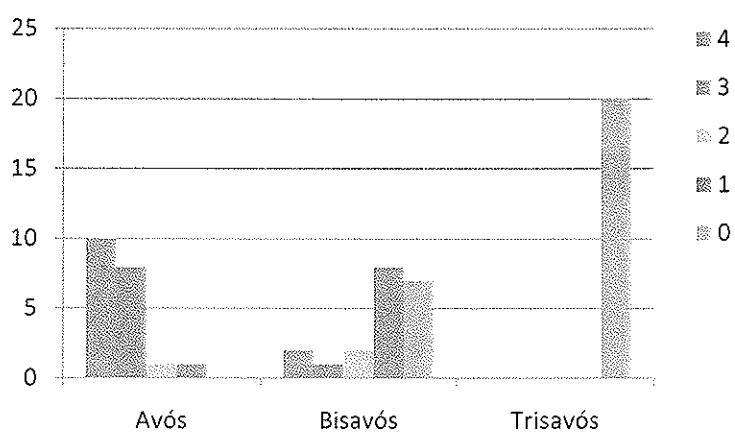


Figura 5.A.1: Número de avós, bisavós e trisavós por criança.

## Anexo 5.B

### Dados dos idosos sobre o número de netos, bisnetos e trinetos

Quadro 5.B.1: Número de netos, bisnetos e trinetos por parte dos idosos.

Nome	N.º de netos	N.º de bisnetos	N.º de trinetos
Antónia	4	NA	NA
Francisca	1	2	0
Aurora	4	0	0
José	0	0	0
Manuela	6	1	0
Leonor	2	2	0
Paula	5	0	0
Fátima	11	3	0
Deolinda	5	6	1
Maria	3	0	0

**Legenda:**

NA (Não aplicável): o número de netos, bisnetos ou trinetos é desconhecido pelo próprio.





## Anexo 5.C

### Dados sobre a frequência de contacto das crianças com os avós e bisavós

Quadro 5.C.1: Frequência de contacto das crianças com os avós e bisavós.

Nome	Avós maternos	Avós paternos	Bisavós maternos	Bisavós paternos
Sala A				
André	Diariamente	Mensalmente	NE	NE
Bruna	Diariamente	Anualmente	NE	NE
Carlos	Diariamente	Diariamente	NE	Mensalmente
Fernanda	Semanalmente	Semanalmente	Semanalmente	NE
Alexandra	NE	Semanalmente	NE	NE
Diana	Diariamente	Mensalmente	Mensalmente	Anualmente
Marco	Diariamente	Diariamente	Diariamente	NE
Filipe	Semanalmente	Semanalmente	NE	Anualmente
Marta	Semanalmente	Semanalmente	Mensalmente	NE
Marisa	Diariamente	Mensalmente	Diariamente	NE
Juliana	Semanalmente	Diariamente	NA	NE
Sala B				
Pedro	Anualmente	Diariamente	Nunca	NE
Tiago	Anualmente	Anualmente	NE	NE
Cristina	Diariamente	Diariamente	Mensalmente	NE
Bruno	Semanalmente	Semanalmente	Semanalmente	NA
Rosa	Mensalmente	Semanalmente	NA	NE
Tânia	Semanalmente	Mensalmente	NE	NE
Andreia	Semanalmente	Semanalmente	NE	NE
Daniela	Diariamente	NE	Anualmente	NE
Angelo	Mensalmente	Mensalmente	NE	NE

**Legenda:**

Diariamente: 5 ou mais vezes por semana (incluem-se também os casos de co-habitação temporária ou permanente);

Semanalmente: menos de 5 vezes por semana;

Mensalmente: 1 vez por mês, no mínimo;

Anualmente: uma vez por ano, no mínimo;

Nunca: não existe contacto, mas os avós (ou bisavós) estão vivos;

NA (Não aplicável): não é especificada a frequência de contacto;

NE (Não existe): os avós (ou bisavós) não são vivos.

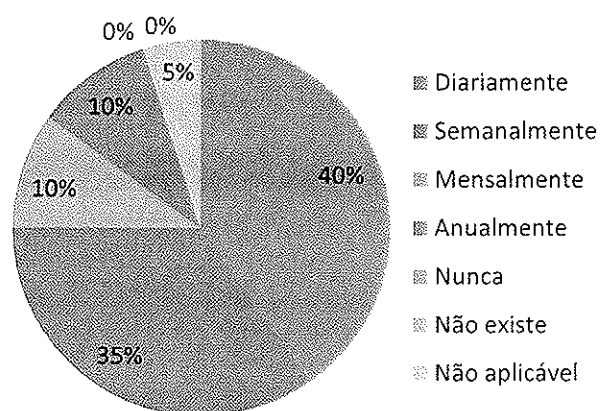


Figura 5.C.1: Contacto entre as crianças e os avós maternos.

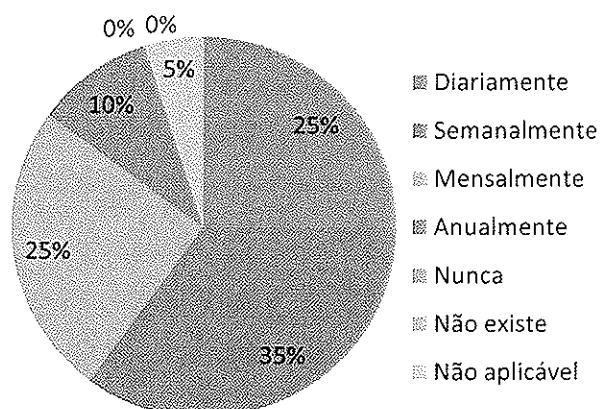


Figura 5.C.2: Contacto entre as crianças e os avós paternos.

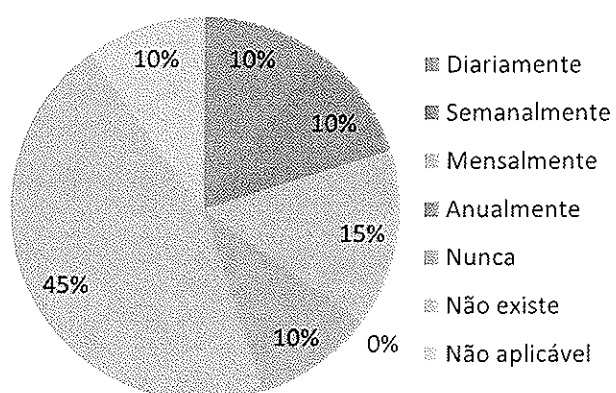


Figura 5.C.3: Contacto entre as crianças e os bisavós maternos.

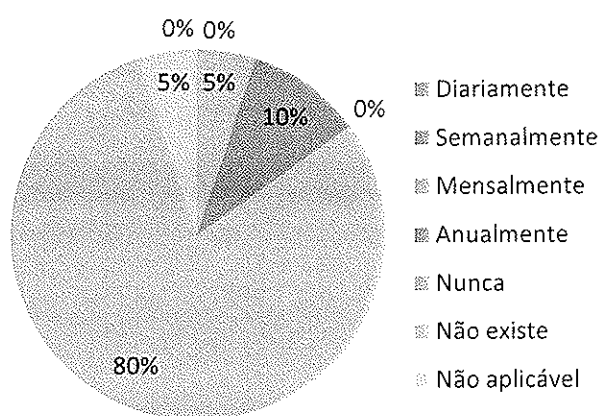


Figura 5.C.4: Contacto entre as crianças e os bisavós paternos.

